

CORREIO BRAZILIENSE

DE JANEIRO, 1814.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvêra la chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

ORDEM DO DIA DO MARECHAL BERESFORD.

Quartel-general de Ustariz, 9 de Dezembro, de 1813.

O ILLUSTRISSIMO e Excellentissimo Sñr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, obedecendo ás ordens de SS. EE. os Senhores Governadores do Reyno, dá a conhecer ao exercito de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor as duas Cartas, que abaixo seguem, ás quaes vindo de taõ altas authoridades, naõ deve S. E. accrescentar mais cousa alguma, do que felicitar o exercito de S. A. R. por motivo de taõ distinctos, decisivos, e altos testemunhos do seu merecimento.

1ª Carta.

Ill^{mo}. Ex^{ma}. Sñr.—Naõ podendo deixar de causar o mais vivo entusiasmo no Exercito o conhecimento do quanto S. A. R. o Principe Regente do Reyno Unido aprecia, e considera os serviços prestados pelo Exercito Portuguez á causa commum; e sendo bem de crer, que depois da benigna approvaçãõ do seu Soberano o Principe Regente de Portugal, nenhuma pôde ser mais satisfactoria para o mesmo exercito, e para V. Ex^a. mesmo; o governo julga naõ deve retardar a V. Ex^a. o dito conhecimento, para que V.

Ex^a. o possa communicar ao exercito, que taõ dignamente se tem comportado, e que tem sabido merecer estes taõ justos como lisongeiros elogios. Para o referido remetto a V. Ex^a. a copia inclusa da carta, que Lord Castlereagh escreveu a Lord Strangford, e que foi communicada a este governo officialmente, e por Ordem da sua Corte, pelo Cavalheiro Sir Carlos Stuart. Deos guarde a V. Ex^a. Lisboa, no Palacio do Governõ, em 20 de Novembro, de 1813.

Sr. Marquez de Campo Maior.

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.

2^a. Carta.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 11 d' Outubro de 1813.

MY LORD,—A importante e distincta parte, que constantemente tem tido as tropas de Portugal nas brilhantes accõs da presente campanha, nunca deixáram de chamar, em todos os seus successivos triunfos, a particular attençaõ do Principe Regente, nem de excitar a mais viva, e decidida admiraçaõ de S. A. R.

Devo pois communicar a V. S. as positivas Ordens do Principe Regente para que, em audencia especial, requeira para este fim, haja V. S. de offerecer ao Principe Regente de Portugal as sinceras, e affectuosas congratulaçoens de S. A. R. pelos eminentes serviços de suas tropas, cuja reputaçãõ militar se acha estabelecida por uma serie de feitos de armas até um ponto, que as faz credoras do respeito, e confiança de todo o exercito.

Póde V. S^a. asseverar ao Principe Regente de Portugal que S. A. R. encarrega a V. S^a. de lhe manifestar os seus sentimentos nesta interessante occasiaõ com um prazer naõ menos sincero do que aquelle que S. A. R. tem experimentado em applaudir as tropas Britannicas, que unidas a seus Camaradas Portuguezes, e Hespanhoes, tem participado da gloria de expulsarem quasi inteiramente o inimigo da Peninsula, persuadindo-se S. A. R., que para o complemento desta grande obra, nada mais se requer do que perseverança da parte dos Alliados, uniaõ indissolúvel, e con-

stancia em sustentar, no dia do combate, aquelle valor, e disciplina, que até ao presente tem taõ eminentemente caracterisado o seu comportamento.

Sou com todas as véras, e respeito,

My Lord, (*Assignado*) CASTLEBEAGH.

Visconde Strangford, K. B. &c. &c. &c.—

MOZINHO.—Ajudante General.

FRANÇA.

Decreto para suspender os pagamentos da divida publica da Hollanda.

St. Cloud, 23 de Novembro, de 1814.

ART. 1. Desde a data do prezente, todos os pagamentos devidos por conta da Divida Publica, &c. da Hollanda, Iliria, do departamento Hanseatico, e do departamento de La Lippe, estam suspensos.

2. Fica igualmente suspenso o ulterior pagamento de todas as Pensoens, Civis, e Militares, nos dittos departamentos, e terras.

3. Tudo o que os nossos Ministros deverem naquelles departamentos e terras, nomeados no artigo 1, para pagamento dos soldados, ajudas de custo, requisiçoens, levas, &c. &c. de qualquer natureza, ou para algum serviço nos dittos departamentos, fica tambem suspenso.

4.—Nenhuma excepção deste Decreto sera concedida por qualquer respeito que for, sem a nossa pessoal approvaçãõ.

Falla do Conde Regnaud de St. Jean d'Angerly ao Senado aos 21 de Dezembro de 1813.

SENHORES,—Nas duas ultimas campanhas, sem termos sido abandonados pela victoria temos sido atraídoos pela fortuna.

Na primeira, um daquelles invernos, que opprimem a natureza uma vez em cem annos; na segunda, uma revolta, e abandono de que a Europa offerece poucos exemplos, tem feito esteis os mais brilhantes successos.

que tinha gozado a pros-

peridade sem se embriagar com ella, supportou a desgraça sem abatimento: depois de ter nas precedentes guerras defendido generosamente, os territorios dos nossos Alliados dos males da guerra, estamos valorosamente preparados para defender delles o nosso.

Chamados á roda do throno debaixo de graves circumstancias, o Imperador ainda vos tem associado, Senhores, nas vistas da sua politica, como nos esforços da sua administraçãõ. Disse as vistas, e não os segredos da sua politica, e em resumo, esta politica tem sido sempre a defeza, e a independencia, da honra, da industria, e do commercio da França, e de seus Alliados.

Porem as naçoens, assim como os governos, profundamente movidas, e fortemente preoccupadas pelos mais recentes acontecimentos, esquecem-se dos mais distantes; tem mal impressas na memoria as primeiras causas, e perdem de vista os aneis daquelle cadea historica, que prende o passado com o presente.

Naõ permitta Deus, Senhores, que eu agora aqui descreva algum dos passados males, calculados para infecionar alguns espiritos, para reinflamar alguns resentimentos. Naõ trago á memoria o passado, nem eu vollo faço lembrar, senaõ porque em cada uma das paginas em que a lembrança delle se conserva, se pode descobrir com certeza quaes foram os provocadores da guerra. A guerra existe na Europa há vinte annos; a ultima está ligada com a primeira, e he em consequencia da sua origem. Para se ver a quem se devem imputar as desgraças, e a duraçãõ da guerra, será sufficiente referir a sua causa, e recordar-se de que os intervalos de paz, ou para melhor dizer, as curtas treguas durante as quaes as naçoens tem respirado, devem-se á França.

A aggressãõ não procedeo de França; nem em 1792, quando foi invadida; nem no anno septimo, quando o tractado de Campo Formio foi quebrantado; nem no anno oitavo, quando os Russians atravessaram a Alemanha, e a Italia, para ameaçar a nossa fronteira; nem no anno decimo, quando o tractado de Amiens foi violado; nem na epocha da invazaõ da Baviera, quando a paz de Luneville foi desapprovada; nem na epocha em que o tractado de Presburgo foi posto em esquecimento,

nem quando os contractos de Tilsit foram abandonados ; nem quando os tractados de Vienna, e de Paris, foram feitos em pedaços.

E pelo contrario, ¿ não foi França, que victoriosa, e conquistadora consentio no armisticio de Leoben, e na paz que se lhe seguiu ? quem venceu em Marengo, so para tractar em Luneville : em Austerlitz, so para restituir a maior parte das suas conquistas, ou para dotar thronos com ellas ; quem não tem recusado um armisticio durante a guerra ; ou a paz durante as gocioçens, nem antes do tractado de Presburgo, nem antes do de Vienna ?

Na occaziaõ presente, ¿ não tem as bazes preliminares, propostas pelas potencias alliadas, sido adoptadas por S. M., que declara ao seu povo, aos seus alliados, e aos seus inimigos, *que da sua parte não ha obstaculos para o restabelecimento da paz ?*

Estas verdades, Senhores, no que respeita as precedentes guerras, estam consagradas por monumentos que ja são o invariavel patrimonio da historia ; pelo que respeita aos acontecimentos mais modernos, haõ de ser provadas pelos documentos contidos na pasta do Ministro dos Negocios Estrangeiros, para tomar conhecimento dos quaes, S. M. ordena, que de entre vos outros se nomee uma commissaõ.

Em quanto as negociaçens vam progredindo, as potencias da eoaliciaõ tem insistido na continuacãõ das hostilidades. Por aquillo nos tem ellas mostrado as medidas que estam prescriptas para a salvaçãõ do estado, e honra do Imperio. S. M. disse-vos, Senhores, “ as naçoens não podem tractar com segurança senaõ desenvolvendo todo o seu poder. Porem a energia que se manifesta em todas as partes, as numerosas levas que estam em marcha, ja sufficientemente fazem conhecer a resoluçãõ da naçãõ Franceza para preservar a segurança do seu territorio, e a honra das suas leys.

Sede de gloria, amor da patria, e o dezejo da sua prosperidade, são paixoens que nunca se apagam em coraçoens generosos. Ellas são um penhor do zelo com que vós, Senhores, vos haveis de associar, nos esforços da administraçãõ ; para apoiar com poderosos meios de defeza, as negociaçoens que vam

Menos poderosa, menos forte, menos fertil em recursos estava a França no anno oitavo, quando foi ameaçada pelo norte, invadida pelo sul, despedaçada no interior, exausta em suas finanças, desorganizada em suas administraçoens, desacoroçada em sens exercitos. Os mares trouxeram-lhe a esperança, a victoria de Marengo restaurou-lhe a honra, o tractado de Luneville restituiu-lhe a paz. Descrevo, Senhores, esta pintura, a fim de vos tornar a lembrar o energico sentimento da nossa dignidade, dentro, e fora, somente para que os nossos amigos, e inimigos possam ao mesmo tempo intender, os pensamentos do monarcha, e a força da nação; a moderação dos seus desejos, o ardor por uma paz honrosa, e o seu horror para uma paz vergonhosa.

O Corpo Legislativo deo aos Oradores do Conselho de Estado uma copia authentica do seu Imperial Decreto, do qual elle acabava de receber uma participaçãõ, assim como da falla do Conde Regnaud Saint Jean d'Angely, e ordenou que o todo fosse incorporado no processo-verbal, e se imprimissem seis copias.

Depois que os Oradores se foram do Conselho de Estado, a assemblea ficou de se ajuntar ao outro dia á uma da tarde em ponto.

O Conde Regnaud apresentou-se no Tribunal do Corpo Legislativo, e leo um Decreto de S. M. nos seguintes termos:—

Extracto da Minuta do Secretario de Estado.

Palacio das Thuilleries, 20 de Dezembro.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçãõ do Rheno, Mediador da Confederaçãõ Suissa, &c. &c.—Com a approvaçãõ do nosso Conselho, temos decretado, e decretamos o seguinte:—

ART. 1. O Corpo Legislativo nomeará uma Commissão Extraordinaria de cinco Membros.

2. Cada um será nomeado por um escrutinio separado, e por uma absoluta majoridade de votos.

3. O Presidente do Corpo Legislativo será de direito um Membro da Commissão, independentemente dos Membros eleitos por sorte.

4. Quando a nomeaçãõ da Commissão estiver concluida, o

Presidente do Corpo Legislativo fallo-há saber por um messageiro.

5. O presente Decreto sera levado ao Corpo Legislativo pelos Oradores do nosso Conselho de Estado.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

DECRETOS IMPERIAES.

Palacio das Thuilletias, 26 de Dezembro, de 1813.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. &c.—Temos decretado, e decretamos o seguinte:—

ART. 1. Seraõ mandados Senadores, ou Conselheiros de estado para as divisoes militares, em qualidade de nossos commissarios extraordinarios. Estes seraõ acompanhados por *Maitres des Requetes*, ou Auditores.

2. Os nossos Commissarios Extraordinarios estam encarregados de accelerar.

1º. As levas de Conscripçaõ,—2º. o fardamento, apetrechamento; e armamento das tropas,—3º. O completar o provizionamento das fortalezas,—4º. A leva dos cavallos requeridos para o serviço do exercito,—5º. A leva, e organizaçaõ das Guardas Nacionaes, conforme aos nossos decretos.

Os nossos dictos Commissarios Extraordinarios seraõ auctorizados para extender as disposiçoens dos nossos dittos decretos, ás cidades, e lugares que naõ são comprehendidos nelles.

3º. uelles dos nossos dictos commissarios extraordinarios, que forem enviados para os paizes ameaçados pelos inimigos, ordenaraõ levas em massa, e todas, e quaesquer outras medidas que forem necessarias para a defeza do paiz, e exigidas pelo dever de obstar aos progressos do inimigo. Defora parte, ser lhes haõ dadas instrucçoens segundo a particular situaçaõ dos departamentos para onde elles forem mandados.

4. Os nossos commissarios extraordinarios estam auctorizados para ordenarem todas as medidas de alta Policia, que as circumstancias, e a manutençaõ da ordem publica exigirem.

5. Estam igualmente auctorizados para formarem commissoes militares, e fazerem vir á sua prezença, ou à das Cortes

Especiaes, todas as pessoas accusadas de favorecerem o inimigo, ou de haverem communicação com elle, ou de perturbarem a tranquillidade publica.

6. Seraõ auctorizados para fazer proclamaçoens, e passar decretos. Os dittos decretos seraõ obrigatorios a todos os cidadãos. As auctoridades judiciaes, civis, e militares, seraõ obrigadas a conformar-se a elles, e a fazellos executar.

7. Os nossos commissarios extraordinarios, conresponder-se-haõ com os nossos Ministros, sobre os objectos relativos a cada uma das repartiçoens.

8. Gozaraõ em suas respectivas qualidades, das honras que lhes saõ concedidas pelos nossos regulamentos.

9. Os nossos ministros estam encarregados da execuçaõ do presente decreto, o qual será inserido no Bulletin das Leis.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

(Assignado) O DUQUE DE BASSANO, Ministro
Secretario de Estado.

Palacio das Thuilleries, 26 de Dezembro.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c.

Em consequencia do nosso decreto de hoje, temos nomeado, e nomeamos por nossos commissarios extraordinarios.

Divisoens Militares.

Commissarios Extraordinarios.

2. Mezieres	-	-	Conde Bourneville.
			<i>Senadores.</i>
3. Metz	-	-	Chasset.
4. Nancy	-	-	Colebeu.
5. Strasbourg	-	-	Ræderer.
6. Bezançon	-	-	De Valence.
7. Grenoble	-	-	De St. Vallier.
8. Toulon	-	-	Gantheaume, Conselheiro de Estado.
9. Montpellier	-	-	Pelet, ditto.
10. Toulouse,	-	-	Caffarelli, ditto.
11. Bourdeaux	-	-	Garuir, Senador.

12. Rochelle	-	-	Boissy d'Anglas, ditto.
13. Rennes	-	-	Canelaux, ditto.
14. Caen	-	-	Latour Maubourg, ditto.
15. Rouen	-	-	Montesquieu, ditto.
16. Lille	-	-	Villemanzy, ditto.
18. Dijon	-	-	Segur, ditto.
19. Lyon	-	-	Chaptal, ditto.
20. Perigueaux	-	-	De l'Apparent, ditto.
21. Bourges	-	-	De Somonville, ditto.
22. Tours	-	-	Leconteux, ditto.
24. Bruxellas	-	-	Pontecantant.
25. Liege	-	-	De Peluse, ditto.

Maitres des Requetes, ou Auditores, que acompanham os Commissarios.

Divisoens Militares.

Auditores.

2.	-	-	Messrs. Heim, Auditor
3.	-	-	—— Arnoult, ditto.
4.	-	-	—— Peleve, ditto.
5.	-	-	—— Belleville, M. des Requetes.
6.	-	-	—— Aubernou, Auditor.
7.	-	-	—— De Beyle, ditto.
8.	-	-	—— Jordau Duplessis, ditto.
9.	-	-	—— De Fourment, ditto.
10.	-	-	—— De Panat, ditto.
11.	-	-	—— Portal, M. des Requetes.
12.	-	-	—— Sanr, Auditor.
13.	-	-	—— Laenéc, M. des Requetes.
14.	-	-	—— Dumont de la Charnaye, Auditor
15.	-	-	—— De Brevannes, ditto.
16.	-	-	—— Joseph Parrier, ditto.
18.	-	-	—— Le Chapelier, ditto.
19.	-	-	—— Depostes de Pardashom, ditto.
20.	-	-	—— Lahoye de Cormenin, ditto.
21.	-	-	—— De Montignei, ditto.
22.	-	-	—— Leconteux, ditto.
24.	-	-	—— Couchelet, ditto.
25.	-	-	—— Delamalle, ditto.

(*Assignado*)

NAPOLEAÕ.

Senado Conservador, Sessão de Segunda Feira, 27 de Dezembro.

S. A. S. o Principe Archi-Chancellor do Imperio, Presidente:

Em nome da Juncta Especial nomeada na Sessão de 22 deste mez.

O Senador Conde de Fontanes, um dos seus membros obteve permissão para fallar, e fêz a seguinte falla a Assembléa:—

MONSIEGNEURS—SENADORES,—O primeiro dever do Senado para com o Monarcha, e para com o povo, he a verdade.

A situação extraordinaria em que se acha o paiz, faz este dever ainda mais forçoço.

O mesmo Imperador convida todos os grandes corpos do Estado, a exprimirem livremente as suas opinioens; uma verdadeira idea leal! O salutifero desenvolvimento daquellas instituçoens monarchicas, em que o poder concentrado nas mãos de um, he fortalecido na confidencia de todos, e as quaes, dando ao throno a fiança da opiniaõ nacional, da ao povo em troca, a consciencia da sua dignidade, a muito justa recompensa dos seus sacrificios.

Similhantes intençoens magnanimas não deviam ser illudidas-

Em conformidade, a Juncta nomeada na nossa sessão de 22 de Dezembro, cujo orgam teuho a honra de ser, fez o mais serio exame dos papeis officiaes submittidos á sua inspecção, por ordem de S. M. o Imperador, e communicados pelo Duque de Vicenza.

Tem-se começado negociaçoens para a paz; vos devieis ser informados dos progressos; o vosso juizõ não deve ser prejudicado. Uma simplez enumeraçãõ dos factos, guiando a vossa opiniaõ, deve preparar a da França.

Quando o Gabinete da Austria poz de parte o character de mediador; quando todas as coizas deram razaõ de julgar que o congresso de Praga estava prompto a dissolver-se; o Imperador determinou fazer um ultimo esforço para a pacificaçãõ do Continente.

O Duque de Bassano escreveu ao Principe Metternich. Propoz-lhe o neutralizar um ponto nas fronteiras, e que lá se re-assumissem as negociaçoens de Praga, mesmo durando a continuaçãõ das hostilidades.

Infelizmente estas primeiras mostras não tiveram effeito.

O tempo em que este pacifico passo foi dado he importante. Foi no dia 18 de Agosto proximo passado. A lembrança dos dias de Lutzen, e de Bautzen estava fresca. Este dezejo contra a prolongaçã da guerra, pode-se entã dizer que era em algum grão contemporaneo á data daquellas duas victorias.

Os esforços do Gabinete Francez foram em vam, a paz ficou mais distante, as hostilidades começaram outra vez, os acontecimentos tomaram outra face. Os soldados dos Principes Alemães, apenas entã nossos Alliados, mostraram mais de uma vez, em quanto combatiam debaixo dos nossos estandartes, uma fidelidade mui duvidoza ; até que a final deixaram de dissimular, e uniram-se aos nossos inimigos.

Desde aquelle momento, a combinaçã de uma campanha tam gloriosamente começada não podia ter o esperado successo.

O Imperador percebeo que era tempo de ordenar aos Francezes o evacuar a Alemanha. Elle voltou com elles, combatendo quasi a cada a passo, e sobre a mesma estrada aonde tantas manifestas rebelioens, e occultas traiçoens estreitaram os seus progressos e os seus movimentos, novos tropheos assignalaram esta vinda.

Nos seguimollo com alguma inquietaçã no meio de tantos obstaculos, sobre os quaes elle so podia triumphar com alegria ; vimollo voltar ás suas fronteiras, não com a sua costumada boa fortuna, porem não sem heroismo, e sem gloria. Tendo chegado á sua capital, retirou os seus olhos daquelles campos de batalha aonde o mundo o admirou por quinze annos, e mesmo removeo do seu pensamento os grandes projectos que tinha concebido ; eu sirvo-me das suas proprias expressoens ; voltou para o seu povo, o seu coração abrio-se, e nos lemos nelle os nossos proprios sentimentos. Elle dezejava a paz ; e logo que a esperança da negociaçã parecia possivel, appressava-se a abraçalla. Os acontecimentos da guerra conduziram o Barão de St. Aignau aos quartéis-generaes das Potencias alliadas.

Lá vio elle o Ministro Austriaco, Principe Metternich, e o Ministro Russiano, Conde Nesselrode. Ambos, em nome das suas Cortes, lhe expozeram em uma conversaçã confidencial, as bases de uma pacificaçã geral. O Embaixador Inglez,

Lord Aberdeen, estava presente a esta conferencia. Observai este ultimo facto, Senadores; elle he importante.

O Baraõ de St. Aignau, desejando fazer saber á sua Corte, o que tinha ouvido, fielmente desempenhou esta commissaõ. Ainda que a França tinha direito de esperar outras propostas, o Imperador sacrificou tudo ao seu sincero desejo pela paz.

Ordenou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe de Metternich, que elle admittia como baze da negociaçaõ o principio geral contido na relaçaõ confidencial de Mr. de St. Aignau

O Principe de Metternich, em replica ao Duque de Bassano, parecia que aehava alguma coiza de vago na sua acceitaçaõ, (*adhesaõ*) dada pela França.

Entaõ para remover todas as difficuldades, o Duque de Vicenza, depois de ter recebido as ordens de S. M., fez saber ao Gabinete da Austria, que S. M. approvava as geraes, e summarias bazes communicadas por M. de St. Aignau. A carta do Duque de Vicenza he do dia 2 de Dezembro; e foi recebida no dia 5 do mesmo méz. O Principe Metternich naõ respondeu até o dia 10. Estas datas devem ser cuidadosamente observadas. Vos vereis logo que ellas naõ deixam de ser importantes.

Podem-se conceber justas esperanças de paz, ao ler a resposta do Principe Metternich ao officio do Duque de Vicenza; somente no fim da sua carta elle annuncia, que antes que se abram as negociaçoens, he necessario conferenciar a respeito dellas com os alliados. Estes alliados naõ podem ser outros senaõ os Inglezes. Porem o seu Embaixador estava presente á conversaçã de que M. de St. Aignau tinha sido testemunha. Nos naõ desejamos excitar desconfiança; somente expomos.

Nos temos notado cuidadosamente a data da ultima correspondencia entre os Gabinetes Francez, e Austriaco. Dissemos que a carta do Duque de Vicenza deve ter sido recebida no dia 5, e a recepçaõ naõ foi reconhecida até o dia 10.

No intervalo, uma gazeta, agora debaixo da influencia das potencias alliadas, publicou a toda a Europa uma Declaraçaõ que se diz ser munida com a sua auctoridade. Seria triste dar-lhe credito.

Esta Declaração he de uma natureza desuzada na diplomacia dos Reys. Já não he aos Reys que elles expoem as suas queixas, e enviam os seus manifestos ; he ao povo que os dirigem ; e porque motivo adoptam elles um novo methodo de proceder semelhante ? He para separarem a cauza dos povos da dos que os governam, se bem que o interesse da sociedade os tem unido em toda a parte. Não pode este exemplo ser fatal ? Deveria elle dar-se, especialmente neste periodo, em que os animos dos povos, agitados por todas as infirmitades do orgulho, estam tam contrarios a curvarem-se debaixo da auctoridade que os protege, ao tempo que ella reprime a sua audacia ? E contra quem se intenta este ataque indirecto ? Contra um grande homem, que merecia a gratidão de todos os Reys ; porque restabelecendo o trono da França cerrou a cratera do vulcano que ameaçava a todos elles.

Não se deve dissimular que em certos respeitos este extraordinario manifesto he concebido em tom moderado. Isto prova que a experiencia das coalicoens tem adquirido perfeição. Deve-se, talvez, lembrar que o Manifesto do Duque de Brunswick irritou o orgulho de um grande povo. De facto aquelles mesmos que não se uniam em opiniaõ na quelle periodo, quando elles leram este insuitante manifesto, acharam-se offendidos na honra nacional. Lançou-se portanto maõ de outra lingoagem.

A Europa, cançada, tem mais precisaõ de repouso do que de paixoens.

Porem, se existe tanta moderação nos conselhos dos nossos inimigos, porque motivo, em quanto elles incessantemente fallam de paz, continuam a ameaçar as nossas fronteiras, as quaes elles prometteram respeitar quando nos ja não tivessemos outra barreira senaõ o Rheno ?

Se os nossos inimigos saõ tam moderados, porque violaram elles a capitulação de Dresden ? Porque não fizeram elles justiça ás nobres queixas do General que commandava naquella praça ? Se elles saõ tam moderados, porque não tem elles estabelecido a troca dos prisioneiros, conforme todos os uzos da guerra ? Finalmente se estes protectores dos direitos das naçoens saõ tam moderados, porque não tem elles respeitado a

neutralidade dos Cantoens Suisso? Porque motivo este sabio, e livre Governo, que á face de toda a Europa se tinha declarado neutro, vé agora os seus pacificos montes, e valles assolados por todos os flagelos da guerra?

Moderação algumas vezes he somente um artificio diplomatico. Se nos quizessemos empregar o mesmo artificio, attestando tambem com justiça, e boa fé, quam facilmente poderiamos nos confundir os nossos accusadores com as suas proprias armas!

Por ventura a Raynha que escapou de Sicilia, e que de um desterro para outro desterro, na sua adversidade fugio para os Ottomanos, prova ao mundo que os nossos inimigos tem tanto respeito para a dignidade real?

O Soberano de Saxonia entregou-se á disposição das Potencias Alliadas. Achou elle acçoens conformes ás seguranças dadas? Infelices relações andam espalhadas pela Europa; oxalá que ellas não se realizem! Pode-se dezejar o punir, por fidelidade ao seu juramento, a cabeça de um Soberano curvado pelos annos e afflicçoens, e coroado com tantas virtudes?

Não he desta tribuna que os Governos devem ser insultados, mesmo aquelles que se permittiriam insultar-nos; porem pode-se-nos permittir o apreciar-mos pelo seu justo valor, estas antigas, e bem conhecidas exprobraçoens dirigidas contra todas aquellas Potencias que tem representado um grande papel desde Carlos V. até Luis XIV. e desde Luis XIV. ate o Imperador.

O *systema de invasão, de preponderancia, de Monarchia universal*, tem sido sempre a voz de reuniaão de todas as coalizoens, e do meio destas coalizoens, pasmadas da sua propria imprudencia, muitas vezes se levantou uma potencia ainda mais ambicioza do que aquella, contra cuja ambição se exclamava.

Os abusos de poder estam marcados com caracteres de sangue nas paginas da historia—todas as naçoens tem errado—todos os governos tem cometido excessos—todos deviam perdoar uns aos outros.

Se, como nos queremos acreditar, as potencias Alliadas tem sinceros dezejos de paz, não há obstaculo para ella ser restaurada. Nos temos mostrado pelo abstracto dos papeis officiaes, que o Imperador dezeja paz, e compralla—há mesmo com

sacrificios, em que a sua grande alma parece desprezar a sua gloria pessoal, para attender somente ás necessidades da nação.

Quando nos pomos os olhos nesta coalizaõ, composta de elementos que repugnam uns com os outros, quando vemos a protentoza e extranha mistura de povos que a natureza fez rivaes, quando reflectimos que muitos delles por allianças inconsideradas se expoem a perigos que não são uma chimera, não poderemos crer que um similhante agregado de interesses tam differentes pode ser de muita duraçaõ.

Naõ vemos nos em o meio das hostes inimigas um Príncipe nacido com todos os sentimentos Francezes, no paiz aonde elles são, talvez, mais vivos?

O guerreiro, que em outro tempo defendeo a França, não pode mais permauecer armado contra ella.

Lembrémo-nos tambem que um Monarcha do Norte e o mais poderoso de todos, ainda há dous dias contava entre os seus titulos e gloria, a amizade do grande homem contra quem elle agora combate.

Voltam-se os nossos olhos com confiança para aquelle Imperador, aquem tantos laços unem com nosco, o qual nos deo o seu mais belo presente, em uma bem-amada Soberana; e que vê em seu neto o herdeiro do Imperio Francez.

Com tantos motivos para concordia, e uniaõ, pode a paz ser difficultoza?

Seja fixado immediatamente o sitio de conferencia: concorram os Plenipotenciarios de ambos os lados, com o nobre dezejo de dar paz ao mundo; reine a moderaçaõ nos conselhos assim como na sua linguagem. As mesmas Potencias Estrangeiras disseram na Declaraçaõ que se lhes attribue, *Uma grande nação não perde a sua graduacaõ por ter soffrido em sua vez revezes, nesta doloroza, e sanguinolenta cõtenda em que tem combatido com o seu costumado valor.*

Senadores, nos não teriamos preenchido os deveres que vos esperais da nossa Juncta, se demonstrando as pacificas intençoens do Imperador, as nossas ultimas palavras não fizessem lembrar o povo, do que ella deve a si, e do que deve ao Monarcha.

O momento he decisivo. As Potencias Estrangeiras assumem uma linguagem pacifica, porem algumas das nossas fronteiras estam invadidas, e a guerra está ás nossas portas.

Trinta e seis milhoens de homens não podem attraiçoar a sua gloria, e o seu destino. As naçoens distinguidas nesta grande contenda tem experimentado numerosos revezes; mais de uma vez ellas tem sido derrotadas a não poder mais combater; e as suas feridas ainda sangram, a França tambem tem recebido algumas feridas, porem ella está longe de ser abatida; ella pode ter tanta vaidade pelas suas feridas, como pelos seus passados triumphos. Humilliação na adversidade, seria mais inexcuzavel, do que arrogancia na prosperiedade. Assim, em quanto fazemos a paz, accelerem-se as preparaçoens militares, e apoiem-se as negociaçoens. Reunamo-nos em roda do diadema, aonde o esplendor de cincoenta victorias resplandece ao travez de uma passageira nuvem.

A fortuna não falta muito tempo ás naçoens que não faltam a si.

Esta invocação á honra nacional he dictada pelo amor da paz, daquella paz que não he obtida por fraqueza, mas por firmeza, daquella paz, em rezumo, que o Imperador com uma nova especie de coragem, promette conceder, á custa de grandes sacrificios. Nos temos a lizongeira confiança de que os seus desejos e os nossos haõ de ser realizados, e que esta valente nação, depois de tam longas fadigas, e de tanto sangue derramado ha de achar repouso debaixo dos auspicios de um throno que tinha gloria bastante, e que para o futuro, escolhe ser tam somente cercado por imagens da felicidade publica.

HOLLANDA.

Proclamação.

Guilherme Frederico, por graça de Deus Principe de Orange e de Nassau, Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos, &c.

A todas as pessoas que virem, ou ouvirem as presentes, saude, sendo o meu mais sincero desejo o dar aos habitantes destas Provincias uma certa segurança para a feliz revolução nos negocios, que annuncia a volta do commercio, e da navegação, e da antiga prosperidade, por assegurar ao Thesouro

Nacional um consideravel fundo de renda, o qual, segundo a bem entendida natureza do commercio, antigamente rendeo ao Governo deste paiz, do producto dos conbois, e licenças ou direitos maritimos.

Tenho por tanto resolvido, e por este resolvemos, o seguinte:—

ART. 1. O principio das Alfandegas Francezas pelo modo porque elle se praticava durante a sua direcção destas materias, he posto de parte, e annullado, por ser irreconciliavel com o interesse, e prosperidade hos habitantes.

2. Todas as fazendas, e mercadorias que ja tinham sido importadas previamente a este paiz ser evacuado pelo exercito Francezes, porem que ainda não tem pago os direitos de entrada, e igualmente todas aquellas que houverem de ser importadas, ou exportadas, ficaraõ immediatamente obrigadas a pagar para o uso dos Paizes Baixos Unidos, os direitos que vaõ especificados na lista annexa ao edicto publicado por suas Altas Potencias os Estados Geraes, datado de 31 de Julho, de 1725, com aquellas alteraçoes, mudanças, e amplificaçoes que nelle foram feitos ate o tempo em que as nossas provincias foram declaradas annexas á França, na conformidade das excepçoes aqui adiante mencionadas no artigo 7.

3. O direito sobre conbois, e licenças, juntamente com o dinheiro dos fretes sobre o embarque, tal qual foi atéqui fixado pelo ditto edicto de suas Altas Potencias, de 31 de Julho, de 1725, e depois particularizado pelas outras leys e regulamentos, da mesma forma que os direitos impostos pela ley de 18 de Dezembro, de 1805, sobre diversos productos, a excepção de sal, e tabaco, a respeito dos quaes se haõ de fazer regulamentos particulares, haõ de tornar a ser introduzidos immediatamente depois da publicação da presente, pela mesma maneira em que elles existiam antes das dittas leys serem declaradas nullas, pela introducção dos direitos Francezes, de baixo da direcção dos Officiaes das Alfandegas; e para a inspecção das restituçoes, e creditos concedidos pelas Reguções das Alfandegas, de 18 de Dezembro, de 1805, tomaram-se as seguintes precauções:—

4. Em consequencia do que por esta se faz saber que todas as cortes, e regulamentos concernentes a este ramo da renda nacional, de qualquer denominaçãõ que sejam, sam abolidos, e que aquelles que no já mencionado espaço de tempo, estavam em vigor, tornaraõ a ser recebidos, e reconhecidos com força de ley, com as excepçoens que estam expressas nos edictos, e todas aquellas alteraçõens que nos em posteriores investigaçoens julgarmos necessario fazer.

5. Das estipulaçoens feitas no precedente artigo devem particularmente ser exceptuadas todas as publicaçoens, e leys, e decretos concernentes ao prohibido commercio, e communicaçoens com a Gram Bretanha, seus alliados, ou os paizes pertencentes a elles; ficando taes leys, e regulaçoens prohibitivas annullados, e sem effeito, e as materias restauradas ao seu amigavel pé antigo.

6. Na restauraçãõ das antigas leys concernentes as fraudes nas Alfandegas, as alteraçõens feitas no geral edicto mencionado no Artigo 3 da presente, e especificado na Resoluçãõ do Governo da Hollanda, datada de 2 de Mayo, de 1809, saõ restauradas no seu inteiro rigor.

7. A estipulaçãõ exposta no Artigo 2, concernente á monta dos direitos intrinsecos, ou sejam sobre productos coloniaes, ou sobre sal, naõ he proporcional, nem para aquelles que ja estam nos depozitos, nem para aquelles que daqui em diante forem importados; e nos porta ito regulamos a monta dos direitos intrinsecos, para ser levantada, por um regulamento particular.

8. Auctorisamos o nosso Commissario-geral das Finanças para entregar a seus donnos as fazendas que estiverem no Almazem depositario da Alfandega logo que as requererem, e dentro do menos tempo possivel; porem destas, aquellas que ainda naõ tiverem pago os direitos intrinsecos, seraõ entregues tam somente dando-se uma segurança sufficiente para o pagamento dos taes direitos intrinsecos ao Thesouro Nacional, á primeira instancia, a monta dos quaes, na conformidade do precedente artigo, será posteriormente determinada por nos, e

cuja segurança deve ser dada ao nosso Commissario-geral das Finanças.

9. **Nenhuma casta de provisoens, nem muniçoens de guerra, ou artigos para construcção de navios, sejam canhoens, morteiros, obuzes, carretas, bombas, granadas, ballas de artilheria, ou de espingarda, espingardas, caravinas, pistolas, espadas, caixotes, arreios de cavallos, sellas, tendas, e outros petrechos de guerra, nem polvoræ, salitre, ancoras, velas, cordages, madeira de construcção, ferro ou chumbo, serão exportados para França, nem para os paizes, ou praças agora em poder della, ou de seus Alliados, ou para taes que possam daqui em diante cahir em seu poder, sob pena de rigorosos castigos, conforme ja estam estabelecidos pelas leys antigas, contra os que tem communicações com os paizes inimigos da patria, especialmente os que estam descriptos na Ordenação de suas Altas Potencias os Estados Geraes, datada de 26 de Março, de 1793.**

10. **A administração para o appontamento de combois, e licenças pã transporte por mar, formará uma parte da officio do nosso Commissario-geral de Finanças, que com a maior brevidade possivel nomeará os sitios dos commissariatos, e igualmente, tendo feito as necessarias indagaçoens, os organizará no seu primitivo pé, e depois que, tendo obtido a sua appresentação, tiverem a nossa approvação, e final nomeação das pessoas para elles necessarias, para a devida advertencia delles.**

11. **O nosso ditto Commissario-geral está igualmente nomeado para dar passaportes de mar, e passes Turquescos, como estando em connexão com a Administração mencionada no Artigo 10, e estando a mesma no pé das Alfandegas, e regulaçoens de 27 de Janeiro, de 1809, adaptadas para as presentes circumstancias.**

12. **Igualmente pertence ao nosso Commissario-geral das Finanças a exhibição dos documentos que são necessarios para se obter passaporte de mar.**

13. **Em quanto ao judicial sobre todas as materias que disserem respeito a tomadas de combois, e licenças, serão por nos feitas outras regulaçoens, na conformidade do plano que para**

isso nos for apresentado pelo nosso Commissario-geral de Finanças, e pelo Presidente da Alta Corte da Justiça.

O nosso Commissario-geral das Finanças está encarregado da execução das presentes Resoluções, que serão publicadas e affixadas nos lugares do costume.

Feita em Haya, aos 27 de Dezembro, do anno de 1813, e do primeiro do nosso reynado.

(Assignado) GUILHERME.

Por ordem de S. A. R.

(Assignado) A. R. FALCH.

AMSTERDAM, 13 DE DEZEMBRO.—O Governo Provisional desta cidade resolveo o seguinte:—

ART. 1. Que todos os Francezes nesta cidade, ou estejam empregados em algum officio, ou por outro qualquer modo, deverão comparecer em Stadt-House, para darem os seus nomes, residencias, occupaçoens, logar de nascimento, &c.

2. Todos os habitantes desta cidade que tem empregado Francezes em suas casas, em qualquer empregoes, claraõ uma conta delles na mesma Secretaria, dentro de 24 horas.

3. Todos os Francezes que não cumprirem com esta ordem, em darem os requeridos particulares, seraõ, pela tranquillidade publica o exigir, postos debaixo de prizaõ.

4. Todos os habitantes que homizarem os Francezes, e não cumprirem com esta ordem, ser lhes haõ postas guardas ás portas para examinarem tudo o que sair ou entrar.

5. Será nomeada por este Governo uma Commissão, para vigiar sobre o porte dos Francezes que permanecerem, e castigar os refractarios, &c.

(Assignados) J. C. VANDER HOOP.

F. J. PELLETIER.

Em nome de S. A. S. o Principe de Orange, Soberano Principe dos Paizes Baixos Unidos.

Os Commissarios para o Departamento do Zuyder Zee, percebendo com profundo sentimento, que algumas pessoas que se chamam Holandezes, que em outro tempo serviam nas guardas regulares, tanto de pé, como de cavallo, em Amsterdam, não se tem ainda reunido aos seus dignos camaradas, tem:—

Resolvido, que em consideraçã a que todos os Hollandezes, pelo favor da Divina Providencia, tem sido postos debaixo do paternal Governo, e devida obediencia a S. A. R. o Principe de Orange, e de Nassau, Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos.

Que todos os Hollandezes estam por elle, seu legitimo Soberano, inteiramente desobrigados dos juramentos que tiverem prestado ao Imperador dos Francezes, seja em empregos civis, ou militares.

Que he igualmente do dever de todo o Hollandez, o contribuir o mais que poder, para a defeza do seu paiz, contra o dominio dos Francezes, e dos do seu partido.

Que as guardas regulares, sendo habitantes deste departamento, deviam comportar-se como verdadeiros Hollandezes. Que toda a pessoa militar que deixa o serviço torna-se culpado do crime de deserçaõ; e finalmente que o corpo das guardas regulares, sendo vestido, fornecido, e pago pela cidade de Amsterdam, os seus petrechos saõ actualmente propriedade da cidade.

He portanto resolvido :—

ART. 1. Que todos os officiaes de qualquer graduaçã, subalternos, e apozentados, ou dragoens, que tem actualmente servido nas guardas regulares, estam na obrigaçã de se apresentarem ao Capitaõ Quartel-mestre em Amsterdam, antes do dia 21 de Dezembro deste presente anno.

2. Todas as pessoas que tem atéqui servido no ditto corpo das guardas regulares, que, na conformidade do precedente artigo se naõ apresentarem em Amsterdam, antes do dia de 21 de Dezembro proximo que vem, seraõ consideradas como desertores, e punidas como taes segundo os artigos da guerra; uma vez que naõ possam provar que estiveram em poder do inimigo, ou em outras circumstancias taes que as impossibilitassem de se apresentarem.

3. Toda a pessoa que occultar algum dos sobredictos, ou os tiver por qualquer modo auxiliado para se escaparem ao vigilante olho do governo, será punida como capa de desertores, segundo as leys.

4. Todo o Hollandez que tiver, ou poder obter, conhecimento de que, algum dos sobredictos das guardas regulares, naõ cumpre com esta ordem, fica por esta seriamente avizado para informar as nomeadas authoridades, ou o governo da terra, aonde se poderá achar o tal sujeito.

5. Toda e qualquer pessoa, seja quem fôr, que tiver em seu poder algum cavallo, pertencente ás guardas regulares, ou alguma peça de apetrechamento pertencente aos dittos militares, he por esta strictamente intimada para a ir apresentar ás authoridades locaes, ou po-

dendo ser em Amsterdam, ao sobre ditto Quartel-mestre; e deve isto ser feito antes do termo mencionado.

6. Toda a pessoa que não cumprir com o que se requer pelo precedente artigo, dentro do tempo stipulado, será considerada como cumplice de roubo da propriedade militar da cidade, e como tal castigada na conformidade das leys.

7. Todos os Commissarios das Commarcas, Mayores, ou outros Magistrados, ficam por esta intimados para fazerem publicar estas resoluçoens.

Além de que, as sobredittas Authoridades constituídas, assim como todas as Guardas Geraes, e Postos de Campo, e em uma palavra, todas as que estam directa, ou indirectamente encarregados do socego publico, Administradores da Policia, &c. são por esta strictamente encarregados em sua respectiva responsabilidade de fazer com que estas ordens sejam pontualmente executadas.

Assim feita em Amsterdam, ao 13 de Dezembro, de 1813.

Os Commissarios acima dittos.

(Assinado)

FANNIUS SCHOLTON.

INGLATERRA.

Tractado Preliminar de Alliança entre a Inglaterra e Austria.

Em nome da Santissima, e Indivisivel Trindade.— S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hungria, e de Bohemia, e S. M. o Reydo Reyno Unido da Gram Bretanha e Irlanda, animados pelo mutuo desejo de renovarem a amizade e boa intelligencia entre as suas respectivas coroas, e estados, e convencidos da necessidade de entrarem em mutuos contractos, para o fim de accelerarem od esejado momento de uma paz geral, a qual, por meio da restauraçã de uma justa balança de poder entre os Estados, assegure a paz, e felicidade da Europa, sobre solidos, e duraveis fundamentos, tem para o consequimento deste duplicado objecto, concordado em concluir em este presente tractado Preliminar de Alliança.

Para este proposito, Suas dittas M. M. tem nomeado os seus Plenipotenciarios; a saber:—

S. M. o Imperador da Austria, Rey de Hungria, e Bohemia, nomea M^o. Clemente Wenzell Lothario, Conde de Metternich Winneburg, Ochsenhausen, Cavalleiro do Tosaõ d'Ouro, Gram Cruz da Real Ordem de Hungria, de St. Estevam; das Ordens Russianas de St. André, de St. Alexandre Newsky, e de St. Anna, e igualmente das

Ordens Prussianas, da Aguiã Preta, e Incarnada, e de varias outras, Chanceller da Ordem Militar de Maria Thereza, Curador da Academia Imperial das Bellas Artes Unidas; Actual Thesoureiro de S. M. L, Real, e Apostolica, Particular Conselheiro de Estado, Ministro de Estado, e Conferencias, e tambem Ministro dos Negocios Estrangeiros.

E S. M. o Rey da Gram Bretanha, ao Lord Jorge Gordon, Conde de Aberdeen, Visconde Tumartine, Lord Haddo, Melhlie, Tarviz, e Kellie, &c. um dos 16 Pares de Escocia na Casa dos Lords, Cavalleiro da Antiquissima, e Nobilissima Ordem do Cardo, e seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario, juncto a S. M. I. e Real Apostolica.

Os quaes depois de terem trocado, os seus respectivos poderes, concordaram nos seguintes artigos:—

ART. 1. Haverá uma continua amizade, e sincera unanimidade entre S. M. o Imperador da Austria, Rey de Hungria, e de Bohemia, S. M. o Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha e Irlanda, seus Herdeiros, e Successores; e as antigas relaçoens entre as duas Cortes, restauradas em a sua inteira extençãõ. Ambas as altas partes contractantes haõ de portanto empregar a maior attençãõ para a continuaçãõ da mutua amizade, e boa intelligencia existente entre ellas e desviar tudo aquillo que poder perturbar a concordia, e amizade, agora tam felizmente restaurada entre ellas.

Tambem haõ de, tam cédo quanto possa ser, concordar sobre os Artigos de um Definitivo Tractado de Alliança.

2. S. M. o Imperador da Austria estando determinado a proseguir vigorosamente a presente guerra com todos os meios em seu poder, obriga-se a empregar todas as suas forças em activa operaçãõ contra o inimigo commum.

3. S. M. o Rey da Gram Bretanha, e Irlanda, da sua parte obriga-se a apoiar os esforços da Austria por todos os meios em seu poder.

4. Ambas as altas partes contractantes haõ de obrar em perfeita uniaõ nas operaçoens militares. Haõ de communicar sem reserva uma á outra, qualquer coiza que disser respeito á sua policia. Porém sobre tudo, mutuamente se empenham em naõ entrarem em negociaçoens algumas separadas com o inimigo commum, nem fazerem, ou concluirẽm alguma paz, armisticio, ou qualquer outra convençãõ, sem mutuo consentimento.

5. Seraõ accreditados Officiaes juncto aos Commandantes-em-Chefe dos exercitos activos os quaes teraõ o direito de se corresponderem com as suas cortes, e de as terem constantemente informadas das occurrencias militares que fôr havendo, e de toda e qual

quer cousa que tiver connexão com as operações daquelles exercitos.

6. As relações commerciaes entre ambos os paizes serãõ mutuamente restauradas.

7. Este presente Tractado será communicado aos Alliados de ambas as Cortes.

8. Será mutuamente ratificado dentro de dous mezes, ou mais cédo, se possivel fôr.

Em testemunho do que, nos os Plenipotenciarios abaixo assignados temos em virtude dos nossos poderes, assignado o presente tractado Preliminar de Alliança, e mandado annexar-lhe os nossos selos.

(Assignados) (L. B.) CLEMENTE WENZELL LOTHARIO.

Conde METTERNICH, WINNEBURG, OCHSENHAUSEN.

(L. B.) ABERDEEN.

Feita em Toplitz, aos 13 de Outubro, de 1813.

REPUBLICA DE GENEBRA.

Proclamação dos Mui Altos e Honrados Senhores, os Syndicos, e Conselho da Cidade e Republica de Genebra.

Havendo-se retirado as Authoridades Francezas da nossa cidade, e seu territorio, e achando-se agora dentro de nossos muros uma divisãõ dos exercitos das Altas Potencias, que estaõ trabalhando para segurar á Europa as bençaõs da paz ; he necessario que haja um Governo, que providencie nas differentes necessidades de nosso paiz. S. Ex^a. o Conde de Bubna, commandante das tropas de S. M. Imperial Real Apostolica, nos nossos territorios ; requereo, com estas vistas, que formassemos um Governo Provisional, em maneira adequada ás presentes circumstancias, que naõ podem ser de longa duraçaõ, e conforme ás beneficas intençoens dos Augustos Soberanos Alliados. Portanto julgamos ser do nosso dever empregar-nos em um objecto taõ importante ; determinando-nos a tomar sobre nos taõ honroso encargo, pela confiança que os nossos concidadãõs tem posto em nós, e pela convicçaõ de ser nosso dever para com elles. He este um encargo, que nos naõ he inteiramente estranho, pela natureza dos officios, que temos le-

galmente servido; e julgamos que nos fariamos beneméritos da Patria, se ajunctassemos a nós alguns cidadãos, que justamente gozassem da estima e afeição publica.

Em consequencia, nós os abaixo-assignados nos Constituímos em Governo, debaixo do titulo de “ Syndicos, e Conselho provisionaes,” com o encargo de administrar e fazer administrar a policia, e a justiça tanto civil como criminal, as finanças; e tudo o mais que diz respeito aos tributos, e receita e despeza publica; preparar as leys e regulamentos que nos parecerem mais consentaneas á nossa extencia futura; delegar, se for necessario, parte destes poderes a Committés, que nos ajudem em nossas numerosas occupaçoens; unir a nos companheiros no trabalho, que sêjam dignos da confiança publica; em uma palavra, prover a tudo que requer um estabelecimento politico bem organizado; e tudo isto até que as circumstancias temporarias, em que se origina este procedimento, tenham deixado de existir.

Descancemos portanto nas beneficas intençoens, que se nos tem manifestado, e mostremo-nos sempre taes quaes somos a éste momento; a saber, uma associaçã de homens illuminados, e pacíficos, unidos por sentimentos de reciproca boa vontade e confiança, e pela afeição a todos os deveres que a nossa patria, e a nossa religião nos impõem, e de que nossos antepassados nos déram o primeiro exemplo.

(Assignado) A. LULLIN; em nome dos Syndicos e Conselho Provisionaes.

Genebra, 30 de Dezembro, de 1813.

COMMERCIO E ARTES.

Carta ao Redactor sobre o Contracto do Tabaco em Portugal.

Lisboa, 15 de Dezembro, 1813.

SENHOR REDACTOR!—Sendo o tabaco um artigo de grande importancia no commercio deste Reyno ; naõ posso deixar de louvar, que V. M. tenha taõ repetidas vezes exposto esta materia ; porque a repetiçaõ produzirá talvez o effeito, que uma unica demonstraçaõ naõ tem força de conseguir. Pelo que julgo que V. M. levará a bem, que de minha parte contribua para o mesmo fim, offerecendo lhe alguns factos que tem vindo ao meu conhecimento ; e em que V. M. ainda naõ tocou.

Como se tem querido persuadir o publico de que o contracto do tabaco naõ he taõ rendoso, como se representa ; he justo publicar factos que confundam os defensores do monopolio. Somente no artigo Rapé se acha um augmento de consummo, que prova manifestamente o augmento de lucros do contracto, como se colhe do seguinte mappa, que mostra o rapé que se despachou na fabrica desde o 1.º de Janeiro, de 1798, até 31 de Dezembro, de 1812.

1798	998 arrobas	28 libras.
1799	4.846	16
1800	7.809	2
1801	2.632	
1802	3.923	16
1803	3.831	
1804	3.206	
1805	7.963	
1806	10.259	
1807	7.344	

1808	5.160 arrobas.
1809	7.670
1810	13.333
1811	20.458
1812	19.098

Deve nesta conta observar-se que os pezos ja ficam liquidos da 8ª. parte que se lhes abate para a deducção dos direitos ; e como nem as barricas (de Virginia) ainda mesmo as de 40 arrobas, tem 5 arrobas de tara ; nem as canastras, que ordinariamente levam 5 arrobas de tabaco, tem de pezo de tara 200 libras, he evidente, que o pezo effectivo em tabaco he maior do que aquelle que aqui se apresenta.

Ja V. M. saberá, que do 1º. de Janeiro, de 1814, em diante será livre o commercio do tabaco em Hespanha, como a cada um bem parecer, reservando-se o Governo o impôr os direitos de importação ao genero, que julgar conveniente ; e como este genero pôde vir para a Hespanha dos Estados Unidos, Portugal não deve olhar com indiferença para este novo regulamento commercial da Hespanha.

Se o Consul Americano em Portugal requerer, que se lhe permitta passar o seu tabaco de Lisboa para Hespanha ; prohibirá o nosso Governo este transitio : Se isto se conceder aos Americanos, mediante algum modico direito, resta ver se a Juncta do tabaco, se ha de oppor a que os Portuguezes façam o mesmo com o tabaco do Brazil ; pondo assim o genero, e negociantes nacionaes em peor condição do que os estrangeiros.

Neste estado das cousas parece-me evidente, que em vez de Portugal poder estabelecer esta manufactura, e concorrer na sua venda com os estrangeiros, este ramo de industria, acabrunhado em Portugal pelo contracto, passará a nossos vizinhos, e nós ficaremos a olhar para as estrellas ; passando até pela desgraça de receber este genero da

Hespanha por contrabando, que a pezar de todas as cautellas ha de entrar da Hespanha, se for melhor e mais barato que o nosso.

O porto de Lisboa está tão bem situado para o commercio geral da Europa, como se tem tantas vezes demonstrado no *Correio Braziliense*, que ésta cidade só de per si vale um reyno; e quando podia ser um util emporio do Commercio, não só de todos os dominios Portuguezes, mas até mesmo dos estrangeiros, se verá Lisboa sem commercio. Se as pessoas, que tem influencia no Governo, quizessem reflectir nestas materias poucos conhecimentos lhes seriam necessarios para saber, que toda e qualquer nação que permite o transitio de fazendas pelo paiz, ganha nisso consideravelmente: muitas aldeas, villas, e cidades, se tem creado ou feito opulentas unicamente por servirem de escala e passagem temporária de fazendas e mercadorias alheias, taes eram, por exemplo, as cidades Hanseaticas, que de si mesmas não possuiam nenhuns artigos de commercio: Genova, em particular não tinha outra fonte de riquezas senão o receber fazendas de varias partes, e re-exportallas para diversos paizes.

O *Correio Braziliense* parece ter ainda hesitado entre conservar o monopolio (com tanto que fosse productivo para o Erario, e não para os Contractadores) e o pôr este genero livre. Porém visto o novo regulamento da Hespanha, ja não ha escolha: não resta na minha opiniaõ alternativa, e he necessario absolutamente por o genero livre no seu commercio, e na sua manufactura.

Eu sou um daquelles, que não desesperam de ver remedios estes abusos nacionaes; principalmente se obras escriptas no systema do *Correio Braziliense*, continuarem a expor os diversos abusos; escrevendo livremente em um paiz distante. Entre nós há muita gente que conhece muito bem as verdades que o *Correio Braziliense* tem promulgado, e promulga; porém uns não fallam; porque

suppoem que he inutil fallar de cousas que não tem remedio ; outros porque não espéram agradecimento ; outros porque temem ser ultrajados pelos do partido contrario, ou sacrificados pelos poderosos ; mas quem escreve n'um paiz distante, póde dizer as verdades, ser util á sua patria, e escapar á vingança dos máos, e interessados nos abuzos.

Os beneficios indirectos, que resultam ao Governo do tranzito das fazendas estrangeiras pelo nosso paiz, são bem evidentes, considerando-se as muitas pessoas, que o trafico da passagem das mercadorias naturalmente emprega. Mas quando se tracta de fazendas que são produçoens de nossos mesmos terrenos, como he o tabaco que produz o Brazil, parece incrivel a cegueira, que não favorece em Lisboa e Portugal este importante ramo da industria do Brazil, antes o tem aperreado com um taõ mal entendido, e ruinoso contracto.

Tendo-se ha pouco tempo despachado tabaco para a Hespanha com o intuito do contracto legitimo ou supposto ; foi este tabaco apreendido ; e por isso se nega hoje todo o despacho ; talvez aquelle accidente se originasse de se não ter arranjado o contracto com aquelle Governo. A Hespanha não tem tabaco ; a ordem de cousas antiga não está nem póde estar em breve restabelecida, para que vá o tabaco daqui por mar, sujeito aos termos do estylo ; nem por terra, com as cautellas em practica, depois da representaçãõ official do Ministro de Hespanha ; está claro, que deixamos de vender o nosso genero a nosso vizinho, que nos dá em troca a sua prata, o seu azeite, e outros generos de que precisamos. He certo que, até agora, a necessidade lho fez receber de Gibraltar ; mas sempre que se interrompa o commercio com aquella praça, de Lisboa deverá ir este genero. O nosso Governo faz-se zelador dos contrabandos de paizes alheios, e ao mesmo tempo, por meio do contracto impede

a industria no seu proprio paiz. ; Qual he o Governo, que se embaraça com averiguar se os seus generos entram ou não por contrabando n'um paiz alheio ?

Adoptam-se aqui mil cousas dos Inglezes, que se podiam dispensar ; e não aprendemos delles os regulamentos de commercio, em que nos podem dar liçoens. A Inglaterra não se embaraça que as suas fazendas entrem por contrabando em toda a parte do mundo : em Inglaterra dizem-me que se pagam emolumentos pelos leilõens dos generos, o pelo local em que se fazem ; os armazens dos diques de Londres aonde se recolhem os generos estrangeiros, que tem de reexportar-se produzem grande rendimento : aqui pelo contrario as nossas praças publicas servem de armazens dos generos estrangeiros, sem que estes paguem cousa alguma : a casa dos leilõens na Casa da India, que éra privativa para as negociaçoens nacionaes, acaba de ser franqueada para os leilõens das avarias das mercadorias Inglezas ; quando estes edificios fõram feitos á custa das contribuiçoens dos negociantes nacionaes que por muitos unnos tem pago certos direitos para este fim. Esta falta de atençaõ aos interesses remotos do commercio nacional, observa-se, como se vê neste exemplo, não só a respeito do importante ramo do tabaco, mas a respeito de tudo o mais, que importa aos interesses commerciaes do paiz.

Tem havido entre authores de grandes conhecimentos em politica, alguns que tem asseverado, que seria mui vantajoso aos Estados bem policiados, o obrigar a todo o cidadão que repentinamente apparece com extraordinarias riquezas, a que declare o modo e forma com que adquirio tacs riquezas.

Como eu não desejo, Senhor Redactor, metter a mão em ceára alheia, não me embaraçarei com a questaõ de saber, se tal legislaçaõ seria ou não compativel com a liberdade do cidadão : simplesmente quero dizer que, se

em Portugal se admittisse tal legislaçãõ ; que conta darão os Contractadores do modo porque adquiriram as riquezas, que vemos em suas casas ?

Ultimamente permita-me lembrar-lhe, Senhor Redactor, que não obstante o que v. m. tem escripto a este respeito, ha muitos incredulos, que duvidam dos factos; e até ja ouvi dizer a alguém, que se o *Correio Braziliense* tivesse melhores informações, se soubesse das diligencias que se tem feito para melhorar este ramo das rendas publicas, ou se tivesse visto a repugnancia que tem os actuaes Contractadores em continuar no contracto, não se obstinaria em querer provar, que os contractadores se enriquecem com a substancia do Estado; e que todas as suas conjecturas resultam da sua ignorancia nesta materia intrincada, e falsas informações que alguém lhe tem dado.

Sou Senhor Redactor,

De V. M.

Muito attento venerador,

F—— P——.

Resposta do Redactor.

Como em Portugal, quasi todas as cousas pertencentes aos Negocios Publicos andam ás avessas; não causará admiração ao Nosso Correspondente, que comecemos a responder-lhe pelo fim da sua carta.

Para se provar, que tudo quando temos dicto, a respeito do Contracto do Tabaco, he fundado em informações verdadeiras, bastará reflectir, que ainda ninguem se atreveo a responder-nos senão com as chufas que apparecêram no Jornal Pseudo-Scientifico. Porém alem disto, podemos segurar aos *incredulos*, que o nosso correspondente menciona; que tudo quanto temos avançado, sobre o contracto do tabaco, he fundado ou em documentos, ou em informações de pessoas, de cuja veracidade não podemos duvidar.

Julgamos, como o nosso correspondente, que ésta materia he de summa importancia para os interesses da Coroa, e da Nação, para a largar-mos por mão facilmente; e para mostrar-mos, que nos fundamentamos em factos, daremos aqui alguns documentos, reservando para o N.º seguinte as nossas observaçoens sobre elles; por não termos agóra tempo de o fazer.

Portaria dos Governadores do Reyno.

Sendo presente ao Principe Regente N. S. a consulta da Juncta da Administracão do Tabaco, na data de 23 de Janeiro do corrente anno, sobre os requirimentos de Jozé Diogo de Bastos, para arrematar o Contracto geral do Tabaco e Saboarias por nove annos, e com outras novas condiçoens, que se não podem admittir; e não sendo conveniente fazer-se nova arrematacão do dicto contracto, e ser indispensavel segurar sem demora o pagamento das mezadas e quartéis do preço d'elle, para o anno proximo futuro, a bem da defeza destes Reynos: S. A. R. he servido conformar-se com o parecer da dicta consulta, e manda que os Contractadores actuaes continuem no contracto geral do Tabaco e Saboarias, por mais um anno ou dous (se estes dous forem convenientes á defeza dos mesmos Reynos, como se declarará até o fim de corrente anno;) debaixo do mesmo preço, pagamentos de mezadas, e quantias; e de todas as mais clausulas e condiçoens do contracto actual; somente com o accrescentamento de poderem os contractadores, durante a nova continuacão do mesmo contracto vender o arratel do tabaco rapé “Prinzeza,” por mil e duzentos reis; e o superior “Principe,” por mil, e seis centos reis; tendo sempre bem fornecidos os estancos do rapé ordinario bom, pelo preço actual de oito cento reis, e com a clausula de se abater do presente preço annual do contracto o correspondente ás saboarias, no caso de se desannexar d'elle este ramo, que ha mais de

30 annos constitue uma parte do mesmo contracto geral. Manda outro sim, que continuem a andar na praça um e outro ramo de tabaco e saboarias junctos e separados, para se tomarem lanços, e arrematarem-se a quem mais der, entrando os arrematantes na fruição findo que sêja o tempo concedido aos Contractadores actuaes.

A Juncta da Administraçã do Tabaco, o tenha assim entendido, e faça executar.

Palacio do Governo, em 27 de Abril, de 1812.

Com quatro Rubricas dos Governadores do Reyno.

Aviso.

Sendo presente ao Principe Regente N. S, a consulta da Juncta da Administraçã de tabaco de 16 do corrente mez, representando ter-se concluido o prazo prefixo, para serem recebidos os lanços do contracto do mesmo genero, sem que durante elle comparecesse lançador algum. He o mesmo Senhor servido ordenar, que novamente se ponham edictaes para a arremataçã do referido contracto, sendo ouvidos os contractadores actuaes; e quando não haja licitantes, que a Juncta proponha immediatamente o modo o porque o referido contracto poderá ser administrado com maior vantagem; por conta da Real Fazenda. O que participo a V. E.

Palacio do Governo, em 23 de Outubro, de 1813.

ALEXANDRE' JOZE' FERREIRA GASTELLO.

Ex^{ma}. Sñr. Conde de Peniche.

Aviso.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.—Sendo da maior urgencia ultimar-se com toda brevidade as providencias relativas á administraçã do tabaco, ou sêja por um novo contracto ou immediatamente pela Real Fazenda. He o Principe Regente N. S. servido ordenar, que, tendo a Juncta ouvido os actuaes contractadores, na forma de-

terminada pelo Avizo de 23 de Outubro do presente anno, consulte sem a menor perda de tempo, e sem esperar que acabem os Edictaes, sobre os pontos contheudos no mesmo Avizo. O que V. Ex.^a. fará presente na Juncta para que assim se execute. Deus guarde a V. Ex.^a.

Palacio do Governo, 25 de Novembro, de 1813.

ALEXANDRE' JOSE' FERREIRA CASTELLO.

Sñr. Conde de Peniche.

Resposta dos Contractadores.

Ordenando-nos V. A. R., pela intimação de 23 do proximo antecedente mez de Outubro, que manifestemos neste Tribunal nossas intenções, a respeito do Contracto do Tabaco e Saboarias, que deve ter principio em Janeiro do vindouro anno de 1815; repetio a mesma honrosa demonstração de benignidade com que nos distinguio, por similhante objecto, em Dezembro de 1811; o que justamente nos persuadio então, e ainda mais nos convence agóra, de haverem sido exactamente avaliados, e bem accitados por V. A. R. os serviços que temos prestado á sua Real Fazenda, na administração deste negocio. Naquella antecedente epocha representamos a V. A. R. que não destinavamos fazer nova rematação; e para que não ficasse, vacilante no soberano conceito o decoroso e justificado espirito da nossa excusa, evidenciamos;—Que as notorias calamidades actuadas neste Reyno, haviam alterado toda a ordem de administração publica, e cumulativamente a precisa marcha deste negocio:—Que os trantornos, que, daqui devivados, importavam não menos que inadimplimento das condições mais essenciaes da arrematação, de que immediatamente procedia a ja então existente decadencia do contracto:—Que havendo felizmente conseguido effectuarmos o pagamento do inteiro preço de nossa rematação, supprindo gloriosamente com exforços de innegavel patriotismo e fidelidade os sensiveis e ruinosos effeitos das perturbações acima indicadas, que inevitavel-

mente influíam para a diminuição do rendimento da exclusiva, e mesmo acquiescendo á privação longa e total do mesmo rendimento em toda a extensão das terras, que desgraçada e repetidamente foram invadidas pelo inimigo, cujos factos alem de produzirem incalculavel damno constituíam fundamento taõ legitimo para reclamarmos correspondente abatimento em nossas consignaçoens, quanto he expedito e certo, que faltando o objecto, que alimenta a convenção não pôde exigir-se a observancia das clausulas condicionaes della ; não permittiam as nossas faculdades a continuação de semelhantes sacrificios ; exigindo por isso a prudencia, e mesmo os nossos caprichosos sentimentos de punctualidade, que não arrissemos no seguimento de uma nova rematação, ou a vergonhosa falta de cumprimento das condiçoens onerosas, a que nos ligassemos ; ou á triste alternativa de requerermos quita no preço do contractado ; o que nos seria assas violento na consideração de que este facto offuscasse o brilhante serviço antecedentemente feito a V. A. R., e constituido na deligencia e sacrificios com que nos propuzemos, e conseguimos evitar que as mordentes adversidades daquella crise resillissem para o Thesouro Publico, nos momentos em que éram diminutas todas as suas resurças. Ponderamos igualmente que o contracto não podia prosperar, nem mesmo subsistir, sem instituição de novas condiçoens, adequadas ás circumstancias existentes, que inutilizavam totalmente as da antiga otorga. E finalmente exercitamos um novo serviço, cedendo da positiva abstenção, que nos haviamos proposto, e offerecendo-nos a continuar na usufruição da exclusiva inteiramente, e portanto tempo quanto fosse apenas necessario para V. A. R. determinar os meios proprios, e efficazes para o successivo e convenientemente regimen do negocio, cujas circumstancias fazíam necessario o augmento no preço das novas qualidades de rapé, para que não resultasse sacrificio daquelle mesmo offerecido serviço. Em consequencia daquellas nossas

bem fundadas ponderações resolveo V. A. R. fazer a entrada do preço do contracto no Real Erario nos dous annos, pelos quaes prorogou a nossa exclusiva ; e fomos taõ promptos na execução desta soberana ordem, quanto o haviamos sido em prestar a V. A. R. o serviço constituido naquelle nosso offericimento ; e quanto temos igualmente sido em todas as occurrencias, que exigiam demonstraçoens da nossa fidelidade, e da nossa adhesão á causa publica ; o qual sem duvida e assaz interessava neste proposto, o por nòs facilitado intervallo, para se combinar e estabelecer o successivo, e mais proficuo regimen do negocio.

Mas porque, naõ obstante ser agora venturosa e incomparavelmente melhor nossa situaçaõ politica do que entaõ éra, naõ vemos com tudo que por modo efficaz se acautelasse a triste continuação dos grandes inconvenientes, que frustram as condiçoens da antiga remataçaõ, obstando irresistivelmente no seu necessario effeito he forçoso repetirmos na presença de V. A. R. que a prudencia que constitue o nosso character ; a positiva certeza de naõ podermos continuar no exercicio de ulteriores sacrificios, que por muitos modos e causas se podem fazer necessarios ; e o respeito que sempre nos merecem as convençoens feitas com taõ alto contractante, naõ consentem ainda que nos proponhamos a entrevir na futura remataçaõ deste contracto ; mas antes dâctam a nossa invariavel resoluçaõ de naõ tomarmos duravelmente o encargo de um negocio, que até arriscaria aquelle bom conceito que venturosamente suppomos dever a V. A. R. da circumspecçaõ com que medimos as nossas responsabilidades, e a infalibilidade que dahi nos deriva no desempenho dellas.

Isto supposto, e perseverando sempre no virtuoso systema de fazer a V. A. R. todo o serviço que for compativel com as nossas faculdades, e com as precarias circumstancias actuaes deste negocio ; ainda nos offerecemos a continuar na administraçaõ delle, por algum curto espaço de tempo, além do que ainda falta para se completar o da

corrente prorrogação, se V. A. R. aceitar como tal serviço ésta nova proposta ; e se reputar necessario esse novo intervallo, para os delineamentos e combinaçoens, que devem proceder da instituiçãõ das novas regras que devem firmar a boa ordem na marcha futura, e conveniente do contracto; cuja providencia he essencialmente necessaria para que elle não venha a precipitar-se no abismo da nulidade.

Este serviço, porém Senhor, será só practicavel sendo-nos para isso promptamente intimada a deffinitiva resolução de V. A. R., para em consequencia, e com opportuna anticipação tomarmos as medidas, e expedirmos as ordens convenientes, principalmente a respeito do necessario provimento de tabacos ; para evitarmos se possivel for o lançarmos novamente mão do mesmo desgraçado recurso, de que ja nos valemos no presente anno, mandando comprar 4150 rolos de tabaco em Gibraltar, para supprir a falta absoluta do dicto genero neste mercado, e no da Bahia, d'onde foi remettida a maior parte da safra para aquella praça ; sendo bem facil avaliar, que não pode caber em nossas forças, ou na de quaesquer outros contractadores, supportar a repetição de tão gravosa providencia. As que V. A. R. deliberar sobre este importante assumpto seraõ sempre proprias da sua alta e illuminada sabedoria ; e por isso as mais uteis para o Estado, e para o Publico, e mesmo as mais adequadas para que terminemos o nosso exercicio com o mesmo decoro o com a mesma utilidade da Real Fazenda, com que sempre nos exercitamos em todos os objectos do Real Serviço.

Lisboa, de Novembro, de 1813.

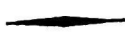
BARAÕ DE QUINTELLA,
JACYNTHO FERNANDES BANDEIRA,
FRANCISCO ANTONIO FERREIRA,
BARAÓ DO SOBRAL.
JOAÕ PEREIRA CALDAS.
ANTONIO FRANCISCO MACHADO.

Informação do Secretario da Juncta.

SENHOR!—Na conformidade do despacho de 27 de Novembro proximo passado, lançado em avizo de de 25 do mesmo mez, tenho a honra de pôr na presença de V. A. R. os papeis que manda ajunctar, e declarando, que até agóra não tem apparecido lançadores para a arrematação do contracto, em consequencia dos edictaes affixados, devo, como me cumpre, lembrar o que pode occurrer a bem de um objecto tão interrante; e o que tem occorrido em tempos mais remotos, sobre a administração por conta da Fazenda Real.

Ha mais de um seculo que o contracto geral do tabaco tem sido administrado por contractadores, e mesmo antes a Fazenda Real o não administrou inteiramente; porque o subdividio em arrecadamentos de commarcas de que não tirou bom resultado. Os contractadores actuaes de sorte alguma querem continuar no contracto; nem apparecem lançadores; portanto esta Juncta está nas precisas circumstancias de providenciar sobre a sua administração, por conta da Fazenda Real, sendo o primeiro objecto que deve ter em vista o fornecimento de tabaco, difficiloso pela sua livre extracção no mercado da Bahia, por isso será indispensavel que V. A. R. expessa ordem ao Governador e capitão General da Bahia para segurar na safra aquella porção do mesmo genero sufficiente ao consummo de um anno, desorte que pelos navios que dali sahirem venha a tempo de supprir a administração Real do primeiro de Janeiro de 1815 em diante; passando-se letras para pagamento sobre a mesma administração. He quanto por hora me occorre pôr na presença de V. A. R. que determinará o que for servido. Lisboa, 2 de Dezembro, de 1813.

LOURENÇO ANTONIO D'ARAÚJO.



INGLATERRA.

Ordem em Conselho pela qual se permite commerciar com certos Portos da França.

Na Corte em Carlton-House, 14 de Janeiro, 1814. Presente S. A. R. o Principe Regente em Conselho.

Porquanto, em consequencia dos bons successos, que tem obtido as armas de S. M., se acham e poderaõ achar varios portos, e lugares da França na occupaçaõ militar, ou debaixo de protecçaõ de S. M.; e sendo conveniente, que os dictos portos e lugares estejam patentes ao commercio de todas as naçoens, que naõ estaõ em guerra com S. M. ou com alguma das Potencias Alliadas; S. A. R. o Principe Regente he servido, com, e por parecer do Conselho Privado de S. M., ordenar, e por ésta se ordena, que todos os taes portos e lugares sobredictos, depois que o Commandante das forças de S. M. naquellas partes tiver declarado, que se acham de tal modo debaixo da protecçaõ de S. M., que os vassallos Britannicos podem com segurança negociar ali, sejam immediatamente livres das restricçoens de bloqueio até aqui impostas aos mesmos, como parte da França: e que será licito aos vassallos de S. M.; e ás outras pessoas sobre dictas, negociar ali: sugeitando-se aos regulamentos, que lhes forem impostos por S. M., ou pelo commandante das forças de S. M. na quellas partes.

E os Muito Honrados Lords Commissarios do Thesouro de S. M.; os Principaes Secretarios de Estado de S. M., os Lords Commissarios do Almirantado, e o Juiz da Alta Corte de Almirantado, tomaraõ as medidas necessarias sobre isto, conforme ao que a cada um delles respectivamente pertencer. (Assignado) JAS. BULLER.

Preços correntes dos principaes productos do Brazil em Londres, 25 de Janeiro, 1814.

Generos.	Qualidade.	Quantidade	Preço de	•	Diretos.
Assucar	branco	112 lib.	58s.	70s.	3l. 14s. 7½d.
	trigueiro	Dº.	50s.	55s.	
	mascavado	Dº.	42s.	45s.	
Algodão	Rio	Libra	20p.	21p.	16s. 1d. p . 100 lib
	Bahia	Dº.	25½p.	26½p.	
	Maranhão	Dº.	25½p.	26½p.	
	Pernambuco	Dº.	27p.	28p.	
	Minas novas	Dº.	21p.	22p.	
Dº. America	melhor	Dº.	2s. 9p.	3s. 2p.	16. 11. pr. 100 lba.
Annil	Brazil	Dº.	2s. 6p.	3s. 6p.	4d. por libra
Arroz	Dº.	112 lib.	36s.	42s.	16s. 4d.
Cacao	Pará	112 lib.	70s.	85s.	3s. 4d. por lib.
Caffé	Rio	libra	99s.	105s.	2s. 4d. por libra.
Cebo	Bom	112 lib.	90s.	100s.	2s. 8d. por 112 lib.
Chifres	grandes	123	20s.	35s.	4s. 8d. por 100.
Couros de boy	Rio grande	libra	6p.	8p.	8d. por libra.
	Rio da Prata	Dº.	6p.	9p.	
Dº. de Cavallo	Dº.	Couro	9s. 6p.	9s.	
Ipecacuanha	Boa	libra	13s. 6p.	14s. 6p.	3s. libra.
Quina	Palida	libra	1s. 6p.	2s. 0p.	3s. 8d. libra.
	Ordinaria	-----	Dº.	-----	
	Mediana	-----	2s. 8p.	3s.	
	Fina	-----	4s. 0p.	7s. 6p.	
	Vermelha	-----	4s.	7s.	
	Amarella	-----	2s. 6p.	3s.	
	Chata	-----	Dº.	-----	
	Torcida	-----	3s. 9p.	4s. 9d.	1s. 8d. por libras.
Pao Brazil		tonel	95l.	100l.	4l. a tonelada.
salsa Parrilha					
Tabaco	Rolo	libra	7p.	8p.	{ 3s. 6d. libra excise 3l. 3s. 9d. alf. 100 lb.

Premios de seguros.

Brazil hida 10 guineos por cento. R. 5.
vinda 14 a 15

Lisboa e Porto hida 8 G^s.
vinda 2 G^s. em comboy

Madeira hida 5 a 6 G^s.—Açores 8 G^s. R. 3.
vinda 8 á 10

Rio da Prata hida 12 á 15 guineos; com a tornaviagem
vinda o mesmo 15 a 18 G^s.

LITERATURA E SCIENCIAS.

Novas descobertas.

THEORIA DOS VENTOS. Numerosos escriptores se tem entretido com o arranjo de conjecturas, a que tom dado o nome de theoria dos ventos. Naõ se poderia achar objecto, que apresentasse mais facilidades á especulaçaõ, e que diariamente concilie a atençaõ de quasi todos os individuos no mundo civilizado. Jamais quasi se encontram algumas pessoas com outras, nos campos, nas cidades, na terra, ou no mar, sem que se faça alguma observaçaõ a respeito do vento, ou do tempo ; e com tudo naõ ha objecto que se conheça menos. Parece estranho que os homens, durante um espaço de quasi 6.000 annos, tenham continuado ignorantes de todos os principios geraes, que podiam conduzir a algum conhecimento correcto de tal phenomeno : nem he menos extraordinario o que se observa nas extravagancias, que ainda mesmo homens sabios tem publicado a este respeito ; um imaginou certa cavidade de vasta grandeza, nas regioens do Norte, para absorver os ventos ; outro suppoz uma immensa manufactura de oxigenio, para supprir o lugar do ar consummido, &c. &c. Mr. S. G. da Costa, um negociante de Londres, em consequencia de ter viajado pelas Indias Occidentaes, pôde offerecer uma theoria, da qual pelo menos se pôde dizer que he menos extravagante, e mais plausivel, do que a maior parte das theorias que até aqui tem apparecido a este respeito. O A. explica as suas vistas na sua obra intitulada “ Observaçoes lunares, que notam a influencia da lua nos ventos, pelo seu impulso na atmosphaera da terra, governada pela sna configuraçaõ, posiçaõ, e outras mudanças, &c.

Como a lua inquestionavelmente ministra, pelo menos um index para a enchente e vasante das marés ; não he desarrazoado o inferir daqui, que ella possa igualmente indicar a direcção geral dos ventos. Com ésta impressaõ o A. observou as apparencias das manchas da lûa, pelo espaço de 4 annos ; e as suas mudanças de posição com as suas apparentes consequencias, ou relações com a direcção dos ventos. O seguinte he o que o A. diz sobre a maneira de descobrir a direcção dos ventos pelos signaes correspondentes na lua, e suas variaçoens.

“ Pode-se conhecer a direcção dos ventos observando as figuras e posição da lua em todas as suas phases, porém mais particularmente quando a lua he cheia ; e estes signaes indicaraõ os ventos, que reynaraõ na phase seguinte ; e tambem até a seguinte lua cheia ; ou seguintes mudanças ; segundo o que os signaes denotarem. Para que o observador possa attestar a verdade de taes indicaçoens, deverá cuidar em copiar, quando a lua he cheia, as figuras, e manchas, que apparecem no seu disco ; e notar o rumo d’onde vem o vento áquelle tempo. Estando a lua ao sul, naquelle periodo, se verá na direita do seu limbo a *guia dos ventos*, nas sombras pretas que se observam no disco, que tem quasi a figura de um homem, a quem se não vê a cabeça. Porém se n’um periodo anterior, por exemplo, antes do primeiro quarto, se vê este homem em posição directa ; deixando, á proporção que a lua se adianta para lua cheia, um espaço claro no lado esquerdo e direito das suas extremidades inferiores ; a saber, mais do que meio diametro de lua, descendo muito abaixo da linha das manchas pretas, na parte oriental do limbo, de maneira que mostre quando he lua cheia, e se vê á meia noite, grande proporção daquellas nodoas nos hombros do homiem, observando que á proporção que as extremidades inferiores descem, as manchas se extendem mais para cima, se podem esperar ventos de Oeste por quasi todo o pe-

riodo, até á seguinte lua cheia. E pelo contrario, se as dictas manchas parecem ter crescido em grão consideravel no limbo occidental, e a guia que fica descripta acima, se levantar gradualmente para a parte superior ou sul do limbo, de maneira que appareça em posição horizontal, quando he lua cheia; e na noite seguinte, *entaõ se devem esperar ventos de Leste* quasi por todo o mesmo periodo que se indicou nos ventos de Oeste. Da apparencia de uma proporção quasi igual, no espaço que ha entre a guia, e as manchas, com as suas extremidades inferiores parallelas ás manchas, se podem esperar 20 ou 21 dias de vento Oeste, antes da lua cheia seguinte: deste numero todo ou parte se seguirá um ao outro no principio, ou será dividido em intervallos; porém na ultima vista da guia, se observa subir na lua cheia, ou immediatamente depois para deixar passar por baixo (como se disse acima) os ventos de Leste. Como a guia muda a sua posição; e na mesma os ventos; porém nestes exemplos, em que se vê a guia no cimo sem a apparencia usual das manchas, no limbo oriental da lua, se podem esperar ventos variaveis, até á seguinte lua cheia.

Pódem accidentalmente occurrer algumas leves excepções nestas regras; mas ellas devem ser consideradas simplesmente como mudanças temporarias, que não produzem effeitos importantes no estado geral do tempo. Accrescenta-se, que posto que a guia e manchas, acima descriptas são os signaes de observação, comtudo he pelos espaços mais lizos ou brilhantes que as cercam, e estão misturados com ellas, que actualmente se governam os ventos; e, como a maior parte da superficie no disco da lua está cheia de espaços claros, algumas vezes em cima, outras vezes em baixo da guia, e das manchas, ou mais ou menos para o lado oriental ou occidental; assim tambem as direcções dos ventos recebem os seus impulsos em fortaleza, e duração. No hemispherio septentrional a maior porção das

manchas pretas, no disco da lua, apparece da parte do limbo de Sueste; e os lugares claros da parte de Oeste; o que se suppoem explicar a duraçãõ dos ventos occidentaes. Os ventos do norte e do sul, são occurrencias raras, e se considéram somente como deviaçoens da ley geral.”

Taes são as ideas geraes desta theoria de Mr. da Costa; e, quando se considera a incalculavel importancia, para o commercio, do conhecimento correcto dos ventos, não pôde deixar de ser ésta nova descuberta mui digna da attençaõ dos observadores curiosos, da natureza. O que nisto ha de mais interessante, he que não se precisando nestas observaçoens de instrumentos ou apparatus algum, está no alcance de todos que quizerem o averiguar até que ponto as regras propostas pôdem dar resultados correctos.

Novas publicaçoens em Inglaterra.

Lord Lauderdale's Further Considerations, 8vo. preço 6s. Ulteriores consideraçoens sobre o estado da moeda corrente, em que se explicam plenamente os meios de restabelecer a nossa circulaçãõ ao estado conveniente; e se descrevem circumstanciadamente os males que soffre o thesouro publico, assim como os credores nacionaes, em consequencia do nosso actual systema pccuniario. Pelo Conde de Lauderdale.

Esta obra he a continuaçãõ da que Sua Senhoria publicou, com o titulo de (*Depreciation of the Currency of Great Britain*) Depreciaçãõ da Moeda corrente da Gram Bretanha, provada por Lord Lauderdale.

Powis on the Shoeing of Horses, 8vo. preço 2s. 6d. Exame sobre os differentes systemas de ferrar os cavallos; particularmente segundo o systema das ferraduras á ligeira, adoptado no collegio, e o systema que se practica agora nas cavalherices do Principe Regente: ao que se accrescenta uma descripçãõ da qualidade dos pés dos ca-

vallos, a que cada um destes systemas se pôde melhor applicar ; e quando se devem usar systemas differentes de ambos aquelles. Com direcçoens particulares para os moços de estrebaria, e ferradores do campo, sobre o modo de preparar o pé, para as differentes sortes de ferradura. Por R. Powis, Cirurgiaõ veterinario.

Medico-Cirurgical Transactions, vol. 4, 8vo. preço 1l. 1s. O iv. volume das Transacçoens Medico-Chirurgicas, com estampas, algumas das quaes são illuminadas : publicadas pela Sociedade Medico-Chirurgica de Londres.

Baynton on the Spine, 8vo. preço 5s. 6d. Exposição de um bem succedido methodo de tractar as molestias da espinha dorsal : com observaçoens, e casos em illustraçãõ. Por Thomas Baynton, de Bristol, author de um tractado sobre as ulceras.

Grant's Thoughts on the Gael, 8vo. preço 16s. Pensamentos sobre a origem e descendencia dos Gaulezes, com algumas noticias dos Pictos, Caledonios, e Escotoes, ou Escocezes ; e observaçoens relativas á authenticidade dos poemas de Ossian. Por Jaimes Grant, Escudeiro ; de Corrymony ; advogado.

O objecto desta obra he, mostrar que os Gaulezes, foram os habitantes Aborigines das ilhas Britannicas ; e que descendiam dos Gaulezes ou *Galli* dos Romanos, em periodos anteriores aos tempos que alcança a historia ; que a mesma raça foi tambem a dos originarios habitantes da Grecia e Italia, antes da introducção das linguas Latina e Grega, naquelles paizes : que os Pictos, Caledonios, e Escocezes, eram verdadeiros Gaulezes, e que os Escocezes de Irlanda e Escocia derivam a sua denominação commum de um similhante estado da Sociedade, existente em ambos

os paizes, e que naõ foram colonias, que andassem errantes, e chegassem ali em busca de habitaçaõ. A ultima parte desta obra, contém observaçoens sobre o poema de Ossian, e provas de sua authenticidade.

Novidades Literarias.

George Ormerod, Escudeiro, de Charlton, juncto a Chester, tem consideravelmente adiantado a historia do Hundred (subdivisaõ de disiricto) de Edisbury, em Cheshire ; que provavelmente será seguida da historia de outros Hundreds.

Mr. Elton, o traductor de Hesiodo, para a lingua Ingleza, está imprimindo, em tres volumes de oitavo, specimens dos poetas classicos, em serie chronologica, desde Homero até Tryphiodorus, traducçoens para o Inglez em verso, e illustrados com notas biograficas e criticas.

O Reverendo J. S. Clarke, está preparando, com permissaõ do Principe Regente, uma edicçaõ do Manuscripto que se acha na livraria de Carlton-house (ultimamente recebido de Roma) da vida de Jaimes ou Jacob II., da Inglaterra ; e taõ bem os Conselhos daquelle monarcha a seu filho, e o seu testamento.

Mr. Robertson Buchanan, author dos ensaios sobre a economia dos combustiveis, tem ja na imprensa um tractado practico sobre os moinhos, e outras machinas.

Madame d'Arblay, tem quasi prompta para se imprimir uma novela intitulada a Vagamunda (Wanderer) ou Dificuldades de uma mulher, em cinco volumes.

Brevemente apparecerá um romance intitulado Coramin ; pelo Author dos Emigrantes Suissos.

As viagens de Sir W. Ouseley, em 1810, até 1812, estaõ ja na imprensa ; e se espera que formem dous grandes volumes. Esta obra conterà a relaçaõ dos paizes que elle visitou, especialmente na Persia, d'onde voltara pelo caminho de Armenia, Turquia Asiatica, Constantinopla,

e Smyrna. Sera acompanhada de mappas, perspectivas, e outras estampas.

O Dr. Carlos Bedham, um dos medicos do Duque de Sussex, esta imprimindo a traducção de Juvenal em verso Inglez, com o texto latino de Ruperti, e notas extensas ; em dous volumes de oitavo.

O Capitaõ Lockett do estabelicimento militar de Bengalla, está preparando para a imprensa uma conta de seus exames nas ruinas de Babilonia, que elle observou miudamente no anno de 1811. Formará ésta obra um volume em quarto, e será illustrada com estampas.

Sir James Mackintosh está preparando a Historia da Gram Bretanha, desde a revolução de 1688, até a revolução de França em 1789 ; e se espera que abrangerá 4 volumes.

Mr. C. M. Clarke, membro do Collegio de Cirurgioens, publicará dentro, em pouco tempo, Observações sobre aquellas molestias do sexo, que saõ acompanhadas de excessos de fluidos.

Estão-se preparando para a imprensa os papeis do falecido Mr. John Smeaton, que fõram inseridos nas Transacções Philosophicas, e incluem o seu tractado sobre moinhos : publicar-se-haõ em um volume de quarto, para corresponder com os seus calculos, e estimativas.

Mr. S. Bankes, membro do Collegio de Cirurgioens, tem ja na imprensa um tractado sobre as molestias do figado, e desarranjos das funcções digestivas, com alguns saudaveis conselhos para as pessoas, que chegam aqui dos climas quentes.

J. Philippart publicará brevemente, Memorias do General Moreau, incluindo uma conta de suas celebres campanhas. Tambem está preparando, as vidas dos Generaes Britannicos, desde o ultimo periodo da conquista, no mesmo plano das vidas dos Almirantes, de Campbell.

MISCELLANEA.

Jornal Pseudo Scientifico.

DEIXAMOS de fallar nesta rhapsodia periodica, no nosso N.º. do mez passado ; por termos demasiadas cousas sérias com que occupar o nosso Jornal ; e porque tivemos outros entretenimentos de maior prazer com que nos divertir : agora porêm pedimos venia ao Leitor, para nos occuparmos alguns minutos com ésta bagatella.

Diz a fama, que a redacção deste anti-scientifico jornal soffreo ha pouco uma consideravel metamorphose. O principal, havendo intrigado seu primeiro benfeitor, e tentado atirar com elle á rua, retirou-se para Lisboa ; tendo a habilidade de persuadir a seu Mecenas, que tão bem merecia a continuação da sua esportula, em Portugal, como escrevendo para o jornal em Londres ; daqui proveio a necessidade de occurrer á vacancia com a nomeação de mais dous cyrineos, ficando toda esta falange debaixo das ordens de seu nobre, e sabio General em Chefe, que tudo dispoem acertadamente Quartel-general de Worthing. Ora Deus queira, que os novos operarios ponham melhor ordem nas cousas.

No entanto os erros passados, no antigo systema, são tão numerosos, que mal se póde esperar uma toleravel reforma, sem que elles façam a mais decidida protestaçaõ de sua fé litteraria, ou dos principios que pertendem seguir ; porque o tal jornal, até aqui, he um completo cháos de despropósitos e contradicçoens.

Como este jornal tem declarado, sem reбуço, a sua devoçaõ á familia dos Souzas, limitar-nos-hemos por ésta vez a mostrar os desserviços, que faz ao Conde do Funchal, e á causa que pertende defender.

Quando nós referimos os successos de Venezuela, sahi-ram-se os Scientificos com toda a sua artilheria contra nós ;

chamando-nos (na forma do costume) revolucionarios; e repetindo em varios N^{os}. que a revolução de Caracas estava acabada, e só existia no cerebro esquentado do Redactor do Correio Braziliense, que por dizer que havia uma revolução em Caracas, devia denominar se o revolucionario Caraquenho, Mirandista, &c. Ora vejamos agora o que diz o mesmo Scientifico no seu N^o. 31, p. 462.

“ Os nossos Leytores, que se lembrarem da representação energica, que fez um *virtuoso* e patriotico Fiscal da Audiencia de Venezuela, e que transcrevemos a p. 448 do nosso N^o. de Septembro passado, hoje veraõ com a maior magoa, e horror, que os seus *leaes e bem entendidos* principios naõ foram adoptados, e que por consequencia ja estaõ realizados todos os males e todas as calamidades, que elle tanto receava.”

Os principios que os Scientificos chamam *leaes e bem entendidos* daquelle *virtuoso* Fiscal; naõ saõ outros senaõ os que o Correio Braziliense repetidas vezes inculcou, da necessidade, que havia, de que o Governo Hespanhol olhasse por si, sobre o que dizia respeito á America; que devia adoptar promptas medidas de conciliação; sem o que as difficuldades de accommodação cresceriam todos dias: e a Hespanha naõ podia dispensar forças bastantes para subjugar todas as suas colonias. Estes principios inculcados no Correio Baziliense eram revolucionarios e Caraquenhos; mas agora, inculcados pelo *virtuoso* Fiscal, saõ leaes e bem entendidos.

Quando nós dissemos, que a revolução crescia todos os dias, a pezar das conquistas, ou derrotas parciaes dos revolucionistas; chamavam-nos Caraquenhos, e asseveravam “ que a revolução de Caracas estava, pela misericordia de Deus, acabada.” Agora dizem “ que o fogo da insurreção ja devóra quasi todas as provincias.”

Nós attribuímos a sugeição momentanea do territorio de Caracas, aos effeitos do terror e susto, que produzio e

terramoto. Os Scientificos repetiram por isso os seus ataques de nos chamarem Caraquenhos revolucionarios, e gritaram que não éra ao terremoto, mas á annihilação dos principios de revolta, e arrependimento dos povos, que aquella subjugação éra devida. Agora dizem “ que he verdade que a Hespanha poderá mandar a Venezuela outro exercito, e outro Monteverde, mas como lhe não póde mandar *outro terramoto*, a conquista será da maior difficuldade.”

Mostramos a incompatibilidade de fazer prosperar as colonias de Hespanha, com o poder absoluto dos Governadores; por isto não podiamos deixar de merecer a decidida reprovação destes leaes servidores; agora usão destes termos.

“ Supponhamos com tudo, que depois de mil incendios, mil violaçoens, e mil mortes, Venezuela torna a sugeitar-se: quem atara as maõs ao novo despota (o Governador mandado de Hespanha) para que novamente a não ponha em circumstancias de revoltar-se? Seraõ bastantes para impedilla ou a Constituição, ou as representaçoens da Audiencia, enviadas á pressa no primeiro navio da Europa? Insistir sobre a virtude da Constituição para governar com equidade as Americas, deixando-as ao mesmo tempo sujeitas a governadores, e a capitaens generaes, que se mostrem mais tigres do que homens, he o mesmo que escarnecer de todas as suas calamidades. Esperar que as Americas, depois de terem derramado seu sangue para defender suas liberdades, se submettam cegamente a um Governo, que ellas entráram a olhar como estrangeiro e inimigo, logo desde o momento que para o combater sacrificáram as suas vidas: ou o que ainda he mais extraordinário, queiram obedecer a um chefe, que as governe, com uma vara de ferro ou um azurrague; sim he esperar cousas impossiveis, e que altamente repugnam com os sentimentos indeleveis do coração humano. Concluamos pois que, quanto têm acontecido em Caracas he uma demonstraçõ practica

contra o pessimo, e destavel plano, que a Hespanha tem seguido; e ainda não cessa de seguir a respeito da importantissima sorte das Americas. Conluamos ainda mais; que este exemplo deve fazer tremer, e abrir os olhos a todos os Governos.”

Ainda que mal pergunte, Senhores Scientificos; he assim que um jornal protegido pelo Enhaixador Portuguez em Londres, deve fallar do Governo da Hespanha? He assim que se descreve em um jornal do Ministro Eleito, o governo das colonias, que seguem o mesmo plano do Brazil, em ponto de forma de administraçãõ, distribuiçãõ dos poderes, &c. &c.?; Estãõ os Scientificos accaso, com o seu Mecenas, trabalhando por introduzir os principios Caraquenhos no Brazil, justificando como aqui fazem a revoluçãõ da America pelo mau governo actual da Hespanha?

Sim; éstas saõ as consequencias de taes escriptos, cuja redacçãõ está entregue a uns Suissos literarios, que em dando certo numero de paginas manuscriptas para a imprensa, assentam que tem merecido a sua soldada; sem se embaraçar, se o tal numero de paginas concorda ou não com o que ja se tem dicto; e menos ainda se he ou não conveniente com os interesses de quem lhe paga a tal soldada. O desenvolvimento desta historia he, que as reflexoens de que tractamos fõram copiadas de um jornal Hespanhol, porque soãram bem nos ouvidos dos Scientificos, e introduzidas na sua rhapsodia, sem pensar na contradicçãõ taõ manifesta de justificar aqui uma revoluçãõ, que este jornal tem dado por acabada, em outra parte, porque assim fazia conta que se dissesse a quem lhe paga! Que bem empregado dinheiro do Erario, nas soldadas destes Suissos literarios!

Outro exemplo do modo porque estes Suissos literarios merecem a sua soldada, he a explicaçãõ que daõ da negociaçãõ do Conde Funchal, respeito a captura das embarcaçoens empregadas no commercio da escravatura. Objectos de maior importancia nos obrigam a defferir isto para o nosso N.º seguinte.

Bulletims do Exercito combinado do Norte da Alemanha.

BULLETIM XXVIII.

Quártel-general de Boitzenbourg, 30 de Novembro.

No dia 16, o Principe Real saio de Hanover, e chegou a Bremen no dia 17 pela manhaã ; no dia 20, S. A. R. chegou a Celle ; em 22, a Veltzem ; em 23, a Lunebourg ; e hontem aqui.

O exercito Sueco passou o Elba. O Marechal Conde Stedingk, com o seu Estado-maior, e com a primeira brigada, está em Boitzenbourg ; as outras brigadas Suecas estão nos arredores. O corpo de Lutzen passou o Elba com o exercito Sueco.

A guarda avançada do General Bulow, commandada pelo General Oppen, fez um movimento sobre o Yessel e tem estado em Doesbourg, desde 23. O General Bulow, com o resto do seu exercito, está sobre as margens do Rheno, e fronteiras de Hollanda.

No ataque de Doesbourg, uma grande parte da guarnição foi feita em pedaços. A approximação da noite não deixou conhecer exactamente o numero dos prisioneiros ; porem quando se mandou a relação tinham-se contado 200, incluindo um Commandante, e cinco Officiaes. A tomada de Doesbourg faz grande honra ao General Oppen, pela sabedoria das suas disposições, e pelo vigor do ataque.

Todo o Ducado de Est Friesland está livre do inimigo. As tropas Prussianas foram recebidas com grandes mostras de satisfação em Embden, Aurich, e pelo interior do paiz.

A fortaleza de Zutphen foi tomada pelos destacamentos dos Majores, de Sandart, e de Muller ; tomaram 300 homens.

O General Barão de Winzingerode tem o seu quartel-general em Bremen ; uma parte da Hollanda está occupada pelos destacamentos do seu exercito. Logo que se soube da sua chegada, os habitantes de Amsterdam estabeleceram uma Regencia composta de homens, dos quaes a maior parte são conhecidos pela sua energia, e patriotismo. O paiz Jever esta occupado pelas tropas Russianas. O forte de Zoltkamp foi occupado por um destacamento das tropas do Barão de Rosen. Foram

achadas lá 12 peças de canhão de diferentes calibres. A guarnição he prisioneira de guerra. Outro destacamento Russo tomou um navio inimigo a bordo do qual estavam 50 officiaes de alfandega, e soldados. O Major Elswagen tomou posse de Zwol, e fez prisioneiros diversos officiaes, e gendarmes. Os Cossacos do Coronel Narishkin tambem tomaram a cidade Canpen, e fizeram prisioneiros 1 coronel, 5 officiaes, 25 gendarmes, e 80 soldados de infantaria.

Groningen foi tomada pelas tropas do General Winzingerode. Fizeram-se prisioneiros um coronel, 38 officiaes, e 800 homens.

Deputados de Groningem, e de outras provincias partiram para o quartel-general do Principe Real a pedir authoridade para formarem Governos Provisionaes dependentes do de Amsterdam; o peditorio foi concedido. A dignidade de Stadthouder ha de ser proclamada. Eis aqui o que Napoleão ganhou em unir este paiz á França.

Varias columnas de tropas tem passado o Yessel encaminhando-se para Utrecht, e Amsterdam. Pode-se olhar para a Hollanda como livre. Os bons Francezes alegram-se com isso.

Os fortes de Carlsbourg, e Blixen, foram tomados por um destacamento Russiano, commandado pelo Coronel Riedinger, apoiado por um brigue Inglez, commandado pelo Capitão Farquhar: tomaram-se 20 officiaes, 534 officiaes inferiores, e soldados, e 30 peças de canhão. A navegação do Weser está livre.

Stade, forte pelo terreno pantanoso no meio do qual está situada, foi occupada por uma guarnição numerosa. O commandante tinha mandado cortar todos os diques, excepto um, e em consequencia da inundaçãõ, Stade parecia estar no meio do mar. Não obstante, o Conde de Strogonoff emprehendeo atacalla. As tropas avançaram com intrepidez pelo unico dique que restava, debaixo de um fogo cruzado da praça, e chegaram a uma ponte que o inimigo tinha destruido. Varios officiaes, e soldados, impellidos pela coragem, e ardor de assaltarem lançaram-se ao gelo, aonde o Conde de Rostignaik, chefe do regimento de Saarlow, e o official que commandava a

frente da columna, morreo. Apezar deste exemplo, foi preciza toda a auctoridade dos Generaes para fazer que os soldados não continuassem e ataque. A guarnição com tudo, temendo que se renovasse a empreza, evacuou a cidade durante a noite, e embarcou para Gluckstadt, aonde foram recebidos pelos Dinamarquezes. Na mesma noite, o General Strogonoff entrou na terra, e achou lá tres peças de canhaõ, e um grande numero de mortos, e feridos. A perda que soffreo pode montar a perto de 200 homens; e do inimigo foi mui consideravel. O Tenente-general Conde Woronzow, que, desde o dia 22 tem tido o seu quartel-general em Winsen, cercou Hamburgo.

Naõ obstante a superioridade em numero das tropas inimigas que passaram o Elba em Zollenspícker, o Tenente-coronel Lowenstern, formando parte do corpo do Conde Woronzow, fellos recuar, matou-lhe 100 homens, entre os quaes havia 2 officiaes, tomou 2 peças de canhaõ, e fêz mais de 40 prisioneiros.

O Tenente Jacobson, do corpo do General Woronzow, com 100 Cossacos atacou dous esquadroens de caçadores a cavallo, da guarnição de Horneburgo, e depois de ter morto 20 homens, e feito 30 prisioneiros, tomou posse da cidade.

Stettin capitulou. As condiçoens saõ, que a guarnição se ha de entregar prisioneira de guerra no dia 5 de Dezembro, no caso de não ser soccorrida antes.

As tropas Alemaãs, que estavam em Magdeburgo, tiveram permissaõ para voltárem para suas cazas, debaixo da condiçaõ de não servirem contra a França antes do termo de um anno. A guarnição esta mal abastecida, e os soldados estam descontentes.

O General Narbone, Governador de Torgau, morreo. O General Dutailis, que lhe succedeo, e tres outros Generaes, estam perigosamente mal da fevre epidemica que ha na cidade, e que diariamente leva um grande numero de vietimas.

O General St. Cyr capitulou, e Dresde está na posse dos Alliados. Por este modo, á excepçaõ de algumas praças fortes que estam a ser atacadas, o total do paiz entre o Elba e o Rheno está livre do inimigo. Todos os habitantes se estam armando, e a Alemanha brevemente ha de appresentar o spectaculo de toda uma naçaõ armada para proteger a sua independencia

A livre Cidade Hanseatica de Bremen retomou a sua antiga constituição. Espera-se que as outras cidades de Hamburgo, e Lubec hajam bem depressa de gozar a mesma felicidade. Segundo noticias modernas, uma triste dezesperação reina entre os infelizes habitantes de Hamburgo. Os soldados estão cansados da guerra, e dezejam voltar para as suas familias. O banco foi levado dali, e assim se commetteo um crime publico. Os principaes habitantes são forçados a trabalhar nas fortificaçoens, e o trabalho continua tanto de noite como de dia.

Todas as arvores de Wilheimsburgo tem sido cortadas, e a ponte construida pelos Francezes entre aquella ilha, e Hamburgo está destruida.

O exercito do Norte da Alemanha, no proseguimento do nobre objecto de todos os seus esforços, que he o de uma paz geral, não podia permitir que uma força inimiga estivesse acantonada sobre as suas communicaçoes. Os habitantes de Holstein, Alemaens por origem, e linguagem, deviam alegrar-se com a liberdade que acaba de ser restaurada aos seus compatriotas; devem dezejar o apartamento de um exercito, cuja presença não annuncia senão miseria. Se estes territorios forem o theatro da guerra, não tem a quem tornar a culpa senão á politica do Governo Dinamarquez. *Porem ainda não he demasiadamente tarde; ainda depende do Rey de Dinamarca o poupar ao paiz este flagelo; a um paiz que por tantas geraçoens tem sido a morada da prosperidade, e da paz; abandonando a causa que tem sido tão fatal para a sua dignidade, e para os interesses do seu povo; finalmente acccitando as proposiçoens das Potencias Alliadas, o Rey de Dinamarca pode arredar a tormenta que ameaça os seus dominios. A presente, e futura sorte está dependente da resoluçãõ que elle agora houver de adoptar.*

Pamplona capitulou. As victoriosas tropas do Marquez de Wellington estam agora no territorio Francez; he porque atacaram os Hespanhoes no seio da paz que os pacificos habitantes do Adour vem um inimigo sobre as suas margens. O Imperador da Russia, o Imperador de Austria, o Rey de Prussia, e outros formidaveis excreitos, estam sobre as margens do Rheuo. Um unico objecto dirige todas estas massas. Uma paz

geral, fundada sobre os limites naturaes, e o penhor da sua solidiez. Nas longas miserias que tem assolado o Continente os instrumentos, e as victimas tem sido igualmente dignos de compaixão ; e os Soberanos Alliados dezejam tanto a felicidade dos Francezes, como a das suas proprias naçoens. Nos não podemos ter senão um objecto honroso ; uma so conquista que ho dezejavel, e justa, a paz. Milhoens de vozes a pedem ao povo Francez. Seraõ elles surdos á vos da humanidade, da razaõ, e dos seus mais charos interesses ?

Qual he o Francez, qual he o homem verdadeiramente Europeo que não tem sido profundamente tocado pela replica de Napoleaõ ao Senado ? O Presidente daquella Assemblea, em nome da França, pede paz ao Imperador, e este Soberano que ha dous annos tem sido testemunha da morte de 600.000 homens, responde com frieza e meramente diz, que a posteridade conhecerá que as presentes circumstancias não são superiores a elle. Assim o Imperador Napoleaõ não dezeja paz ; e como a Europa a dezeja, deve ella preparar-se para a obter pelas armas. Tenhamos a esperanza de que os dezejos dos Francezes haõ de unir-se aos da Europa !

BULLETIM XXIX.

Quartel-general de Neumunster, 12 de Dezembro.

S. A. R. depois de ter passado por Oldesloh, e Segeberg, mudou o seu quartel-general para Neumunster, no dia 11 do corrente. As tropas do General Brostell, tiveram um encontro com o inimigo de fronte de Wesel, em 2 de Dezembro. O resultado foi vantajozo para ellas. O regimento de Cossacos de Bisculoff que ja se tem distinguido em outras occazioens, cobrio-se entaõ de gloria.

O Major Knoblock, do corpo do General Brostell, surprehendeo a cidade de Neus, defronte de Dusseldorf. Tomou-se uma aguia, um coronel, 18 officiaes, e alguns centos de soldados. Tambem se tomou posse de um almazem de forragem, e fardamentos. O Coronel Hole, que commandava a expedição, perseguio o inimigo até a strada de Juliers. Assim as tropas do exercito do Norte da Alemanha acham-se no territorio Francez. Entretanto espera-se que a grande confederação armada a favor da liberdade, e independencia do Continente, não será obrigada a passar a diante, e a buscar na

França antiga aquella paz de que todos os habitantes da terra tem tanta necessidade.

O corpo de General Winzingerode, depois de um curto bombardeamento, apoderou-se do forte de Rothemburg. A guarnição foi feita prisioneira da guerra.

O Principe de Eckmuhl, com intento de obter avizos, e fazer prisioneiros, fez uma saída de Hamburgo com toda a sua cavallaria. tinha-a apoiada com uma reserva de varios batalhoens. Estes corpos, ás ordens do General de Divisaõ Vichery, atacaram um posto avançado dos Cossacos, collocado em Tondorff, e proseguio a sua marcha com tanta impetuosidade, que entrou em Rahlstath junctamente com o piquete. O regimento de Cossacos que entrou naquella praça foi obrigado a retirar-se sobre Seik, aonde o General Pahlen estava collocado pelo General Woronzoff, com seis esquadroens de cavallaria regular. Em menos de quatro minutos, estas ultimas forças estavam debaixo d'armas. O General Pahlen, bem conhecido no exercito pelos seus talentos militares, e grande intrepidez, immediatamente os conduzio ao ataque. O Coronel Timen, á testa de um esquadraõ do regimento de Izoum, começou o ataque com tanto vigor, que logo rechaçou o inimigo, que desde entaõ ficou em completa derrota. Foi perseguido até Wandsbeck. A estrada entre Seik, e Wandsbeck, estava coberta de mortos: contaram-se mais de 200, e fizeram-se acima de 150 prisioneiros, entre elles um official. O Coronel dos dragoens de Jutland foi ferido, e morreo das feridas pouco depois.

O General Dorenberg atacou, com tres batalhoens, tres regimentos de infantaria Dinamarqueza, que tinham saído de Oldesloh. O inimigo foi vivamente perseguido até Bode, e a noite poz fim ao combate. O General fez alguns prisioneiros. Um esquadraõ de hussares desmontados, atacou a villa de Benthorst, aonde estava uma companhia de infantaria Dinamarqueza. Fez 20 prisioneiros, e dispersou o resto.

Um destacamento da guarda avançada do General Walmoden tomou uma parte da bagagem do inimigo junto de Eckenpohrde, e fez alguns centos de prisioneiros.

O General Tettenborn, que passou o Eyder com o seu corpo, occupou Frederickstadt, Tonningen, e Hussum, e mandou destacamentos para a banda de Flensbourg, e Sleswick. Tambem cercou o forte de Vollerwyk. Surprehendeo em Hanau 120 carruagens, que accarretavam os doentes do hospital de Altona. Cento, e vinte da escolta foram feitos prisioneiros: o resto salvou-se a favor da noite.

Em Hussum tomou sette canhoens. O General tambem desarmou o Landsturin de Tonningen, e Hussum. Tomaram-se ali mais de 300 espingardas. Um destes destacamentos destruiu os depositos de cavallaria que estavam em Itzehoe. O inimigo perdeu muita gente em mortos e feridos. Tem-se tomado, um official, 100 soldados, e 120 cavallos.

O exercito Sueco avançou sobre o Eyder, entre Rendsbourg, e Kiel. Os seus destacamentos occupam este ultimo lugar. O quartel-general do Marechal Conde Stedingk está em Preetz.

Os habitantes de Ploen, e de Eutin, receberam as tropas Suecas com grandes aclamaçoens de alegria. Estas cidades foram illuminadas.

O General Skioldebrand que estava empregado no perseguimento do inimigo, travou-se com elle em frente de Bornhoft. Achou que a sua força, consistindo de três batalhoens de infantaria, e dous regimentos de cavallaria, estava formada em batalha, e tinha uma bateria de seis peças sobre o seu flanco esquerdo. O fogo da sua metralha fêz-se vivo e destructivo; porem o General Skioldebrand elle mesmo, a frente das suas tropas, atacou com tanto vigor, que a bateria foi tomada, os batalhoens rôltos, e forçados a deporem as armas. A cavallaria inimiga deitou a fugir: toda a do General Skioldebrand, foi em seu perseguimento, deixando somente um batalhaõ para receber os batalhoens que se tinham rendido. Estas tropas, ou por traiçaõ, ou por instigaçaõ de alguns dos seus officiaes, retomaram as armas, fizeram fogo sobre a nossa cavallaria, e causaram grande damno. Alguns esquadroens de hussares que perseguiam o inimigo, immediatamente voltaram ao ataque, e passaram á espada aquelles batalhoens.

Como o inimigo tinha um consideravel corpo de reserva na villa de Bornhoft, somente a bateria, e perto de 300 prisioneiros poderam ser tomados. A sua perda em mortos, e feridos, he mui consideravel. A nossa montaa perto de 200 homens, e outros tantos cavallos. O Capitaõ Planting, e o Ajudante Cock, dos hussares de Morner, foram mortos: e o Coronel Cederstrom, do mesmo regimento, ferido. A cavallaria Sueca mostrou uma rara intrepidez neste combate: atacou sobre um terreno mui difficultoso tres castas de armas (cavallaria, artilheria, e infantaria), e obteve completo successo.

He doloroso ser obrigado a mencionar combates que tem havido entre os filhos do Norte: e que so deviam produzir lucto, e silencio. O Soberano cuja politica os tem provocado, he so quem pode dezejar sejam prolongados. Esperemos que o Rey de Dinamarca haja de

por um termo a esta guerra de irmaons, e que este reyno e o da Suecia, appresentem a imagem de uma familia unida, tranquila, e feliz. O inimigo cortado de Rendsberg pelo General Walmoden, retirou-se sobre Kiel, perseguido pelo General Skioldebrand. Passou o canal, e proseguio pela margem opposta, sobre a fortaleza, depois de ter destruido as pontes. Foram precisas 24 horas para as reparar. O General Walmoden que tinha avançado para Klawenseck, lançou outras; e destacou o General Dornberg sobre Eckernfohrde, depois de ter recebido noticia de que o inimigo se ia retirando sobre aquelle ponto. A guarda avançada do General Walmoden tinha passado muito antes. Alguns batalhoens, e um regimento de húsares, que deveriam ter guardado a ponte, e mantido as communiçaõens com o General Dornberg, foram atacados em Ostenrode pelo exercito inimigo, os quaes, sem duvida, temendo que ella houvesse de ser destruida na sua marcha sobre Colding, tomaram a repentina resoluçaõ de fugir para Flensburg. O corpo do General Walmoden estando separado, naõ podia chegar a tempo de tomar parte na acçaõ. Este general, com um regimento de hussares, quatro batalhoens, e quatro peças de canhaõ, sustentou um longo, e obstinado combate, contra uma força de 10.000 homens, pelo menos, com uma numerosa artilheria. O successo esteve muito tempo indecizo, porem a final o inimigo, sempre pôde ganhar a pesse da estrada de Rendsberg. Os soldados estiveram muitas vezes barulhados uns com os outros; e apezar de o numero dos Dinamarquezes ser em proporçaõ de tres para um, o Conde Walmoden ficou senhor do campo da batalha. Os caçadores de Mecklenberg, de pé e de cavallo, que faziam a guarda avançada do General Vegesack, chegaram a tempo de tomar parte na acçaõ, e de a decidir. A sua cavallaria fez um airozo ata que contra o regimento de Holstein, e debaixo do fogo cruzado de varios batalhoens que estavam postados por detraz das paredes. O Principe Gustavo de Mecklenberg, que se tem distinguido de uma maneira admiravel, foi ferido. Tendo-o o seu grande valor levado ao meio dos inimigos, caio em suas maons; porem foi ao depois trocado por um official da mesma graduacaõ. Espera-se que as suas feridas o naõ impediraõ de continuar a guerra. O seu porte tem sido superior a todo o elogio. O Coronel Muller, dos caçadores de Mecklenberg, conduzio-se de uma maneira brilhante. O Conde Walmoden perdeu nesta acçaõ um canhaõ, e de 5, a 600 homens, entre mortos, feridos, e dispersos. A perda do inimigo, pela sua propria confissaõ, foi mais de 1.000 homuns. Neste combate, que faz grande Honra ao General Walmoden, e no precedute que consistio em es-

caramuças, tomou oito peças de canhaõ, e 400 prisioneiros. O Tenente Muhlenfels, dos hussares da legiaõ, e o Tenente Maurenholz, dos hussares; com uma vintena de hussares, e outros tantos caçadores Hanoverianos, fizeram prodigios de valor, e tomaram cinco canhoens. O Principe de Hesse pediu um armisticio. He provavel que as differenças entre a Suecia, e a Dinamarca sejam brevemente ajustadas, e que a Dinamarca por fim se una aos Alliados.

BULLETIM XXX.

Quartel-general de Kiel, 16 de Dezembro.

O armisticio pedido pelo Principe de Hesse foi concedido. Começou no dia 15 do corrente, á meia noite, e há de acabar no dia 29, á mesma hora. Nos havemos de aproveitar este intervallo em adiantar as operaçoens contra Hamburgo. O exercito Dinamarquez entrou em Rendsberg como por milagre. Duas horas mais tarde, teria sido forçado a depor as armas, ou a dispersar-se. O forte de Vollerwyk, rendeo-se ao corpo do General Tettenborn, depois de ter sido canhonado por alguns dias. A guarnição fica prisioneira de guerra, e não poderãõ servir até que sejam trocados. Tomaram-se la 18 canhoens, e 10 morteiros. O numero de peças de canhaõ tomadas pelo General Tettenborn, depois que entrou nos Ducados, monta a 38.

Os talentos caracteristicos dos Cossacos, de se desinvencilharem das difficuldades, em todas as occasioens, mostraram-se nesta. Por falta de artilheiros, elles mesmos serviram a artilheria, com que fizeram fogo contra a bateria. O tempo mais rigoroso, as estradas quasi impracticaveis, não fazem parar estes guerreiros. Um exercito que tem Cossacos achará sempre as suas operaçoens, e os seus successos, facilitados pela sua vigilancia.

Os fortes de Fredericksort, e Gluckstadt, não estam incluídos no armisticio. Se o Governo Dinamarquez deseja a paz, estas praças não experimentarãõ os horrores de um bombardeamento. O exercito fez alto no meio dos seus successos; o tempo que elle perde esperando pela conclusãõ de uma paz, he de uma importancia incalculavel. Assim tem os Alliados dado á Dinamarca, e a toda a Europa, uma prova evidente da sua moderaçãõ. Se as hostilidades recommecam, sem duvida será uma desgraça mui grande: porem ninguem poderá exprobrar aos Alliados as suas consequencias.

Dous regimentos de Cossacos do corpo do General Benkendorf, tem avançado sobre Breda, a guarnição evacuou aquella praça, e

retirou-se sobre Antwerpia, perseguida pelos Cossacos. A cidade do Breda foi immediatamente occupada pelos Alliados, e tomaram-se lá 600 prisioneiros.

Assim o exercito do Norte da Alemanha occupa, neste momento, uma linha de Breda a Dusseldorf. Em consequencia do armisticio, recolheo todas as partidas Schleswig, e as suas tropas occupam neste Ducado a linha desde Eckernforde, ate Husum. As disposiçoens tem sido tomadas de modo que sobre as extremidades de cada um dos flancos, pode ajuntar se um exercito de 35.000, em tres marchas. Esta exposiçaõ devia ser bastante para convencer a Dinamarca, da injustiça que ella tem feito aos Alliados, e á boa causa. Cada dia he uma idade perdida para os interesses daquelle governo.

BULLETIM XXXI.

Quartel-general de Kiel, 21 de Dezembro.

O General Benkendorf fêz-se Senhor de Gertruydenberg. O General Loranzare que lá commandava, volta para França com a sua guarniçaõ, com condiçaõ de naõ servir contra os Alliados durante um anno. A fortaleza de Williamstadt foi evacuada com tanta precipitaçaõ, que o inimigo abandonou 20 barcas canhoeriras que lá estavam. Em todas as cidades da Hollanda que tem sido restauradas á liberdade estam-se formando guardas-paizanas. Gluckstadt está sitiada. Se a praça naõ se render, pela primeira neve hade ser assaltada. O inimigo tinha estabelecido uma bateria de quatro peças de calibre 13, com vinte infantes para a servirem, perto da aldéa de Ivensloth, em uma posiçaõ mui vantajoza. Um batalhaõ da brigada do General Boye fez-se senhor da bateria, perseguio o inimigo debaixo do fogo de metralha da fortaleza, e fez muitos prisioneiros.

Tinham-se feito todas as preparaçoens para se atacar a fortaleza de Fredericsort: as tropas da segunda brigada, debaixo do commando do General Baraõ de Posse, estavam a 300 passos da muralha. Depois de um fogo mui forte que durou um dia e uma noite, e que os nossos soldados sustiveram com o verdadeiro sangue frio do norte, capitulou o commandante no dia 19. Achamos na praça 101 peças de canhaõ; muitas muniçoens, incluindo 4, ou 500 quintaes de polvora. A guarniçaõ fica prisioneira de guerra.

A seguinte Proclamação foi publicada do Quartel-general do Principe da Coroa:—

PROCLAMAÇÃO.

HABITANTES DE HOLSTEIN,—O Exército Alliado do Norte da Alemanha acaba de entrar no vosso paiz, pelo vosso Governo ter recusado acceptar os repetidos offercimentos dos Alliados para se unir á cauza geral da Europa.

Os Tratados entre os Alliados, tem unido a Norwega ao Reyno da Suecia: tem-se fixado compensaçoes para a Dinamarca que asseguram a sua existencia politica; porem o vosso Governo tem recusado tudo.

Desde este momento, se toma posse de Holstein, como por penhor da cessaõ da Norwega á Suecia.

Habitantes de Holstein, não vos intrometais com as materias politicas. Os habitantes pacificos haõ de ser protegidos; os fomentadores de desordem; seraõ castigados o exercito observará a mais exacta disciplina.

O Governo Provisional será nomeado, consistindo dos cidadaons respeitaveis, distinctos pelos seus talentos, porte e probidade: Estes seraõ encarregados do cuidado do Governo interno do paiz, e da protecção dos vossos interesses. Obédecei áquellas direcçoes que elles influídos pelas circunstancias dos témpos, vos derem.

BULLETIM XXXII.

Quartel-general de Kiel, 6 de Janeiro.

O Governo Dinamarques, tendo rejeitado as bases que lhe foram propostas para a pacificação, recommçaram as hostilidades hoje pela manhaõ.

Formou-se o bloqueio de Rendsbourg, e os postos avançados da guarnição foram obrigados a retirar-se para baixo do fogo da praça.

Está nomeado um Governador-general para os Ducados de Holstein, e Schleswick.

Um corpo de inimigos de mais de 10.000 homens, com 25, a 30 peças de canhaõ, fêz um ataque sobre Breda. O General Benkendorff, que defendia a praça, apoiado por um movimento combinado dos Generaes Bulow, e Graham, forçou o inimigo a retirar-se. Aquelle General conduzio-se nesta

como em todas as outras occasioens, com o valor e sangue frio que o characterisam.

O Coronel Narischkin emprehendeo uma expedição sobre a margem esquerda do Rheno, e tomou prisioneiros, o Coronel do regimento 20 de Caçadores, um official inferior, e alguns soldados.

Uma parte do exercito do General-em-Chefe, Conde Benignsen, rendeo o corpo do Tenente-general Conde Woronzow, defronte de Hamburgo. A posse de Ochsenwerder, que as suas tropas tomaram, inquieta muito o Principe de Eckmuhl; que tem tentado por vezes transportar tropas para lá, em botes, porem tem sido constantemente rebatidos pelos lanceiros Russianos. A deserção das tropas que formam a guarnição he consideravel.

A Legião Hanseatica, que recebeo agora um méz de pagamento, correo a offerecer aquella somma para os infelices habitantes de Hamburgo, a quem o Principe de Eckmuhl expellie. Este acto de benevolencia fas maior honra aquelles guerreiros, pela somma que assim foi applicada, haver sido destinada para comprarem para si alguns artigos de apetrechamento.

A fortaleza de Gluckstadt capitulou hontem a tarde, e foi occupada esta manhaã pelas tropas Suecas. A guarnição fica prisioneira de guerra, e ha de ser transportada para a ilha de Alsen, com a promessa de não servir contra os Alliados durante um anno. O numero excede 3.000 homens. O General Boy, e todas as tropas do seu commando, durante o cerco, deram provas de valor, e preseverança. O terreno em roda da fortaleza tinha sido inundado, e os sitiantes tinham de resistir a um tempo chuvoso, e doentio; finalmente a approximação a praça so podia ser feita debaixo de um mui vigoroso fogo de metralha, e bala. A idea que se pode fazer das privaçoens, e incomodos que se soffrem nos assedios de praças no meio do inverno, he muito abaixo do que os soldados experimentaram nesta occasião.

As fadigas que soffreram poem ainda em mais estimação os talentos do General, e o excellentes espirito com que as tropas estam animadas. As operaçoens da artilheria foram dirigidas

com igual intelligencia e coragem pelo Capitaõ Hygrell. A artilheria Sueca, e Ingleza, e os corpos destacados do Conde Woronzou, distinguiram-se muito. O General Baraõ de Boye, louva muito e zelo, e talentos dos Capitaens Thersner, e Melander, dos Engenheiros. O Capitaõ Inglez Farquhar, com a flotilha do seu commando, tomou uma honroza, e activa parte no ataque da praça, e contribuiu muito para a sua entrega.

Gluckstadt he uma praça de grande importancia para a navegação do Elba. Rendeo-nos 325 peças de artilheria, das quaes 119, saõ de brouze. O ataque estava determinado, e naõ se esperava senaõ pelo gelo, para se emprehender. O Conde Woronzow tinha formado um batalhaõ de 600 grana-deiros com lanças para servir de reserva ás tropas Suecas.

A cidade de Gluckstadt foi fundada em 1620, por Christiano IV. em um sitio mui pantanoso, e o estabelecimento foi causa de um consideravel ciuime da parte dos Hollandezes. Em 1628 foi atacada pelo celebre Tilly, que depois de 15 semanas de incessantes operaçoens foi obrigado a levantar o cerco. Na expedição de Torstenston, Gluckstadt, e Krempe, eraõ as unicas praças nestes Ducados, que as tropas Suecas naõ occupavam.

O Exercito Alliado tem tomado 470 peças de artilheria depois da sua entrada em Holstein.

Esta-se trabalhando na demolição da fortaleza de Frederick-sort: a navegação do Baltico, e do Beltsha de ser mais livre. Esta fortaleza tinha sido fundada para injuriar o commercio dos Inglezes com as potencias do Norte.

O Commissario de Guerra Francez, Pregaud, enviado pelo Principe de Eckmuhl, acertou em chegar aos postos avançados dos Dinamarquezes, e a Copenhagen, com instrucçoens do seu Governo, para o Baraõ Alquier. O mesmo General Lallemand era esperado a semana passada pelo Ministro Francez.

Tem-se renovado as ordens á marinha Sueca para meter no fundo todos os piratas. Estes piratas faziam muito damno ao commercio dos Inglezes, Russianos, Prussianos, e Suecos no Baltico.

Os portos da Peninsula Cimbriana foram agora abertos ás

bandeiras alliadas. Este paiz que tem soffrido tanto pelo systema Continental, verá outra vez o seu commercio florecer, e reviver a sua prosperidade. Os Noruegianos que tem soffrido tantas privaçoens e miserias, haõ de immediatamente ser informados de que a sua uniaõ com a Suecia há de ter por primeiras bases as mesmas vantagens que agora foram restauradas aos habitantes da Pininsula Cimbriana : agora a Noruega, livre, e feliz, naõ ha de ser mais governada como uma colonia, e ha de gozar todos os seus direitos politicos.

*O PRINCIPE HEREDITARIO DA SUECIA A SEU
FILHO.*

A seguinte carta que nos extrahimos das gazetas Alemaãs acaba de publicar-se, foi escripta pelo Príncipe da Coroa no outro dia da tomada de Lubeck :—

MEU CARO OSCAR,—O povo de Lubeck ajudou Gustavo Primeiro a restaurar a liberdade do seu paiz ; eu venho de pagar esta divida dos Suecos, Lubeck esta livre. Tive a felicidade de tomar posse da cidade sem effusaõ de sangue. Esta vantagem he-me mais agradável do que uma victoria em uma batalha campal, ainda que me custasse pouca gente. Quam felices somos nos, meu caro filho, quando podemos evitar lagrimas ! Como he inteiro, e socegado o nosso somno ! Se todos os homens podessem ser convencidos desta verdade, naõ haveria mais conquistadores, e as naçoens seriam governadas somente por soberanos justos. Eu parto a manhaã para Oldersloke, e no dia seguinte para onde os achontecimentos me chamarem. Eu faço tudo para os tornar a bem da boa causa, e beneficio do meu paiz. A unica recompensa que eu dezejo, he, que isso vos possa aproveitar, meu caro filho, em tudo o que vos alguns dia reprehenderdes para a sua prosperidade.

Lubeck, 7 de Dezembro, de 1813.

Vosso afeiçoado Pay,

CARLOS JOAÕ.



EXERCITOS ALLIADOS NA ALEMANHA.

Officios dos Agentes Inglezes nos exercitos Alliados, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Londres.

Os Officios de que o seguinte são copias, foram recebidos nesta Secretaria, dirigidos ao Visconde de Castlereagh pelo Lord Burghersh, e por S. E. o General Visconde Catchcart:—

Baislea, 2 de Janeiro, de 1814.

MY LORD,—Tenho a honra de participar a V. S. que o General Bubna entrou em Genebra no dia 30, por capitulação. O official que commandava a guarnição Franceza naquella praça não tinha meios de resistencia, e tambem tinha toda a razão para temer hostilidades da parte dos habitantes; foi-lhe concedido retirar-se com a sua guarnição, quando os Austriacos tomaram posse da praça.

O povo de Genebra está para restabelecer o seu antigo governo; e tem manifestado a mais decidida aversão ao dominio da França, ao qual a força os tinha sujeitado; e eu espero que elle effectivamente possa estar seguro de não tornar a ter a mesma desgraça.

No Ducado de Saboia, o mesmo espirito de aversão contra a tyrannia da França, tem sido universalmente mostrado. Já se tem começado uma organisação no paiz com o fim de manter a sua antiga independencia nos ainda estamos sem relações circunstanciadas a este respeito; porem tenho esperança de transmittir a V. S. muito cedo, as mais favoraveis noticias daquelle paiz. O corpo de Austriacos, ás ordens do General Aionchi, está occupado em investir Befort; este rendeo a divisaõ do corpo do General Wrede, que antes estava empregada naquelle serviço, e a qual tendo-se reunido áquelle official, ha de avançar amanha sobre Colmar. O General Biouchi tem a sua guarda avançada em Vesoul, e tem tido ordem de enviar partidas consideraveis para Langres. Pelas relações daquelle official, sabe-se que os Austriacos tem encontrado o melhor acolhimento possivel nos habitantes de França.

O corpo de Austriacos debaixo das ordens do Principe de Hesse, hade chegar perto de Besançon no dia 9 deste mez, e ha investir aquella praça.

O General Bubna tem enviado destacamentos para a Italia, e para os differente pontos de força nas estradas de Simplon, St. Bernardo, e St. Gothard. Tambem tem destacado partidas para Lyons.

Um corpo de mil Cossacos foi destacado de Altkirch para Remirmont, Epinal, e Nancy. Estas tropas são destinadas para reconhecer o valle do Moselle.

O General Wittgenstein foi mandado passar o Rheno, hoje, nas vizinhanças de Strasburgo, e marchar com a sua vanguarda sobre Soverne : e hade communicar pela sua direita com o General Blucher, o qual haverá passado aquelle rio com uma parte do seu corpo em Oppenheim, e com o resto delle, abaixo de Mayence. Pela sua esquerda hade communicar com o General Wrede, o qual há de avançar desde Kolmar a Schlestat, e desde a quella praça a ligar-se com aquelle official. Não se sabe que os Francezes tenham ate gora ajuntado força alguma consideravel em Colmar. O General Wrede ha de atacar ámanhaã quem quer que lá achar ; porem cre-se que o inimigo não há de esperar por elle.

Do exercito Austriaco da Italia não se tem recebido informaçãõ alguma interessante despois da ultima vez que tive a honra de escrever a V. S. As tropas do commando do General Nugent entraram em Bolonha. O Quartel-general do Principe de Schwartzenberg ha de mudar-se amanhaã, deste logar para Altkirch. O corpo do General Barclay de Tolly há de ajuntar-se naquella praça no dia 13. O Principe Schwartzenberg hade a esse tempo ter marchado para diante, e ha de fazer esforço por se estabelecer no valle de Moselle. O fogo contra a fortaleza de Huningen começou na noite do dia 29. A segunda parallela ainda não está completa ; e eu ainda não tenho observado que se tenha feito damno algum consideravel as defezas da praça.

O Principe Real de Wirtemberg atravessou o Rheno na ponte de barcos, estabelecida a baixo de Huningen em Maerkt, reunio-se ao General Wrede, e ha de co-operar ámanhaã com elle no seu movimento.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignad) BURGHERSH.

Ao Visconde de Castlereagh, &c. &c.

LONDRES, REPARTIÇÃO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, 15 DE JANEIRO.

Os officios de que o seguinte são copias, foram recebidos nesta Secretaria, dirigidos ao Visconde de Castlereagh pelo S. E. o General Visconde Cathcart, e por Tenente-general o Hon. Sir Carlos William Stewart, K. B.

Freyburg em Brigau, 6 de Janeiro, de 1814.

MY LORD,—A cavallaria da reserva passou Freyburgo. A manhaã as duas divisões de guardas Russianas a pê, com as Prussianas, e um mui bello regimento das guardas a pé de Baden, haõ de passar por aqui em sua marcha. Haõ de ser seguidas pela artilheria de reserva, e por outras tropas.

O quartel-general do Imperador da Russia ha de marchar com 35 guardas; porem S. M. I. ha de ir por Schaffhausen, e ha de encontrar esta força reunida juncto a Basilea, em 31 de Dezembro (12 de Janeiro), e ha de provavelmente passar o Rheno no dia seguinte, quando faz annos que atravessou o Niemen. O General Bubna occupou Genebra, do que se receberam hontem as partes officiaes. Tenho a honra de inviar inclusa a copia do Bulletin que se imprimio aqui esta manhaã. As patrulhas deste corpo tem chegado até Turin.

O General Conde Wrede, com o exercito do seu commando, tem o seu quartel-general em Colmar. O Principe Real de Wirtemberg esta defronte de Neu-Brisac, cuja praça está bloqueada. O quartel-general do Feld-Marchal Principe de Schwartzenberg está em marcha de Alkirchen sobre Montbeillard, com todo o exercito Austriaco; Befort esta observado por um destacamento. O Conde Wittgenstein atravessou o Rheno juncto do que era fort Louis, e occupou os dous fortes de Vauban, e Alsace, os quaes estavam evacuados. O General Blucher tambem atravessou o Rheno, e está de posse de Coblentz. O corpo Russiano de Langeron está defronte de Mayence, sobre a margem esquerda do Rheno, estando Cassel ainda coberto. O General Sacken atravessou aquelle rio no 1.º de Janeiro, na presença de S. M. o Rey de Prussia; juncto a Oppenheim, e assaltando o reducto, tomou 6 peças de canhaõ, e 700 prisioneiros.

O General Russiano St. Priest atravessou abaixo de Mayence. Nenhum destes corpos encontrou ainda resistencia seria, e dam-se bellamente com os habitantes. Apenas tenho ouvido de um sitio aonde os habitantes fizeram fogo das aldeas.

Varios regimentos de Cossacos tem passado, e feito patrulhas para a banda de Nancy, e em diferentes direcçoens. A horrivel febre que deo nos Francezes, o anno passado, e que inficionou todo o paiz por onde passaram os restos do seu exercito, tem continuado naquella linha, e praças que elles tem occupado, em muitas das quaes faz um estrago que se vai augmentando terrivelmente. Mayence, Leipsig, Torgau, e Dresden, são as praças aonde ella agora he mais destructiva. Os Francezes são as principaes victimas, porem muitos dos habitantes das aldeas adjacentes vam perecendo. Torgau está tam inficionada que seria perigoso introduzir novas tropas.

Os reforços Russianos são excellentes, e o exercito está com saude, e em bom estado, tanto os homens como os cavallos.

Pelas ultimas relaçoens, o inimigo, diz-se ter 12.000 homens em Metz. As guardas tinham sido tiradas dali, e diz-se que estam con-

centradas á roda de Paris excepto 3, ou 4.000, que se diz que foram destacados para o lado de Flandres. Em Besançon naõ há força cousideravel; o General que lá comanda foi por soccorro a Lyons, porem voltou do mesmo modo.

Tem-se recebido aqui os Monitores até o dia 30, inclusive, em que vem a resposta de Bonaparte á falla do Senado.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

CATHCART.

Ao Visconde de Castlereagh, &c. &c.

(Traducção.)

Quartel-general de Allkirch, 4 de Janeiro, de 1814.

O Capitaõ Baraõ Wemmer chegou hontem com officios do Marechal-de-Campo Tenente Conde Bubna, annunciando a posse da cidade de Genebra. Quando as tropas chegaram a tiro de canhaõ, o Conde Bubna foi informado de que se tinha intento de entregar a praça. As columnas, naõ obstante, estavam providas com artilheria, escadas, e fachinas, e avançaram a distancia da praça de tiro de metralha, quando viram a bandeira branca, e ao mesmo tempo a cavallaria inimiga retirando-se para o lado de Chambery. O Major Conde St. Quintin que tinha sido mandado á cidade, referio que o Commandante, General Jourdiz, digno official antigo, estava de cama doente de um violento entumecimento, rodeado do seu Estado-maior, e em tal estado que nem podia fazer resistencia, nem capitular. As tropas marcharam para dentro, e occuparam a cidade, e a passagem sobre o Arve. No dia 29 de Dezembro tinham chegado 50 artilheiros, e dizia-se lá que varios batalhoens tinham marchado de Turin para reforçar a guarnição de Genebra; e que o General Fournier recebera ordem do Imperador Napoleaõ para defender aquelle importantissimo ponto até a ultima extremidade.

Achou-se nesta fortaleza um preparo de artilheria mui valiozo, e 117 canhoens, dos quaes 19 saõ de ferro, e 30 peças de campanha Francezas.

O Conde Bubna naõ perdeu tempo em destacar partidas sobre a estrada de Gex a St. Claudio, para assegurar a passagem sobre o Jura, e tambem patrulhas de Martigny, sobre Simplon, e sobre as montanhas de St. Bernardo.

Frankfort, 5 de Janeiro, de 1814.

MY LORD,—A passagem do Rheno pelo Marechal Blucher, pela

sua rapidez, e decisaõ, há de ser tam memoravel nos annaes militares, como a passagem do Elba: e muita pena tenho de que a minha estada em Holstein me não deixasse ser testemunha pessoal de um acontecimento que eu teria vaidade em descrever com todas as suas circumstancias.

As appressadas relaçoens que aqui me tem vindo, dizem que o Marechal passara com o seu exercito em tres pontos. O Tenente-general Conde de St. Priest, do corpo de exercito do Conde de Langeron, passou na frente de Coblentz, na noite de 1 para 2 do corrente: occupou aquella cidade, tomou sette peças de canhaõ, e fez 500 prisioneiros. Os Generaes Conde Langeron, e d'York, passaram em Kaub, aonde o Marechal Blucher assistia em pessoa, sem muita resistencia da parte do inimigo. No dia 3, o Conde de Langeron, atacou, e forçou Bingen; a qual he considerada mui forte em ponto de situaçaõ, e que era defendida por um General de Brigada, com canhoens, e infantaria. O Conde Langeron fêz alguns prisioneiros, e a sua perda he de bagatela. Os postos avançados do Conde Langeron, ja estam em Salzback, defronte de Ingelheim. O General Blucher, naõ obstante todas as difficuldades de estradas, e estaçaõ, avançou para Kreuznach, e os postos avançados do General d'York, avõ em direcçaõ a Lauter.

O corpo do General Baraõ de Sachen, forçou os entrincheiramentos do inimigo juncto a Manheim, depois de ter passado o Rheno, e vai em direcçaõ a Altzey. Dizem-me que o Rey de Prussia estava presente em Manheim, e que inspirara, como ate qui, em quantos o rodeavam, todos aquelles attributos militares, que tam proprios lhe saõ.

Eu faço estas poucas regras a V. S. em quanto mudo de cavallos, e devo justificar-me, naõ so pela sua imperfeicãõ, mas tambem, por vos as receberdes, se outras relaçoens mais appuradas vos tiverem chegado.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

O Marechal-de-Campo Blucher ao Exercito da Silezia

Quando vos avançastes das margens do Oder para o Rheno era necessario tirar ao inimigo aquellas provincias que elle tinha previamente occupado. Agora ides passar o Rheno para obrigar a fazer a paz ao inimigo, que naõ pode consolar-se por

ter perdido em duas campanhas as conquistas que tinham sido feitas em 19 annos.

Soldados! eu não tenho mais que apontar a estrada da gloria aos vencedores de Katsbach, Wartenburg, Mockern, e Leipsig. e fico certo do bom exito : porem tenho novos deveres que prescrever-vos. Os habitantes da margem esquerda do Rheno não são nossos inimigos. Eu tenho-lhes prometido protecção e segurança para as suas propriedades. Assim o fiz em vosso nome. Pertence-vos cumprir com o que eu prometi. Valor faz honra ao soldado, porem subordinação, e exacta disciplina são os seus mais altos titulos para a gloria.

DE BLUCHER.

◆

Aos Habitantes da margem esquerda do Rheno.

Eu tenho conduzido o Exercito da Silesia aquem do Rheno para estabelecer a liberdade, e a independencia das naçoens, e para conquistar a paz.

O Imperador Napoleaõ tem incorporado com o Imperio Francez a Hollanda, e uma parte da Alemanha, e da Italia ; tem declarado que não cederá uma so aldéa das suas conquistas, nem ainda quando o inimigo estivesse sobre os montes de Paris.

Os exercitos de todas as Potencias da Europa estão manobrando contra esta declaração, e estes principios. Quereis vos defender estes principios? Se assim he, ide-vos incorporar nos batalhoens do Imperador Napoleaõ, esforçai-vos em combater contra a mais justa das causas, que a Providencia tam visivelmente protege. Não sejais da sua opiniaõ, e achareis protecção da nossa parte.

Eu protegerei a vossa propriedade. Todos os cidadaons, todos os donnos das terras fiquem pacificos em suas casas, e todos os Magístrados nos seus postos, para continuarem as suas funcçoens sem interrupção.

Comtudo, toda a relação com o Imperio Francez deve cessar, desde o momento da entrada das tropas Alliadas.

Quem querque infringir esta ordem, tornar-se-há culpado de

traição contra as Potencias Alliadas. Sera levado perante um Conselho Militar, e condemnado á morte.

Feita sobre a margem esquerda do Rheno, em o 1.º de Janeiro, de 1814. DE BLUCHER.

Proclamação das Potencias Alliadas á nação Franceza.

FRANCEZES,—A victoria tem conduzido os Exercitos Alliados ás vossas fronteiras, e estam a ponto de as passar.

Nos não fazemos guerra contra França, mas repellimos para longe de nos o jugo que o vosso Governo deseja impor sobre os nossos respectivos paizes, que tem os mesmos direitos á independencia, e felicidade, que o vosso.

Magistrados, Senhores das terras, cultivadores, permaneci em vossas cazas. A manutençaõ da ordem publica, o respeito para a propriedade dos particulares, e a mais severa disciplina haõ de caracterizar os progressos, e a estada dos Exercitos Alliados. Elles não estaõ animados pelo espirito de vingança, não dezejam retorquir na França as calamidades sem numero que nos ultimos vinte annos deram sobre os seus vizinhos, e sobre os mais distantes paizes.

Outros principios, e outras vistas differentes das que levaram os vossos exercitos ao meio de nos, presidem sempre nos conselhos dos Monarchas Alliados. A sua gloria consistirá em terem posto o termo mais abreviado ás desgraças da Europa. A unica conquista que he o objecto da sua ambição he a paz; porem uma paz que haja de assegurar ao seu mesmo povo, á França, e á Europa, um estado de verdadeiro repouso. Nos esperavamos achallo antes de tocarmos o cham da França. Nos vamos lá embusca delle.

O Marechal Principe de SCHWARZENBERG, Commandante
em Chefe do Grande Exercito Alliado.

Quartel-general de Learrach, 21 de Dezembro, de 1813.

—◆—

Copia de uma carta enviada pelo Conde de Copodistria, e pelo Cavalleiro de Lebzettern, a S. Ex.ª o Landamman de Suissa.

Os abaixo assignados acabam de receber ordens das suas Cortes para fazerem a seguinte declaração a S. E. o Landamman de Suissa:—

A Suissa tinha por muitas idades uma independencia affortunada para si mesma, util para os seus vizinhos, e necessaria para a manutençaõ de um equilibrio politico. Aquelles flagelos da Revoluçaõ Franceza, as guerras que há vinte annos tem minado até ás mesmas raizes da prosperidade de todos os Estados da Europa, não pouparam a Suissa.

A Suissa, agitada no seu interior, enfraquecida pelo seu vaõ esforço para escapar á funesta influencia de uma torrente devastadora, vio-se privada pouco a pouco, daquelles balluartes essenciaes para a preservaçaõ da sua independencia, pela França, que se chamava sua amiga. O Imperador Napoleaõ, estabelecendo sobre as ruinas da Federaçaõ Suissa, e debaixo de um titulo até entaõ desconhecido, uma directa influencia permanente, incompativel com a liberdade da Republica; acabou aquella antiga liberdade, taõ suspirada por por todas as Potencias da Europa, e que era a fiança dos vinculos de amizade que a Suissa continuava a conservar com ellas, mesmo até a Epoca da sua subjuogaõ, e que he a principal condiçaõ da neutralidade de um Estado.

Os principios que animam os Soberanos Alliados na presente guerra saõ bem conhecidos. Toda a naçaõ que não tem perdido a lembrança da sua independencia deve approvallos. Estas Potencias dezejam que a Suissa recobre, junctamente com toda a Europa, a disfructaçaõ daquelle primeiro direito de todas as naçoens, e com as suas antigas fronteiras, os meios de sustentar este direito.

Elas não podem admittir uma neutralidade, que nas actuaes circumstancias da Suissa existe so no nome. Os exercitos das Potencias Alliadas, appresentando-se sobre as fronteiras da Suissa, esperam encontrar amigos. SS. MM. II., e Reaes, solemnemente prometem de não pousar as armas ate que não tenham assegurado á Republica aquellas praças que a França lhe extorquio. Sem que pretendam intrometer-se com as suas relaçoens interiores, nunca haõ de soffrer que a Suissa esteja sujeita a influencia estrangeira.

Elas haõ de reconhecer a neutralidade da Suissa no dia em que ella for livre, e independente; e esperam do patriotismo de uma naçaõ valente, que, fiel aos principios que a tem feito illustre nos tempos passados, hajam de contribuir para os nobres, e generosos esforços que deveriam unir para a mesma causa todos os soberanos e naçoens da Europa.

Os abaixo assignados, fazendo esta communicaçãõ, conhecem que he do seu dever, participar a S. E. o Landamman a proclamaçaõ e ordem do dia que o Commandante em Chefe do Grande Exercito ha de publicar, no momento em que o exercito entrar o territorio Suisso.

Sua Excellencia achallas-há conformes aos sentimentos que S. M. I. e Reaes tem para a confederação.

Os abaixo assignados, &c.

COLMAR, 1 DE JANEIRO.—Como he de proveito fazer conhecer a moderação do inimigo áquelles que ainda não estão inteiramente convencidos della; consideramos que he do nosso dever, publicar o seguinte documento, e convidamos todos os papeis publicos do Imperio para o copiarem. Pode ser posto por baixo da Declaração dos Alliados, como um documento para a apoiar:—

Copia de una Requisição feita ao Sub Prefeito de Altkirch, pelos Chefes dos Exercitos Unidos, que entraram nos Departamentos do Alto Rheno.

O Sub Prefeito de Altkirch he convidado a fornecer para o almazem de Hoelsingen, para uso dos Exercitos Unidos, debaixo das ordens do General de Cavallaria Conde Wrede, as provisoes abaixo mencionadas, a saber: 600.000 libras de pão, 300 bois, 6.000 alqueires de aveia, 7.000 quintaes de feno, 250.000 potes de vinho, 15.000 potes de agua ardente, 500 feixes de lenha, 100 quintaes de sal, 100 quintaes de tabacco.

Está ordenado, sob pena de execuçaõ militar, que todas estas provisoes sejam entregues aos almazens de Hoelsingen dentro de 4 dias, de sorte que o primeiro quartel delas, deverá estar no almazem, á manhã á tarde, sem falta.

Considerando que outras requisizioens haõ de fazer-se indispensaveis, o Sub Prefeito invariá sem demora, um Commissario para o quartel-general, que possa prover todas as precizoens do exercito.

Por ordem de S. E. o General-em-Chefe, e do
Commissario do Exercito Civil,

Quartel-general de Hoelsingen,

RENGEL. KNOPE.

22 de Dezembro, de 1813.

O Ordenador em Chefe.

P. S. Alem do que fica ditto, fornecerá mais para o serviço da artilheria, sob pena de execuçaõ militar, 50 cavalloes de tiro, bem arreados, e em bom estado.

RENGEL.

BERNE, 26 DE DEZEMBRO.—O seguinte saõ os actos que aqui tem sido publicados relativos ás mudanças que tem acontecido no nosso Governo:—

1. Nos, o Avoyer, o Pequeno, e Grande Concelho do Cantão de Berne fazemos saber:—Considerando que as Potencias Alliadas não tem reconhecido a neutralidade da Suissa, mas que as suas tropas tem entrado no territorio do Cantão com uma grande superioridade de força, que os Soberanos Alliados tem formalmente declarado a S. E. o Landamman de Suissa, que o Acto de Mediaçaõ, e as suas consequencias eram incompativeis

com o seu grande objecto, que era a libertação do povo, e a liberdade da nação Suissa; considerando em fim, que por ella o antigo Cantaõ de Berne, e o seu legitimo Governo, transtornado somente por uma Potencia estrangeira, reentra em todos os seus antigos direitos; temos resolvido, e ordenado.

1. O Acto de Mediação do anno de 1803, pelo que respeita ao Cantaõ de Berne, he supprimido.

2. Nos, o Grande Conselho escolhido em virtude deste acto, e formando a primeira Magistratura actual do Cantaõ de Berne abdicamos por estas presentes a nossa auctoridade e a resignamos nas maons do Avoyer, Conselho, e cidadãos da cidade, e Republica de Berne, por ser o legitimo Soberano do Paiz, que antes do periodo da transformação do nosso estado, governou por seculos o livre estado de Berne, com tanta fortuna, como gloria. Em consequencia todas as auctoridades da cidade e do paiz estaõ desobrigadas dos juramentos que deram, e notificadas para reasumirem immediatamente, com o antigo governo que agora torna a entrar, isto he, o Avoyer, os Concelhos, e Cidadãos da Cidade, e Republica de Berne, as relações que os uniam a nos, e que agora estam dissolvidas, e transferir para elles, como seus futuros Soberanos, a confidencia que elles tinham collocado em nos. Abdicando as nossas funcções sentimos nas nossas consciencias o consolador testemunho de que em tempos difficéis, e debaixo de circumstancias desfavoraveis temos perenchido com a maior fidelidade, os nossos deveres para com a patria.

Queira a Providencia, que taõ evidentemente nos tem protegido até agora, dignar-se continuar o seu favor á nossa cara patria, e conceder a sua benção a um governo que entra nas suas funcções em circumstancias taõ criticas.

Feita em Berne, na nossa Grande Assemblea do Concelho, aos 22 de Dezembro, de 1813.

EXERCITO ALLIADO DA PENINSULA NO SUL DA FRANÇA.

Officio de Lord Wellington datado de St. Joaõ da Luz, 14 de Dezembro, de 1813.

MY LORD,—Desde que o inimigo se retirou do Nivelles, occupava uma posição na frente de Bavonna, a qual tinha sido intrincheirada com grande trabalho, depois da batalha de Vittoria, em Junho passado: está debaixo do fogo das obras da praça, a direita descança sobre o Adour, e a frente

nesta parte he coberta por um pantano, procedido de um regato, que entra no Adour. A direita do centro descança sobre o mesmo pantano, e a sua esquerda sobre o rio Nive. A esquerda está entre o Nive, e o Adour, sobre o qual rio descança a esquerda. O inimigo tinha os seus postos avançados da sua direita em frente de Anglet, e para a banda de Biarritz. Com a esquerda defendia o rio Nive, e communicava com a divisãõ do General Pariz, do exercito de Catalunha, a qual estava em St. Joaõ Pied de Port, e tinha um corpo consideravel acantonado em Villa Franca, e Mogerre. Era impossivel atacar o inimigo nesta posiçaõ em quanto nella permanecesse com força.

Eu tinha determinado passar o Nive immediatamente depois da passagem do Nivelles, porem não pude em razaõ do mau estado das estradas, e do enchimento dos regatos occasionado pelas chuvas que caíram no principio daquelle mêz: mas em fim, como o tempo, e as estradas me permitissem o poder ajunctar os materiaes, e fazer preparaçoens para construir pontes para passar aquelle rio, mandei marchar as tropas dos seus acantonamentos, no dia 8, e ordenei que a direita do exercito, debaixo do commando do Tenente-general Sir Rowland Hill, passasse em Cambo, e nas suas vizinhanças, em quanto o Marechal Sir William Beresford lhe apoiava esta operaçaõ, passando a 6.ª divisãõ, ás ordens do Tenente-general Sir Henry Clinton, em Ustaritz. Ambas as operaçoens foram completamente bem succedidas. O inimigo foi logo expulsado da margem direita do rio, e retirou-se para o lado de Bayonna pela estrada real de St. Joaõ Pied de Port. As tropas que estavam postadas defronte de Cambo estiveram quasi interceptadas pela 6.ª divisãõ, e um regimento foi sacudido da estrada, e obrigado a atravessar os campos.

O inimigo reunio-se em força consideravel sobre um cordaõ de serros que vai paralelo ao Adour, occupando ainda Villa Franca na sua direita.

O regimento 8.º Portuguez, commandado pelo Coronel Douglas, o 9.º de Caçadores, commandado pelo Coronel Brown, e os batalhoens da infantaria ligeira Inglesa, da 6.ª divisãõ, tomaram esta villa, e os serros nas vizinhanças. A chuva que tinha caído na noite do dia precedente, e na manhã do dia 8, tinha arruinado as estradas por maneira, que se havia quasi passado o dia, primeiro que todo o corpo de Sir Rowland Hill chegasse; e assim fiquei eu satisfeito com a posse do terreno que occupavamos.

No mesmo dia, o Tenente-general Sir Joaõ Hope, commandando a esquerda do exercito, avançou pela estrada real que vai de St. Joaõ da Luz a Bayonna, e reconheco a direita do campo entrincheirado, debaixo de Bayonna, e a corrente do Adour abaixo da cidade, depois de ter feito retirar os inimigos postados nas vizinhanças de Biarritz, e Anglet. A divisãõ ligeira, commandada pelo Major-general Alten, tambem avançou de Bassusary, e reconhecco aquella parte dos intrincheiramentos do inimigo.

Sir Joaõ Hope, e o Major-general Alten, retiraram-se á noite para o terreno que anteriormente occupavam.

Na manhã do dia 10, o Tenente-geral Sir Rowland Hill achou que o inimigo se tinha retirado da posição que no dia antecedente occupava sobre os serros, para dentro do campo entrincheirado, sobre aquelle lado do Nive; e portanto occupou elle a posição que lhe estava destinada, com a sua direita para a banda do Adour, e a esquerda em Villa Franca, e communicando com o centro do exercito, debaixo do commando de Sir William Beresford, por meio de uma ponte lançada sobre o Nive; e as tropas commandados pelo Marechal tornaram a retirar-se para a esquerda do Nive.

A divisaõ do General Morillo, de infantaria Hespanhola, que tinha ficado com Sir Rowland Hill quando as outras tropas Hespanholas foram para os acantonamentos, foi collocada em Urcury, com a brigada de dragões ligeiros do Coronel Vivian em Hasparren, em ordem a observarem os movimentos da divisaõ inimiga, do General Paris, a qual na occasiaõ da passagem do Nive se tinha retirado para a banda de St. Palais.

No dia 10 pela manhã, o inimigo saio do campo entrincheirado, com todo o seu exercito, apenas exceptuando a gente que occupava as obras em frente da posição de Sir Rowland Hill, forçou os piquetes da divisaõ ligeira, e do corpo de Sir Joaõ Hope, e fêz um desesperadissimo ataque sobre a posição dos primeiros, no castelo, e igreja de Arcangues, e sobre os postos avançados do segundo, sobre a estrada real que vai de Bayonna, a St. Joaõ da Luz, juncto á casa do Mayor de Bearitz. Ambos os ataques foram repellidos pelas tropas com a maior valentia, e o corpo de Sir J. Hope fêz perto de 500 prisioneiros. A força da acçaõ, com os postos avançados de Sir Joaõ Hope, caio sobre a primeira brigada Portugueza commandada pelo Brigadeiro-geral A. Campbell, que estava de serviço, e sobre a brigada do Major-general Robinson, da 5ª. divisaõ, a qual foi em seu soccorro. O Tenente-general Sir Joaõ Hope louva muito o porte daquellas, e de todas as outras tropas que entraram em combate; e eu tenho grande satisfacçaõ em ver que este ataque feito pelo inimigo sobre a nossa esquerda, a fim de nos obrigar a fazer recuar a nossa direita, foi completamente repellido por uma parte da nossa força comparativamente pequena.

Naõ posso applaudir sufficientemente a habilidade, sangue frio, e juizo do Tenente-general Sir Joaõ Hope, o qual com o General, e Officiaes do Estado-maior debaixo do seu commando, mostraram ás tropas um exemplo de valentia, que deve ter influido no favoravel resultado do dia.

Sir Joaõ Hope recebeu uma grave contuzaõ, a qual, naõ obstante, tenho a fortuna de o dizer, naõ me privou um momento do beneficio da sua assistencia.

Quando a acçaõ era passada, os regimentos de Nassau, e Frankfort, debaixo do commando do Coronel Kruse, passaram para os postos da brigada do Major general Ross, da 4ª. divisaõ, a qual estava formada para apoiar o centro.

Quando escureceo de todo, o inimigo estava ainda em grande força, na frente dos nossos postos, sobre o terreno, de que elle tinha feito retirar os piquetes. Contudo, durante a noite, retirou-se da frente do Tenente-general Sir João Hope, deixando pequenos postos, os quaes immediatamente foram feitos retirar. Occupava porem ainda, com força, o cordão de serros, sobre os quaes os piquetes da divisaõ ligeira tinham estado; e era obvio que todo o exercito estava ainda em frente da nossa esquerda; pela volta das trez da tarde, tornou a forçar os piquetes do Tenente-general Sir João Hope, e atacou os seus postos. Tambem foram entaõ repellidos com perda consideravel.

Na manhaõ do dia 12 recommecou o ataque, com alguma falta de successo; tendo a 1.^a divisaõ ás ordens do Major-general Howard, ido render a 5.^a divisaõ; e o inimigo descontinuo-o no principio da tarde, retirando-se inteiramente n'aquella noite para dentro do campo entrincheirado.

O inimigo nunca mais renovou o ataque sobre os postos da divisaõ ligeira, desde o dia 10.

O Tenente-general Sir João Hope faz grandes elogios ao porte de todos os officiaes, e tropas, particularmente da 1.^a brigada Portugueza ás ordens do Major-general Archibald Campbell, e do Major-general Robinson, e á brigada do Major-general Hay, da 5.^a divisaõ, debaixo do commando do Hon. Coronel Grenville. Menciona particularmente, o Major-general Hay, commandante da 5.^a divisaõ, os Major-generaes Robinson, e Bradford, o Brigadieiro-general Campbell, os Coroneis Do Rego, e Grenville, que commandavam as diversas brigadas, o Tenente-coronel Lloyd, do regimento 81, que desgraçadamente foi morto, os Tenentes-coroneis Barnes, de Rovals, e Cameron, do regimento 9; o Capitão Ramsay, da Real Artilheria a Cavallo, o Coronel De Lancey, Deputado Quartel-mestre-general, e o Tenente-coronel M'Donald, Assistente Ajudante-general, unido ao corpo de Sir João Hope, e os Officiaes do seu pessoal Estado-maior.

A 1.^a divisaõ, ás ordens do Major-general Howard, não entrou em combate até o dia 12, quando o ataque do inimigo era mais froxo; porem as guardas conduziram-se com o costumado valor.

Tendo portanto o inimigo falhado em todos os seus ataques, com todas as suas forças, sobre a nossa esquerda, retirou-se para dentro dos entrincheiramentos, na noite do dia 12, e fez passar uma numerosa força a travez de Bayona, com a qual, na manhaõ do dia 13, fez um desesperadissimo ataque sobre o Tenente-general Sir Rowland Hill.

Na expectaçãõ deste ataque, tinha eu pedido ao Marechal Sir William Beresford que reforçasse o Tenente-general, com a 6.^a divisaõ, a qual atravessou o Nive no principio daquella manhaõ; e ainda o reforcei mais com a 4.^a divisaõ, e com duas brigadas da 3.^a divisaõ.

A esperada chegada da 6.^a divisaõ, deu ao Tenente-general grande facilidade em fazer os movimentos; porem as tropas debaixo do seu com-

mando immediato, tinham rechaçado, e repellido o inimigo com uma perda immensa, antes da sua chegada. Tendo o principal ataque sido feito ao longo da estrada real, de Bayonna, a St. Joaõ Pied de Port. A brigada do Major-general Barnes, de infantaria Inglesa, e a 5ª. brigada Portugueza, commandada pelo Brigadeiro-general Ashworth, estiveram particularmente travadas na contenda com o inimigo sobre aquelle ponto; e estas tropas comportaram-se admiravelmente. A divisaõ de infantaria Portugueza, debaixo do commando do Marechal-de-Campo Don F. le Cor, marchou em soccorro dellas, sobre a sua esquerda, por um modo mui airozo, e retomou uma posiçaõ importante entre estas tropas, e a brigada do Major-general Pringle, travada com o inimigo em frente de Villa Franca. Tive tambem grande satisfacçaõ em observar o porte da brigada de infantaria Inglesa do Major-general Byng, apoyada pela 4ª. brigada Portugueza, debaixo do commando do Brigadeiro-general Buchan, na tomada ao inimigo, de um oiteiro importante, sobre a direita da nossa posiçaõ, e na conservaçaõ delle, apezar de todos os esforços do inimigo para o retomar.

Duas peças, e alguns prisioneiros foram tomados ao inimigo o qual sendo batido em todos os pontos, e tendo soffrido perda consideravel, foi obrigado a retirar-se para os seus entrincheiramentos.

Da-me a maior satisfacçaõ o ter outra opportunidade, de referir o meu parecer sobre os merecimentos, e serviços do Tenente-general Sir Rowland Hill, nesta occasiaõ, e igualmente do Tenente-general Sir William Stewart, commandante da 2ª. divisaõ; dos Majores-generaes Pringle, Barnes, e Byng; do Marechal-de-Campo F. le Cor; e dos Brigadeiros-generaes, Da Costa, Ashworth, e Buchan. A artilheria Inglesa, as ordens do Tenente-coronel Ross, e a artilheria Portugueza, as ordens do Coronel Tulloch, distinguiram-se; e o Tenente-general Sir Rowland Hill, fez particular mençaõ do auxilio que recebeo dos Tenentes-coroneis Bouverie, e Jackson, o Assistente Ajudante, e o Assistente Quartel-mestre-general unido ao seu corpo; do Tenente-coronel Goldfinch, dos Reaes Engenheiros, e dos Officiaes do seu pessoal Estado-maior.

O inimigo, hontem a tarde, fez marchar um grande eorpo de cavallaria, atravessando a ponte do Adour; e esta manhaõ retirou para o lado de Bayonna a sua força opposta a Sir Rowland Hill. Nestas varias operaçoens tenho recebido toda a assistencia do Quartel-mestre-general o Major-General Sir George Murray, e do Ajudante-general, o Major-general Sir Edward Pakenham, e do Tenente-coronel Lord Fitzroy Somerset, do Tenente-coronel Campbell, e dos officiaes do meu pessoal Estado-maior.

Envio este officio pelo Major Hill, Ajudante-de-Campo do Tenente-general Sir Rowland Hill, o qual peço licença para recomendar á protecçaõ de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

Mapa dos mortos, feridos, e extraviados do Exercito do commando de S. E. o Marechal General Duque da Victoria nas Operações relativas á Passagem do Rio Nive, desde 9 até 13 de Dezembro, de 1813.

Dia 9. Mortos: *Portuguezes*.—Artilheria 1 sold., e 1 cavallo. Reg. de Inf. N.º 1, 2 sold.: N.º 8, 5 sold.: N.º 15, 2 sold. Bat. de Caç. N.º 1, 5 sold.: N.º 4, 3 sold.: N.º 5, 1 sold.: N.º 6, 1 tamb. e 11 sold.: N.º 8, 1 sarg.: N.º 9, 1 cap., 1 sold.—*Portuguezes* mortos 24.

Inglezes.—1 Cap., 1 ten., 1 sarg., 1 tamb., e 53 sold.: somma 57 homens e um cavallo.

Hespanhoes.—5 Sold.—Mortos das tres nações neste dia 96 homens, e 2 cavallos.

Feridos: *Portuguezes*.—Artilheria, 1 sold.; Reg. d'Inf. N.º 1, 1 alf., 3 sarg., 40. sold.; N.º 3, 3 sarg. 8 sold.; N.º 8, 1 ten., 1 alf., 1 ajud., 1 sarg., 18 sold.; N.º 12, 1 cap., 1 sarg., 19 sold.; N.º 15, 20 sold.; N.º 24, 1 alf. Bat. de Caç. N.º 1, 1 maj., 1 cap., 1 ajud., 29 sold.; N.º 3, 1 sold.; N.º 4, 1 cap., 1 ten., 1 alf., 4 sarg., 1 tambor, 29 sold.; N.º 5, 1 tambor e 5 sold.; N.º 6, 1 cap. 3 sarg., 22 sold.; N.º 8, 1 ten. 1 alf., 1 sarg., 11 sold.; N.º 9, 1 cap., 1 ten., 1 sarg., 29 sold. Somma 208 homens feridos.

Inglezes.—1 Ten. cor., 2 maj., 8 cap., 17 ten., 3 alf., 26 sarg., 8 tamb., 392 soldados. Somma 457 homens, feridos, e 7 cavallos.

Hespanhoes. 21 sold. Total dos feridos das tres nações neste dia 746 homens, e 7 caaallos.

Extraviados: *Portuguezes*.—Reg. d'Inf. N.º 12, 2 sold.; N.º 15, 1 sold. Bat. de Caç. N.º 5, 1 tamb.; N.º 8, 1 cap. 1 sarg., 1 tamb., 10 sold. Somma 17 homens.

Inglezes.—12 Sold. Total dos extraviados neste dia, 29 homens.

Perda geral das tres nações em mortos, feridos, e extraviados neste dia 871 homens, e 9 cavallos.

Dia 10, Mortos: *Portuguezes*.—Reg. d'Inf. N.º 1, 1 cap., 1 ten., 20 sold.; N.º 3, 1 ten. cor., 6 sold.; N.º 13, 3 sold.; N.º 16, 104 sold.; N.º 24, 1 maj. 1 cap. 1 sarg., 6 sold. Bat. de Caç. N.º 1, 2 sold.; N.º 3, 1 sold.; N.º 4, 1 alf., 8 sold.; N.º 5, 1 cap., 4 sold.; N.º 8, 1 sold. Somma 173 homens.

Inglezes.—1 Ten. cor., 2 ten., 1 alf., 2 sarg., 1 tamb., 62 sold. Somma 69 homens, e 6 cavallos. Total de ambas as nações neste dia 242 homens mortos.

Feridos? *Portuguezes*.—Reg. d'Inf. N.º 1, 3 cap., 1 ten., 3 alf. 1 ajud., 4 sarg., 44 sold.; N.º 3, 1 maj., 4 ten., 2 alf., 4 sarg., 69 sold.;

N.º 13, 1 cap., 1 alf., 1 ajud., 22 sold.; N.º 15, 3 sold.; N.º 16, 1 cap., 1 ten., 2 sarg. 33 sold.; N.º 17, 1 sold.; N.º 24, 1 alf., 4 sarg., 56 sold. Bat. de caç. N.º 1, 11 sold.; N.º 3, 1 maj., 1 cap., 1 alf., 12 sold.; N.º 4, 1 cap., 1 alf., 1 sarg., 19 sold. N.º 5, 2 cap., 1 ten., 2 Alf. 8 sarg., 43 sold.; N.º 8, 4 sold. Somma 371 homens.

Inglezes.—1 Oficial de Estado Maior, 2 maj., 7 cap., 9 ten., 2 alf., 25 sarg., 5 tamb., 417 sold., e 2 cavallos. Somma 468 homens, e 2 cavallos. Total dos feridos de ambas as nações neste dia 839 homens.

Extraviados: Portuguezes.—Reg. d'Inf. N.º 1, 1 Major; N.º 3, 2 sold.; N.º 15, 1 sold.; N.º 16, 1 cor., 2 cap., 1 alf., 1 sarg., 1 tamb., 67 sold.; N.º 17, 9 sold.; N.º 24, 6 sold. Bat. de caç. N.º 3, 3 sold.; N.º 4, 1 cap.; N.º 5, 1 alf., 1 sarg., 12 sold. Somma 110 homens.

Inglezes.—1 cap., 3 ten., 1 alf., 3 sarg., 8 tamb., 144 sold. Somma 155 homens. Total dos extraviados de ambas as nações neste dia 265 homens.

Perda geral neste dia em mortos, feridos, e extraviados 1346 homens, e 8 cavallos.

Dia 11. Mortos: *Portuguezes.*—Reg. d'Inf. N.º 13, 1 sarg., 3 sold.; N.º 15, 18 sold.; N.º 24, 1 sarg., 1 sold.; Bat. de caç. N.º 1, 2 sold.; N.º 3, 1 sold.; N.º 5, 1 ten.; N.º 8, 1 sold. Somma 34 homens.

Inglezes.—1 Cap., 1 sarg., 30 sold. Somma 32 homens. Total de ambas as nações 66 homens mortos neste dia.

Peridos: *Portuguezes.*—Estado Maior, 1 cap.; Reg. d'Inf. N.º 3, 1 ten. 1 ajud., 2 sarg., 17 sold.; N.º 13, 2 cap., 1 ajud., 4 sarg., 45 sold.; N.º 15, 1 cap., 2 ten., 3 alf., 3 sarg., 32 sold.; N.º 24, 1 cap., 2 alf., 1 sarg., 19 sold. Bat. de Caç. N.º 1, 1 Ten. cor., 1 alf., 14 sold.; N.º 3, 1 sarg., e 6 sold.; N.º 5, 7 sold.; N.º 8, 1 sarg., 1 tamb., 14 sold. Somma 184 homens.

Inglezes.—1 Maj., 2 cap., 9 ten., 3 alf., 18 sarg., 1 tamb., 248 sold. Somma 282 homens. Total dos feridos de ambas as nações neste dia 466 homens.

Extraviados: Portuguezes.—Reg. d'Inf. N.º 3, 4 sold.; N.º 13, 30 sold.; N.º 15, 82 sold.; N.º 24, 3 sold. Bat. de Caç. N.º 8, 3 sold. Somma 127 homens.

Inglezes.—2 Sarg., e 13 sold. Total dos extraviados de ambas as nações neste dia 142 homens. Perda geral de ambas as nações em mortos, feridos, e extraviados neste dia 674 homens.

Dia 12 Mortos: *Portuguezes.*—1 Sold. do Reg. N.º 24.

Inglezes.—1 Cap., 1 ten., 1 ajud., 2 sarg. 24 sold. somma 29 homens e 3 cavallos. Total dos mortos de ambas as nações 30 homens, e 3 cavallos.

Feridos; Portuguezes.—4 sold. do reg. N.º 13, 4 do N.º 24, e 2 do bat. de caç. N.º 5.—Somma 10 homens.

Inglezes.—2 ten. 3 alf., 18 sarg., 151 sold. e 5 cavallos.—Somma 174 homens, e 5 cavallos. Total de ambas as nações 184 homens feridos, e 5 cavallos.

Extraviados; Inglezes.—1 maj., 1 ten., 3 sold., e 1 cavallo. Perda geral de ambas as nações neste dia em mortos, feridos, e extraviados 218 homens e 9 cavallos.

Dia 13. Mortos; Portuguezes.—Reg d'inf. N.º 2, 1 sarg., 12 sold; N.º 4, 5 sold; N.º 6, 1 sarg., 26 sold., N.º 10, 1 cap., 1 ten., 8 sold; N.º 14, 1 cap., 1 sarg., 19 sold.; N.º 18, 1 maj., 25 sold.; bat. de caç. N.º 6, 1 tamb., 6 sold.; N.º 10, 10 sold.—Somma 119 homens.

Inglezes.—1 maj., 6 ten., 2 alf., 2 sarg., 81 sold., e 2 cavallos.—Somma 92 homens, e 2 cavallos. Total de ambas as nações 211 homens, e 2 cavallos mortos.

Feridos Portuguezes.—Estado maior, 2 officiaes. Artilheria 1 Ten. cor.; e 5 sold.; reg. de inf. N.º 2, 1 Ten. cor., 1 cap., 8 sarg., 105 sold; N.º 4, 2 cap., 1 alf., 2 sarg., 60 sold.; N.º 6, 1 Ten. cor., 7 cap., 1 Ten., 2 alf., 1 adjud. 4 sarg., 172 sold.; N.º 10, 2 cap., 3 alf., 3 sarg., 1 Tamb., 54 sold., N.º 14, 1 major, 1 ten., 2 alf., 1 ajud., 2 sarg., 1 tamb., 116 sold.; N.º 18, 4 maj., 1 cap., 3 ten., 6 sarg., 156 sold.; bat. de caç. N.º 6, 1 Ten. cor., 1 cap., 1 alf., 3 sarg., 35 sold.; N.º 10, 1 cap., 3 ten. 2 alf., 4 sarg., 72 sold.—Somma 856 homens.

Inglezes.—1 Official de Estado Maior, 2 Ten. cor., 1 maj., 13 cap., 30 ten., 11 alf., 1 ajud., 44 sarg., 6 tamb., 697 sold., e 7 cavallos.—Somma 905 homens, e 7 cavallos. Total dos feridos de ambas as nações neste dia 1.661 homens, e 7 cavallos.

Extraviados; Portuguezes.—Reg. d'inf. N.º 6, 5 sold.; N.º 14, 1 sarg., 8 sold.; N.º 18, 24 sold. Bat. de caç. N.º 2, 2 sold. Somma 40 homens.

Inglezes.—1 Ten. 1 ajud., 5 sarg., 16 sold. Somma 23 homens.

Total dos extraviados de ambas as nações neste dia 63 homens.

Total numero da perda do Exercito Alliado em os 5 dias 5.045 homens entre mortos, feridos, e extraviados, e 30 cavallos.

Nomes dos Officiaes mortos, feridos, e extraviados do Exercito Alliado, nas Acçoens desde 9 até 13 de Dezembro. Officiaes do Exercito Portuguez.

Dia 9 —Mortos —Bat. de caç. N.º 9, capitão Joaõ Mellish Arrison.

Feridos.—Reg. d'inf. N.º 1, alf. Caetano Gomes da Silva, lev.; N.º 8, Ten. Matheus José Roxo. grav., alf. Joaõ Antonio do Carmo, ajud.

Luiz Ignacio, de Gouvea; N.º 12, cap. Antonio José Carneiro, gr.; N.º 24, alf Nicoláo Lopes; bat. de caç. N.º 1, maj. Antonio Lobo Teixeira de Barros, cap. Martinho de Malgalhães Peixoto, ajud. Manoel Baptista de Lisboa; N.º 4, cap. Caetano Alberto Canavarro. (todos lev.) ten. Antonio Vicente Queirós, gr., alf. Luiz de Vasconcellos, lev.; N.º 6, cap. Guilherme H. Temple, gr.; N.º 8, ten. Domingos de Sa Pereira Ferreira, lev.; alf Rodrigo Navarro, gr.; N.º 9 cap. Joaquim de Pinho e Sousa, gr.; ten. Joaquim Ezequiel da cunha, grav.

Extraviado.—bat. de caç. N.º 8, cap. Ant.º Carlos Pereira de Macedo.

Dia 10.—*Mortos*—Reg. d'inf. N.º 1, cap. José Colaço da Silva, ten. Domingos Vicente de Freitas; N.º 3, Ten. cor. Luiz Diogo Pereira Forjaz; N.º 24, Maj. Joaquim Anacleto Ferreira da Costa, cap. Joaquim Antonio Calado; bat. de Caç. N.º 4, alf. José Maria; N.º 5, cap. Francisço de Paula Arraes.

Feridos.—Reg d'inf. N.º 1, cap. Joaquim Ferreira dos Santos, lev., cap. José Soares Barros, lev., cap. Victorino José de Almeida, lev., ten. Sebastião Gustavo Pinto, gr., alf. Antonio Felix de Mattos, gr., Francisco Maria Jordaõ, gr., Anselmo José Mendes, gr., ajud. José Fernandes da Silva, gr.; N.º 4, Maj. Joaquim Rabello de Fonseca Rosado, lev., ten. Amaro dos Santos Barroso; gr., Ignacio da cunha Gasparinho, gr., Antonio Bernardo da Cunha, gr., José Maria Crivas, lev., alf. Joaquim de Sousa, gr., Antonio Coelho Seabra, gr.; N.º 13, cap. Antonio Carlos de Mendocça, lev., alf. Francisco de Paula Salema, lev., ajud. José Climaco Brancamp, gr.; N.º 16, cap. Charles Lampriere, gr. (morreo depois), ten. Aurelio José de Moraes, gr.; N.º 24, alf. Nicolaõ Lopes, gr.; bat. de caç. N.º 3, major Manoel Caetano, grav.; cap. Daniel Kirk, grav. (morreo depois) alf. Manoel Martins, gr.; N.º 4, cap. José Maria da Cunha, gr., alf. Jose Cardoso, lev. N.º 5, cap. Thomas Bunbury, gr., Manoel Joaquim de Menezes, lev. ten. José Carrasco Guerra, gr., alf. Joaquim José Nogueira, gr., Antonio Augusto, grav.

Extraviados.—Reg d'inf. N.º 1, Maj. Walter O'Hara; N.º 16, cor. Francisco Homem Pizarro, cap. José Bruno Pereira, cap. Joaquim José Xavier, alf. Fernando Telles da Silva Penalva; bat. de caç. N.º 4, cap. José Bernardino de Faria; N.º 5, alf. Francisco Neri Caldeira.

Dia 11. *Mortos*.—Bat. de caç. N.º 5, ten. Luiz Pedro da Silva.

Feridos.—Estado maior Gen, cap. Rainey do reg. N.º 55, A. D. C. do maj. Gen. Bradford, gr.; reg. d'inf. N.º 3. cap. Alexander Campbell, gr. ajud. Antonio Franco da Rosa, lev.; N.º 13, cap. Joaquim Antonio de Almeida, lev., cap. Antonio Francisco de Paula, lev., ajud.

Diogo Ignacio de Sousa, lev. ; N.º 15, cap. Joaõ Correa Guedes, lev., ten José Antonio Franco, gr., Joaõ Sepulveda, lev., alf. José Maria Calado de Oliveira, lev., Antonio Peito, lev., Jeronymo Caetano de Almeida, grav. ; N.º 24, cap. Luiz Manoel de Lemos, gr., alf. Francisco Pinto d'Almeidá, gr., Antonio Caetano, gr. ; bat. de caç. N.º 1, Ten. cor. Snodgrass, lev., alf. Pedro Ozorio, gr.

Dia 13.—*Mortos*.—Reg d'inf. N.º 10, cap. Luiz Manoel de Carvahø, ten. Antonio de Abreu ; N.º 14, cap. Urbano Xavier Henriques ; N.º 18, maj. Matthias José de Sousa.

Feridos.—Estado maior Gen. brig. Gen. Charles Ashworth, gr. Marechal de campo Carlos Frederico Lecor, lev. ; artilheria, Ten. cor. Alexander Tulloch, gr ; Reg. d'inf. N.º 2, Ten. cor. Joaõ Gomersall, lev., cap. Manoel Alexandriuo Pereira, lev. ; N.º 4, cap. Angus M'Donald, lev., Domingos Corrêa de Mesquita, lev., alf. Bernardino de Sena, gr. ; N.º 6, Ten. cor. Maxwell Grant, gr., cap. Joaõ Joaquim Pereira do Lago, gr., Manoel José de Pinho, gr., Joaõ Pereira de Menezes, gr., George Phelan, gr., John Sutherland, lev., José Cardoso de Menezes, lev., Erancisco Pinto Henriques, lev., ten Francisco José Sanhudo, gr., alf. Manoel Antonio, gr., Feliciano da Silva, lev., ajud. Manoel Joaquim Moniz, lev., N.º 10, cap. Manoel Martiniano Giraõ, gr., Pedro Pinto de Moraes, lev., alf. Antonio, de Padua, gr., Antaõ de Sá Valente, lev., Pedro Paula Ferreira, lev. ; N.º 14, maj. Jacinto Alexandre Travassos, gr., ten. Daniel Domewer, gr., alf. Joaõ Lamprela de Sarre, gr., José Cezario Peniz Pereira, gr., ajud. Thomás Antonio Cabreira, gr., N.º 18, cap. Hugh Lumley, lev., Manoel Caetano de Sá Tinoco, gr., Manoel Ferier Aranche, gr., Ridge, gr., Luiz Appelius, gr., alf. Luiz da Silva Coimbra, lev., Joaquim Jeronymo da Cunha Reis, lev., Joaquim Cezar de Araujo, lev. ; bat. de caç. N.º 6, Ten. cor. Feron, lev., cap. Brunton, gr., alf. Melchior Pereira Countinho, gr. ; N.º 10, cap. Frederick Armstrong, lev., ten. Miguel Corrêa de Mesquita, gr., José Alaõ Corrêa, lev. José de Sousa Seranes, lev., alf. José Maria de Sousa, lev., Antonio de Sousa Seranes, lev.

Copia de um Officio do Excellentissimo Marechal-general Duque da Victoria, Quartel-general de S. Joaõ da Luz, 19 de Dezembro, de 1813.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.—Depois que transmitti a V. Ex.^a o meu despacho de 14 do cor-

rente, e inimigo continuou a mover tropas de Bayona, e a fazelos subir para a direita do Adour, e segundo as informações que recebi, eraõ já 3 as divisões inimigas, que tinhaõ passado este rio.

No dia 16 uma força inimiga repassou o Adour em Urt, e appareceu na retaguarda do Tenente-general Sir Rowland Hill, porém este movimento tinha sido previsto, e consequentemente estavaõ feitas as necessarias disposições. Logo que as nossas tropas se movêram em direcção ao inimigo, este se retirou na mesma noite para o outro lado do Adour, e não tem o inimigo forças na esquerda deste rio á excepção das do General Paris nas direcções de S. Palais.

Por participações do General Clinton, de data de 3 do corrente, parece que o inimigo tentou no 1.º deste mez surprehender o posto, que este general occupava em Ordal, cuja empreza se mallogrou.

Deos guarde a V. Ex^a. muitos annos. Quartel-general de S. Jean de Luz, 19 de Dezembro, de 1813.—O Marechal-general Lord Wellington, Duque de Victoria.—Illustriissimo e Excellentissimo Senhor D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.

Copia do Officio do Excellentissimo Marechal W. C. Beresford, Marquez de Campo-maior. Quartel-general de Ustaritz, 20 de Dezembro, de 1814.

ILLUSTRÍSSIMO EXCELENTÍSSIMO SENHOR.—Sua Excellencia o Marechal-general, Duque de Victoria, ha de ter enviado a V. Ex^a. como custuma, o despacho relativo ás acções, que tem havido desde o dia 9 do corrente, e a mim só me toca dirigir a V. Ex^a. o mappa incluso dos mortos, feridos, e extraviados, e prisioneiros de guerra, que teve o exercito nas referidas acções; e sinto muito que o seu numero seja taõ grande, mas tenho a consolação de poder assegurar a V. Ex^a. que o exercito Portuguez

adquirio uma gloria superior mesmo á que ja tinha, posto que esta fosse taõ esplendida. V. Ex^a. sabe muito bem que uma reputação militar, e gloria taõ alta naõ se ganha sem perda; e que a nossa admiração, e satisfação do resultado naõ póde deixar de ser misturada com sentimento, e que este he talvez menos applicavel áquelles que morrerão gloriosamente, de que aos que ficáraõ prisioneiros, e sobre tudo nesta occasião; pois que tenho a satisfação de poder dizer a V. Ex^a., que os officiaes dados no mappa prisioneiros, o fôram pela sua firme resolução de se conservarem nos seus postos, e de mostrarem até ao fim um exemplo proprio de officiaes aos seus soldados.

Deos guarde a V. Ex^a. Quartel-general de Ustaritz, 20 de Dezembro, de 1813.—Marechal W. C. Beresford, Marquez de Campo-Maior.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

N. B. O mappa remettido pelo Excellentissimo Marechal Marquez de Campo-Maior, combinado com o já publicado, mostra mais 18 mortos, 37 feridos, e 14 extraviados, ao todo 69 homens, que com 2:344 faz ser o total da perda Portugueza 2:413.

Conferindo tambem os nomes dos officiaes, notaõ-se aqui as differenças seguintes.

Pela combinaçaõ de ambos os mapps vêmos, que o primeiro faltavaõ os nomes dos seguintes officiaes.—Cap. Eduard Brackembury, Ajud. d'Ordens do Marechal Campo Sprye, ferido.—Bat. de Caç. N^o. 3., ten.-coronel Jorge Brown, Cap. Francisco Joaquim Pereira Valente, Alf. Pedro Paulo da Silveira, Alf. Manoel Bernardino Freire, feridos.—Bat. N^o. 7, Maj. João Scott Leille, Alf. Vicente Jozé d'Almeida, feridos.

Neste segundo mappa naõ apparece o nome do Capitão Rainey, Ajud. de Campo do Maj. Gen. Bradford, d'onde inferimos que seria o Cap. Ed. Brackembury, e naõ este.

Dos officiaes dados feridos no primeiro mappa tinhaõ

morrido a data do 2º. (em 20 de Dezembro) o Alf. do Reg. N.º. 1, Francisco Maria Jordaõ, e o Alf. do 1º. Bat. de Caç. (graduado em Ten.) Pedro Ozorio.

Diferenças de alguns sobre nomes de Officiaes, entre os dois Mappas.

Prim. map.—N.º. 8 de Caç., Ten. Domingos de Sá Pereira Fereira; 2º. Map. Farinha.—1º. M. Reg. N.º. 1, Capitão Jozé Soares Barros; 2º. Map. Barraõ.—1º. Map. Cor. do Reg. N.º. 16, Francisco Homem Pizarro; 2º. Map. de Magalhaens Pizarro.—1º. Map. Reg. d'Inf. N.º. 13, Antonio Francisco de Paula; 2º. Map. de Paula Pontes.—1º. Map., Reg. d'Inf. N.º. 24, Cap. Luiz Manoel de Lemos; 2º. Map., Lopes.—1º. Map. Reg. d'Inf. N.º. 6, Cap. Jozé Cordoso de Menezes; 2º. Map. de Carvalho.—1º. Map. dito Reg. Alf. Manoel Antonio; 2º. Map.—Manoel Antonio Pimentel.—1º. Map. Reg. N.º. 14. Ten. Daniel Domewer; 2º. Map. Donovan.—1º. Map. Reg. N.º. 18, Cap. Manoel Ferier Aranche; 2º. Map. M. Ferreira Arrancha; 1º. Map. dito Reg., Cap. Luis Appellius, 2º. Map. Luiz Chales Appellius.—1º. Map. Caç. N.º. 6º, Ten. Cor. Teron, 2º. Map. Pedro Fearon.—1º. Map. dito Reg. Cap. Brunton; 2º. Map. Ricando Brimton.—1º. Map. Caç. N.º. 10, Jozé de Sousa Seranes; 2º. Map. Cirnes.—1º. Map. Antonio de Sousa Seranes; 2º. Map. Lómos.

HESPAÑIA.

*Cadiz.**

Carta do Excellentissimo Sr. Duque de Ciudad Rodrigo ao Sr. Embaixador de S. M. B. junto do Governo Hespanhol, relativa ás causas que derão lugar a destinarem-se tropas Inglezas para as Praças de Cadiz e Carthagená; e ordem para estas se retirarem.

S. Joã da Luz, 7 de Dezembro, de 1813.

EXCELLENTISSIMO SR.—Tenho a honra de incluir uma cópia das ordens que passei aos commandantes das tropas Inglezas, que se acham em Cadiz, e Carthagená, relativas a adoptarem as medidas necessarias para retirar das dictas Praças sem perda de tempo as tropas e effectos pertencentes a S. M. B., de cujas medidas peço a V. Exc.^a se sirva fazer sciente o Governo Hespanhol.

Segundo o meu modo de pensar, creio que as operações da guerra se achão em estado tal, que não he provavel que as ditas Praças necessitem novamente da co-operaçã das tropas Britannicas; e não achando por conseguinte razaõ para que as dictas tropas permaneçaõ nellas, fazendo avultadas despesas ao Governo Britannico, e transtorno em o serviço de S. M., o fiz assim presente ao Governo, e obtive permissã do Principe Regente para que se retirem.

Eu teria differido esta medida até que o Governo Hespanhol me tivesse manifestado a sua vontade sobre este particular, senã tivera lido os libellos que circulam em Hespanha sobre este assumpto, atacando a honra e boa-fé de S. M., e se não tivéra presenceado os esforços que se tem feito para convencer o publico de que as tropas de S.

* A Carta, que transcrevemos, publicou-se impressa em Cadiz em Inglez e Hespanhol, em papel separado, depois de 20 de Dezembro: seguimos nesta traducçã o texto Hespanhol, combinado com o Original Inglez.

M. continuavam nos ditos pontos com vistas sinistras ; asserção taõ sem fundamento, como contraria á honra de S. M. ; o que claramente se conhecerá pela singella exposição do que se passou sobre este assumpto, quando as tropas Inglezas foraõ destinadas para Cadiz e Carthagená.

No principio desta guerra, conhecendo o Governo Britannico muito bem a importancia militar e naval de Cadiz e Ilha de Leaõ, e mostrando desejo de que tivessem uma competente guarnição para sua segurança, entabolou varias negociações sobre este ponto com a Juncta de Sevilha, e successivamente com a central, o que não teve nenhum effeito.

Os successos militares sobre o Téjo nos fins do anno de 1809, e os de Andaluzia no principio do anno de 1810, comprováram que o Governo Britannico se não tinha enganado em considerar aquelles pontos, como as bases verdadeiras das operações da guerra ; e a fortuna teve por certo grande parte nos successos que naquella época contribuíram para que Cadiz não cahisse em poder do inimigo.

Naquelle tempo (em Janeiro, de 1810) achava-se em Portugal o exercito Britannico, e recebi eu a 5 de Fevereiro, por via do antecessor de V. Exc.^a o cavalheiro Frere, um officio da Regencia Interina, pelo qual se me pedia com o maior empenho destinasse um destacamento de tropas Inglezas para cooperar na defeza dessa praça ; e achando-se naquella época um consideravel numero de tropas em Lisboa, as enviei sem perda de tempo ; com ellas porém transmitti uma norma das condições, debaixo das quaes tomava sobre minha responsabilidade separar aquelle destacamento do resto do exercito ; sendo uma dellas : *que as dictas tropas deviaõ receber dos armazens Hespanhoes as suas rações* ; e encarreguei mui particularmente ao General que as commandava, que as não desem-

barcasse uma vez que se não admittissem as dictas condições. *

O Governo Hespanhol, ha de ter necessariamente em seu poder todos os Documentos que se passáram naquella occasião ; mas em caso de os não conservar o Governo, V. Exc^a. os tem, e por elles se comprovarão os factos seguintes. 1º. Que as tropas Inglezas se mandáram para Cadiz por terem sido pedidas pelo Governo Hespanhol : 2º. Que eu insisti nas condições, sem as quaes não tivera permittido o desembarque da dicta expedição ; e por tanto, 3º. que o Govreno Britannico, ou seus delegados não podião ter vistas sinistras em mandar para Cadiz as dictas tropas.

As causas que déram lugar a que algumas tropas Inglezas passassem a guarnecer Carthagena, foram pouco mais ou menos as mesmas que as de Cadiz. Os progressos dos inimigos em Valencia, e a derrota do exercito Hespanhol, commandado pelo General Blake naquella Provincia, nos fins do anno de 1811, motivaram receios sobre a segurança de Carthagena ; e V. Exc^a. me communicou a petição do Governo Hespanhol dirigida a que se destinasse um destacamento de tropas Inglezas para coadjuvar na defeza daquella praça. Eu convim nisso debaixo das mesmas condições que tinha estipulado para guarnecer Cadiz ; acrescentando que os Navios e Petrechos navaes, que se achavão em Carthagena, devíam immediatamente passar para Mahon.

V. Exc^a. tem em seu poder todos os Documentos relativos a esta transacção ; e esses deverão igualmente justi-

* Deve observar-se, que ainda que o Governo Hespanhol consentio nesta condição, com tudo, declarando no fim do primeiro mez as authoridades de Cadiz, que não se achavam em estado de prover por mais tempo ás subsistencias das tropas Britannicas, correo desde aquella época o gasto da sua manutenção por conta do Governo Britannico. (Nota do Original.)

ficar que não podia haver vistas sinistras em destinar tropas Inglezas para aquella guarnição. *

O Governo Hespanhol (que eu saiba) nunca expressou o desejo de que as tropas de S. M. se retirassem de nenhuma das duas Praças. O Governo actual ha de necessariamente saber destes factos ; e certamente me admira muito, que desejando continue a alliança com S. M., e conhecendo, como deve conhecer, o interesse de que o Povo Hespanhol esteja convencido de que as vistas do seu Alliado são pelo menos honradas, e de que os servicos que tem feito á causa não são menos desinteressados, do que são valiosos e importantes para a Hespanha, não se tenha aproveitado de nenhuma occasião para cuidar em remover as impressões que tem procurado fazer no Povo aquelles que, sem dúvida, se acham para esse fim assallariados pelo inimigo.

Espero porém que as medidas que acabo de tomar, e que formam o objecto desta carta, abrião os olhos á Nação sobre este assumpto, e tomo a liberdade de insinuar a V. Exc^a., que se sirva mandar publicar esta carta, a qual contém um resumo historico das transacções occorridas neste negocio.

Tenho a honra de ser, Senhor, vosso mais attento servo,
(Assignado) WELLINGTON.

Ao Excellentissimo Sr. Henrique Wellesley, Cavalleiro do Banho, Embaixador de S. M. B. na Corte de Hespanha, &c., &c., &c.,

* Ainda que Lord Wellington, sabia que o Governo Hespanhol desejava que se enviassem tropas Britannicas para Carthagená ; com tudo negou-se a isso positivamente ate ter communicação de officio sobre este particular. (Nota do Original.)

COLONIAS HESPAÑOLAS.

Havendo largo tempo que se não falla da sorte de Montevideo, que, ha mais de dois annos, se conserva, apezar dos esforços obstinados dos seus inimigos, fiel ao Governo da sua Metropoli, daremos, na falta de artigos de interesse mais directo, o que nos parece dever extrahir do Conciso, que refere diversos successos relativos ao sitio daquelle praça, o Governo de Buenos-Ayres.

Cadiz, 19 de Dezembro.

Pelas ultimas noticias recebidas de Montevideo até aos fins de Junho, se sabia que aquella praça se continuava a defender com valor. Está provida para cinco mezes: esperavaõ-se expediçoens promettidas que sabiraõ de Cadiz, e de lá se participava que não lhe faltariaõ viveres. O commercio dos comestiveis augmentava, e em 5 de Abril tinha sahido para Lima a Curveta de Guerra, Mercurio, com ordens para trazer viveres, e se remetterem por outros navios. Depois disto tinhaõ chegado varias embarcaçoens: esperavaõ-se outras: e projectavaõ-se expediçoens, de sorte que auxiliando Lima a Montevideo com dinheiro e viveres, e a peninsula com tropas, seraõ baldados todos os esforços dos rebeldes para se apoderarem daquelle baluarte do patriotismo Hespanhol.

Artigas era o sitiador de Montevideo, Rondeau o seu segundo: Sarratea tambem era General. Mas como entre perfidos não póde durar muita uniaõ, houveram disputas e etiquetas, e parece que os amotinados que governam Buenos-Ayres cuidavaõ já em se desfazer de Artigas.

Parece ultimamente que intentaram assaltar Montevideo; mas 5 tiros de metralha os fizeraõ desistir desta louca empreza. Tal he o procedimento de Montevideo, que continuara a ser o mesmo no futuro, porque os seus fieis habitantes, guarniçaõ valorosa, e as suas dignas authoridades e General, estam penetrados dos mais nobres sentimentos a favor da sua metropoli.

Succediaõ em Buenos-Ayres umas ás outras as mudanças dos systemas do Governo, com o pruido de variar e querer innovaçõens semelhantes ás do tempo de Marat e Robespierre. Cabeças exaltadas propunhaõ; os bons, arrastados pela força das circumstancias, naõ tinhaõ valor para resistir aos abusos dos atrevidos; e Buenos-Ayres continuava em desordem de administraçãõ. Crimes horrendos, com o titulo de actos de justiça, violencias vergonhosas, e attentados escandalosos, se atrevêraõ a commetter os cabeças que se apoderáraõ do mando. Ordens, edictos, bandos, decretos, pactos, ordens do dia, tudo arremedavaõ; o seu fim principal era hallucinar os póvos, e o conseguiaõ com o terror.

Entre as mogigangas que fazem os de Buenos-Ayres, sabiraõ-se com uma, que naõ he das menos importantes, e ainda naõ se sabe na Europa: he a que vai lêr-se em resumo.

“ O povo do lado oriental das Provincias-Unidas do Rio da Prata, tendo concorrido por seus Deputados a declarar o seu parecer sobre reconhecer a soberána assemblea constituyente, concordou, examinada a vontade geral, em reconhecer a dita soberana assembléa, com as condiçoens em que assentaraõ os seus deputados, e que saõ as seguintes.

1ª. Dar-se uma publica satisfaçãõ aos póvos orientaes pelo procedimento antiliberal que tiveraõ com elles, Sarratea, Viana, e outros expulsos. E porque o General Artigas, e seus soldados garantiram a segurança da patria, especialmente na campanha de 1811, seraõ declarados verdadeiros defensores da liberdade proclamada na America.

2ª. Naõ se levantar o sitio de Montevideo, nem se desmembrar a sua força de modo que a inhabilite para o projecto de occupar a praça.

3ª. Dar Buenos-Ayres para o assedio os possiveis auxilios.

4.^a. Não mandar Buenos-Ayres outro Chefe para o exercito auxiliador, nem se renovar o actual neste lado.

5.^a. Entregar ao regimento de Blandegues as armas, que leváram os que marcharam acompanhando os expulsos.

6.^a. Reconhecer-se e garantir-se a confederação offensiva e defensiva de este lado com o resto das Provincias Unidas, renunciando qualquer dellas á subjugação que teve lugar pela conducta do Governo anterior.

7.^a. Em virtude da dicta confederação ficará este lado na plena liberdade que adquirio como povo livre, mas fica desde já sujeito á constituição emanada do Soberano Congresso geral da nação, e ás suas respectivas determinaçoens, tendo por base a liberdade.”

(A 8.^a. contém a nomeação de 5 deputados para a referida assemblea ; e seguem-se depois as assignaturas.)

Madrid, 15 de Dezembro.

Extracto da Ordem Geral de 29 de Novembro, de 1813, dada em Elizondo, e dirigida ao Exercito de Reserva da Andaluzia. O General em Chefe Interino ás suas Tropas.

SOLDADOS ! Acabais de terminar gloriosamente a sexta campanha da nossa guerra nacional, fazendo nella parte do Exercito Alliado, que tem pessoalmente commandado o illustre General em Chefe dos Exercitos Hespanhoes, o Duque de Ciudad Rodrigo : tendes vos coroados de louros immortaes, guiados constantemente á victoria por seu genio superior.

Cinco batalhas ganhadas ; grande número de combates, tres praças da primeira ordem tomadas, varios fortes, e povoaçoens muradas, mais de 650 peças de artilheria, varias aguias e bandeiras, 90.000 inimigos mortos ou feitos prisioneiros, 100 legoas de terreno conquistadas, os Pyrennos passados, a guerra levada ao territorio inimigo, a opiniaõ

do exercito Francez destruida, seus famosos generaes constantemente derrotados, e assegurada já para sempre a liberdade da Hespanha ; saõ os monumentos das glorias do exercito a que pertenceis, e os frutos desta campanha memoravel.

Soldados ! Tendes tido uma parte mui activa em muitos destes triunfos. Dirigidos pelo vosso digno General o Conde del Abisbal, tomastes sem mais meios que o vosso valor a forte praça de Pancorvo ; fostes dos primeiros em encurtar dentro de suas muralhas a numerosa guarniçaõ de Pamplona, e em formar o seu bloqueio. Brilharam as vossas baionetas nos gloriosos campos de Soraureu ; depois, debaixo do meu commando, repellistes o inimigo na batalha de 31 de Agosto ; tomastes seus entrincheiramentos e posiçoens fortes no dia 7 de Outubro, e completastes sõs os vossos triunfos no seguinte dia : rechaçastes seu impeto com forças inferiores no dia 13 ; e na batalha de Sara, gloriosa por tantos titulos, ganhastes todas as obras e posiçoens, que se vos mandou tomar, e vós cobristes de nova gloria.

Soldados ! A patria vos deve estar agradecida, vós a tendes servido bem, e esta certeza deve ser a vossa mais lizoneira recompensa.

Descançai agora de vossos gloriosos trabalhos para em breve voardes a novos triunfos, até que conseguida a total liberdade e absoluta independencia da nossa patria, e assegurado o throno do nosso Rey Fernando, possais á sombra dos louros banhados de vosso sangue, gozar no seio de vossas familias do premio de tantas fadigas.

Soldados ! Em quanto Hespanha existir ha de a campanha de 1813 excitar o reconhecimento e admiraçaõ dos Hespanhoes, e o nome do exercito de reserva de Andaluzia, que tanta parte tem tido em seus triunfos, unida a esta gloriosa recordaçãõ chegar até á mais remota posteridade

com o esplendor, que a vossa disciplina e valor lhe tem sabido dar.

GIRON.

Por confôrme Miguel Desmaisieres, Brigadeiro Chefe de Estado Maior.

PORTUGAL.

Officio de Sua Excellencia o Marechal Marquez de Campo Maior, dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Quartel-general de Ustaritz, a 27 de Dezembro, de 1813.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR! Com a mais particular satisfacção levo ao conhecimento de V. Ex. para que se sirva apresenta-la a S. Ex. os Senhores Governadores do Reyno a Ordem do dia 25 do corrente, e ser por sua intervenção levada á Augusta Presença, de S. A. R. que mandei publicar ao exercito pelo seu brilhante comportamento nas ultimas acçoens desde 9 até 13 deste mez; e posso certificar a V. Ex. de que não sou nada exaggerado nas expressoens com que elogio as valorosas tropas que o compoem, antes sinto muito, que os termos de que uso não possaõ expressar o seu abalizado exforço e disciplina, taõ dignamente como ellas merecem.

Tomo tambem a liberdade de remetter a V. Ex. as traducçoens inclusas das participaçoens, que recebi de alguns Generaes Britannicos commandantes das divisoens, que particularisaõ com mui distincto louvor a exemplar conducta das tropas Portuguezas, que co-operáram com elles, e o efficaz auxilio que dellas recebèram, confessando ser-lhes devida uma grande parte da gloria do successo d'aquelles dias, pois creio, que será muito agradavel a Suas Excellencias vêr o tributo de justa admiração, que entre si se pagam as tropas das duas naçoens Britannica e Portugueza, e a perfeita harmonia que entre ellas existe em todas as occasioens.

Eu não deixarei escapar esta oportunidade, sem recomendar á consideração de S. A. R. as exforçadas tropas do seu exercito, e implorar ao mesmo tempo a sua protecção a favor das familias, que ficáram sem abrigo pela sentida, porém gloriosa morte dos seus Chefes no serviço do Seu Soberano, ainda que Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reyno com o especial desvelo, e patriotismo, que os anima em favor do seu paiz tem tido toda a contemplação com as familias, que estando nestas circumstancias, tem sido por minha intervenção postas debaixo do seu amparo.

Deus guarde a V. Ex. Quartel-general em Ustaritz, 27 de Dezembro, de 1813.

Marechal W. C. BERESFORD,

Marquez de Campo-Maior.

Sñr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Quartel-general de Ustaritz, 25 de Dezembro, de 1813.

ORDEM DO DIA.

A nação Portuguesa sem se lembrar dos feitos gloriosos dos seus antepassados, olhando sómente para o que tem succedido na presente guerra, não póde duvidar, de que sempre que ouvir fallar de uma batalha, em que as suas tropas tenham co-operado, ha de tambem ouvir elogiallas; e na occasião actual não verá (nem he de presumir, que daqui em diante veja) frustrada a sua expectação.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, a respeito das acçoens, que tiveram lugar desde 9 até 13 do corrente inclusive, e que serão relatadas pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria, goza a satisfação, e acha-se no agradavel dever de ter sómente que referir a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor a boa conducta das suas tropas, e fazer-lhe os seus elogios.

Será para S. A. R. um prazer bem agradavel; e fará em

Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reyno, e em todo o Portuguez uma impressãõ das mais satisfatorias, e que naõ os deverá fazer menos ufanos, o verem que á medida que as tropas nacionaes saõ experimentadas, se mostraõ dignas de toda a confiança, e que o seu comportamento e valor saõ sempre mui superiores á prõva, por mais ardua e forte que esta seja.

Desta verdade daõ testemunhos abundantes os feitos de armas das tropas Portuguezas nas ultimas batelhas. A sua reputaçãõ já estava firmada; e o está igualmente ha muito tempo a estíma e admiraçãõ dos seus valorosos companheiros de armas do exercito Britannico, existindo só entre uns, e outros uma emulaçãõ honrosa para todos, e uma estimaçãõ e amizade reciproca.

O Sñr. Marechal tem a satisfacçãõ de dar a saber S. A. R. e bem assim a Suas Excellencias os Senhores Governadores do seu Reyno de Portugal, que naõ obstante achar-se taõ elevado o character das suas tropas por tantos feitos gloriosos, com tudo nestes ultimos acontecimentos ainda ellas augmentaõ a sua reputaçãõ, e a approvaçãõ do nosso grande Commandante o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal-general Duque de Victoria, como a admiraçãõ que os Senhores Generaes, e todas as Classes do Exercito Britannico já lhe prestavaõ.

O Senhor Marechal naõ pôde elogiar demasiadamente o Exercito Portuguez nestes acontecimentos; e ao mesmo tempo que he da sua obrigaçãõ levar o seu merecimento a presença de S. A. R., e á de Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reyno; naõ lhe compete menos assegurar ao Exercito, que dirigindo as suas determinaçoens a favor dos defensores da patria, e da Europa, he certo serem recebidas e consideradas favoravelmente; pois he um Governo paternal, que contempla o merecimento das suas valorosas tropas, e se desvela em remunerallas quanto he possivel. O Senhor Marechal he testemunha

dos desejos e cuidados de Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reyno com recommendação toda a familia, que assim perder o seu Chefe, pois que sô assim cumprirá com os desejos beneficios de S. A. R.

O Sr. Marechal desprezaria o seu dever, se deixasse nesta occasião de lembrar ao Exercito Portuguez, quando este deve á subordinação e disciplina; e o lembra com o unico objecto de que os seus Officiaes nunca percam de vista uma e outra.

O Sr. Marechal servindo se do poder que S. A. R. houve por bem conferir-lhe com o fim expresso de uma prompta recompensa do merecimento brilhante das suas tropas, promove os officiaes, e officiaes inferiores abaixo mencionados, que lhe foraõ recommendados, porque tiveram, e aproveitaram a occasião de se distinguirem: e manda tomar em memoria os nomes de muitos outros que merecem a sua contemplação, para se lembrar delles na primeira conjunctura favoravel.

O Sr. Marechal sente infinitamente que houvessem tantos officiaes e homens mortos, e feridos; mas não se adquire gloria sem perigo, e perda; e foi esta ainda muito menor do que se podia esperar da grande força com que o inimigo atacou. Porém o valor he a segurança do valoroso, e a perda anda sempre em proporção com a falta de coragem.

Entre os officiaes mortos não póde Sua Excellencia deixar de mencionar para receberem os pezares da sua patria o Tenente coronel do regimento de infantaria N. 3., Luiz Diogo Pereira Forjaz, official, que ainda que de pouca idade dava a maior esperança. Era elle sempre o primeiro a arrostar-se com os perigos; subio ao posto, que tinha, pelo seu valor, e merecimento; e perdeu a vida gloriosamente nas fileiras do inimigo em uma carga de bayoneta, mas vendo ainda os seus bravos soldados vencedores. O Sr. Marechal sente tambem a morte do Major

do Regimento de Infanteria N.º. 18., Mathias José de Souza, que commandou bem, e valorosamente o regimento na maior parte da batalha.

Sua Excellencia dá os seus agradecimentos ao Sr. Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor, que mereceo plenamente a sua estima, e approvaçãõ, pelo modo com que conduzio a divisaõ do seu commando, a qual se distinguio com muita particularidade : e deseja que assegure aos Senhores Brigadeiros Antonio Hippolyto Costa, e Joaõ Buchan da perfeita satisfacção de Sua Excellencia a respeito delles, e das suas brigadas. A brigada do Algarve, que commada o Sr. Brigadeiro Antonio Hippolyto Costa, teve com especialidade occasiaõ de mostrar ao inimigo que os homens, de que ella constava, eraõ os mesmos, que o expulsáraõ a bayoneta das alturas dos Pyrineos no dia 30 de Julho ultimo. O Sr. Coronel Jorge d'Avillez, e o Major Jacinto Alexandre Travassos, que commandavaõ os dois regimentos desta brigada, receberaõ os agradecimentos de Sua Excellencia ; e o Sr. Brigadeiro Joaõ Buchan fará saber ao Sr. Coronel Luiz de Souza Vahia do Regimento N. 10., ao Tenente-coronel Joaõ Hill, do Regimento N. 4., e ao capitãõ graduado em Major Francisco Antonio Pamplona, de Caçadores N. 10. a plena satisfacção de Sua Excellencia pela va'grosa conducta dos seus corpos.

O Sr. Brigadeiro Carlos Ashworth, e a quinta brigada (do Porto) composta dos regimentos N. 6., e 18., e battalhão de caçadores N. 6., tem direito á particular approvaçãõ de Sua Excellencia pela sua conducta no dia 13., que naõ podia ser mais brilhante em todas as circumstancias variaveis de uma longa, e obstinada contenda. Sua excellencia naõ pôde ser excessivo fallando em abono da conducta dos referidos corpos commandados pelo Tenente Coronel Maxwell Grant, o valoroso Major Mathias José de Sousa (cujã morte he tanto para sentir,) e o Tenente-coronel Pedro Fearon, Sua Excellencia recommendará a

S. A. R. estes corpos, assim como os da Brigada do Algarve para alguma distincção honrosa em memoria da sua boa conducta ; e o Sr. Brigadeiro Carlos Ashworth (a respeito do qual Sua Excellencia sente que as suas feridas privem o exercito por algum tempo dos seus serviços) receberá, e dará aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados da brigada a segurança da perfeita satisfação de Sua Excellencia.

A terceira brigada não merece menos os elogios, e approvação de Sua Excellencia A sua conducta debaixo das ordens do seu valoroso Commandante o Sr. Coronel Luiz do Rego Barreto foi digna de tropas Portuguezas. O Sr. Coronel Miguel Mc. Creagh do regimento N. 3., e e Major Archibaldo Campbell do regimento N. 15., bem como os seus regimentos se distinguiram com particularidade ; e o Sr. Coronel Luiz do Rego Barreto dará a todos os officiaes, officiaes inferiores, e soldados os agradecimentos de Sua Excellencia.

O Sr. Marechal faz justiça ao merecimento do Sr. Brigadeiro Archibaldo Campbell commandante da primeira brigada o qual pela sua conducta adquirio taõ particularmente a approvação do Illustrissimo e Excellentissimo Sr. Tenente General Hope. O Sr. Brigadeiro faz a mais honrosa menção do comportamento dos seus officiaes, e Sua Excellencia sente a perda que houve delles, e sobretudo a do Sr. Coronel Francisco Homem de Magalhaens Pizarro do Regimento N. 16., e do Major Guilherme O' Hara do regimento N. 1., e dos outros officiaes prisioneiros da mesma brigada ; mas será para elles, assim como para a sua Patria, e familias uma consolação o conhecerem, que a causa de serem prisioneiros lhes he honrosa, e que a sua conducta merece a plena approvação de Sua Excellencia.

O Sr. Marechal de Campo Bradford, Commandante da decima Brigada, assegurará o Sr. Tenente Coronel Joaõ

Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, do regimento N.º 13., o Sr. Coronel Guilherme M'Bean, do regimento N.º 5, e os mais officiaes, officiaes inferiores, e soldados da approvaçãõ de Sua Excellencia a respeito da sua conducta, e da dos seus corpos.

Sua Excellencia deseja, que o Sr. Coronel Joaõ Douglas, Commandante da setima Brigada, receba os seus agradecimentos pela sua conducta, e a da brigada no dia 9; e Sua Excellencia naõ póde deixar de particularizar o batalhaõ de caçadores N.º. 9, cuja excellente conducta tem sido testemunhada muitas vezes por Sua Excellencia: e sente infinitamente Sua Excellencia as feridas do Tenente-coronel Jorge Brown, que commanda este batalhaõ ha muito tempo com tanta distincçãõ; e o mesmo tenente-coronel, como o batalhaõ merecem igualmente os elogios de Sua Excellencia. Naõ póde Sua Excellencia deixar aqui de lamentar a morte do Major Joaõ Mellish Harrison, acontecida no ataque do dia 9.

A conducta dos batalhoens de Caçadores N.º. 1, e 3 de baixo das ordens dos Tenentes-coroneis K. Snodgrass, e Manoel Pinto da Silveira, foi digna do que se deve esperar de quem tem sempre merecido louvores: e o regimento N.º. 17, commandado pelo Tenente-coronel Joaõ Holt, segundo as occasioens que teve, fez bem o seu dever.

O comportamento exemplar da artilheria Portugueza ás ordens do Tenente-coronel Alexandre Tulloh, tendo-lhe adquirido os louvores de Sua Excellencia o Sr. Tenente-general Rowland Hill, em todas as occasioens, e particularmente a 13 do corrente, naõ pode deixar de attrahir a attençãõ do Sr. Marechal, o qual dá a sua approvaçãõ, e agradecimento ao mesmo tenente-coronel (sentindo que fosse ferido) e aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados de seu commando.

O Sr. Marechal dá os seus agradecimentos, ao Major do Regimento de Infantaria N.º. 3, Joaquim Rebello da

Fonseca Rosada, pelo seu bom comportamento, do qual faz expressa menção o Sr. Coronel Miguel M'Creagh.

Sua Excellencia está satisfeito do zelo, com que se houveraõ no importante objecto do tractamento dos feridos, os Cirurgioens Mores Antonio Jozé da Costa, do regimento infantaria N.º 12, Jozé Machado da Ascençaõ, do regimento de Infantaria N.º 15, Antonio Monteiro da Cunha, do regimento de infantaria N.º 5, Bernardo Maria de Moraes, do regimento de infantaria N.º 18, e Jozé Pedro de Oliveira, do batalhaõ de caçadores N.º 6 ; e dos ajudantes de cirurgia da quinta brigada.

O Sr. Marechal não deixa passar esta occasiaõ sem pagar uma divida, que reconhece ter retardado á de mais, é a que saõ taõ particularmente crédores os officiaes do Estado Maior do Exercito Portuguez, e o seu Estado Maior Pessoal. O Sr. Marechal deseja reconhecer o zelo de S. Ex.^a. o Sr. Tenente General Antonio de Lemos Pereira de Lãcerda, e quanto o tem sempre auxiliado, e sente que o máo estado da sua saude tenha privado temporariamente ao Sr. Marechal da sua assistencia. Ao Brigadeiro Ajudante-general do Exercito Manoel de Brito Mozinho, deve o Sr. Marechal dar testemunho do maior zelo, e prestimo em todas as occasioens, e da obrigaçaõ em que lhe esta pela sua assiduidade ; e o brigadeiro exprimirá a satisfaçaõ do Sr. Brigadeiro Benjamin d'Urban, Quartel-mestre General do Exercito ; confessa a assistencia que tem recebido em todas as occasioens dos seus talentos, e conhecimentos militares, e particularmente na batalha de 10 do mez passado, e nestas ultimas operaçoens em tudo, o que tocava á direcçaõ de Sua Excellencia ; e lhe roga o Sr. Marechal esteja certo, de que aprecia plenamente os seus servicos. O Sr. Marechal não póde deixar de particularizar o merecimento do Sr. Coronel Henrique Hardinge, Deputado do Quartel-mestre Ge-

General (que por tanto tempo tem servido de Chefe da repartição), de quem não pode louvar de mais o zelo, e actividade sempre bem dirigidos pelos seus talentos: a sua conducta não menos na batalha de 10 do mez passado, do que em todas as outras a que Sua Excellencia tem assistido, attrahio sempre muito a sua attenção, assim como a sua approvaçãõ pelos serviços, que delle tem recebido. O Sr. Marechal lhe roga que accete por tudo os seus agradecimentos. O Sr. Brigadeiro D'Urban, assegurará a todos os officiaes da sua repartição de que Sua Excellencia está perfeitamente satisfeito como zelo destes. Tem sua Excellencia todo o motivo para exprimir a sua satisfação ao Sr. Coronel Roberto Arbuthnot, e aos officiaes do estado Maior Pessoal da Sua Excellencia pelo zelo, e promptidão que mostram em todas as occasiões, e que particularmente manifestaram na batalha de 10 do mez passado, e nos ultimos successos.

Copia dos officios de que faz menção o de Sua Excellencia o Marechal Marquez de Campo Maior.

Primeiro.

Bivouac, perto de Bearitz, 12 de Dezembro, de 1813.

Meu Querido Sir William: Tómo o primeiro momento que tenho de descanso por ter sido rendida em a noite passada a 5.^a divisaõ pela 1.^a, para informar-vos, que nos dias 9, 10, e 15 do corrente fomos bem fortemente atacados por uma força muito superior do inimigo, e sinto muita satisfação em participar o extremamente bom comportamento do Coronel Rêgo, e da sua Brigada, e particularmente do Coronel Mc. Creagh, e do Regimento 3.^o. que teve occasiaõ de fazer um dos mais bellos ataques, que eu nunca vi, sobre a Estrada de Bayonna, occasiaõ em que foi morto infelizmente o tenente-coronel Forjaz. O Major Campbell, e o regimento 15.^o. tiveraõ occasiaõ de se distinguirem par-

ticularmente (na verdade elle he um Official muito benemerito) em o dia 11 dito, quando ficou com o 9º. regimento Britannico para cubrir o ultimo movimento da Divisaõ naquelle dia. Foraõ muito attendiveis em todos os tres dias o zêlo e attençaõ do Major de Brigada Fitz Gerald, e do Capitaõ Brackenbury, que me prestáram consideravel auxilio: o Coronel Rêgo, ainda que recebeu uma contusaõ grave, naõ quiz deixar o campo. Eu supponho que elle mandará provavelmente uma participaçaõ dos sugeitos, que debaixo do seu commando tiveram occasião de se distinguirem. Eu posso certificar que no decurso destes tres dias as tropas Portuguezas competíram com as Britannicas em bravura, desempenhando as suas obrigações. O Batalhão de Caçadores N.º 8 fez consideraveis serviços, mas pedi ao Coronel Rêgo, que vos informasse, que elle tem falta de Officiaes: Lamento que as casualidades tenham sido taõ severas na divisaõ, e tivemos mais de que um terço, que nellas foi comprehendido, entrando muitos officiaes estimaveis.

Tive occasião de observar particularmente o bom comportamento do Alferes Antonio Pinto de Carvalhaes, do regimento 15º., o qual ainda que ferido naõ deixou o campo. Devo pedir licença para recommendar á vossa protecçaõ o Sargento Antonio d'Almeida Rozado, o mesmo homem que me ajudou tanto a reunir as tropas em a sortida de S. Sebastiaõ, que se tem distinguido muitas vezes desde entaõ, debaixo das miuhas vistas, e particularmente nestes ultimos tres dias; o Major Rozado (do regimento 3º. Portuguez), cujo comportamento foi exemplar e ainda que gravemente ferido, ficou no campo por espaço de algumas horas exposto a um fogo mui forte. O Major Soares, do regimento 15º., se distinguiu particularmente, cubrindo no dia 11 do corrente o ultimo movimento da divisaõ para a nossa posiçaõ. Eu me considero muito feliz,

por ter tido debaixo do meu commando semelhantes tropas.
E permanço com grande attençaõ.

Vosso fielmente,

ANDREW. HAY.,—commandante da 5ª. Divisaõ.

A Sir Guilherme Carr. Beresford.

P. S.—Naõ devo esquecer-me de recommendar á vossa protecçaõ o tenente Farinha do 8º. de caçadores pelo seu comportamento, no dia 9 do corrente, em o qual foi ferido, elle tambem se distinguio em S. Sebastiaõ.

Segundo.

Villa Franca, 14 de Dezembro, de 1813.

SENHOR.—Frequentemente tenho tido occasiões de mencionar V. Exª. o meritorio comportamento do tenente Coronel Brown, do 9º. de caçadores, e tambem o do seu excellente corpo: eu agora me dirijo novámente a V. Excª., em consequencia da participaçaõ extremamente favoravel, que me fez o Major-general Byng, dos serviços hontem practicados pelo tenente-coronel Brown, e pelos officiaes e soldados do 9º. de caçadores, e peço licença para os recommendar á favoravel attençaõ de V. Excª.

Tenho grande razaõ para lamentar a grave perda, que este corpo soffreo ultimamente com particularidade, pela morte do Major Harrison, e pela ferida que hontem recebo o tenente-coronel Brown, a qual ainda que naõ he perigosa, privara o seu paiz por algum tempo de aproveitar-se dos seus uteis serviços. He na verdade um motivo de mais para o meu sentimento, que a força deste corpo ficasse tão reduzida nos dous ultimos combates, em que elle entrou, de sorte que apenas poderá ser a sufficiente para os serviços de um corpo.

Era contrario inteiramente ás minhas intenções que os deixassem ser os que mais soffreram na acçaõ, que tiveraõ hontem; porém o tenente-general Sir Guilherme Stewart, a quem foraõ mandados como apoio até que chegassem as

outras tropas, conhecendo muito bem o que devia esperar da bravura do tenente-coronel Brown e do seu corpo, se aproveitou da occasião que então tinha para os empregar.

Tenho a honra de ser, de V. Exc^a.

O mais obediente e humilde Criado, H. CLINTON,

A. S. Exc^a. o Marechal Beresford, C. do B.

P. S. Omitti, pela pressa com que escrevi esta carta, o nome do tenente-ajudante Simpson, cuja assiduidade no desempenho dos seus deveres tive frequentemente occasiões de observar, e cuja bravura e intelligencia no campo mereceo por muitas vezes a attenção do seu commandante. O Major que succede no commando do batalhaõ ao tenente-coronel Brown, quando elle foi ferido, recommenda pela bravura que manifestáram no ataque sobre a montanha, em frente da direita da nossa posição de hontem, o capitão Valente, e o tenente-ajudante Simpson, e remetto a sua recommendação, convencido de que estes officiaes são dignos da attenção de V. Excellencia.

Terceiro.

Briscons, 16 de Dezembro, de 1813.

Querido Senhor: em toda a carreira do meu serviço militar não tive de satisfazer uma obrigação mais agradável, do que aquella, que me sinto obrigado a fazer para com os valorosos officiaes e Soldados do exercito Portuguez, que foram pôstos debaixo das minhas ordens por Sir Rowland Hill na acção de 13 do corrente.

O valor que manifestáram a Brigada d'Artilheria do tenente-coronel Tulloh, a brigada do commando do Brigadeiro General Ashworth, e a divisaõ commandada pelo Marechal de Campo Lecor nesta luta, foi tal como devia ser, e excitou a admiração de todos os que presenciáram, ou testemunháram os acontecimentos daquelle dia. Sem disparidade do valor e disciplina dos nossos proprios na-

cionaes, estou inteiramente prompto a dar pelo menos uma parte igual destas virtudes guerreiras a todas as tropas Portuguezas, que tem estado debaixo das minhas vistas em toda esta ardua campanha; nem estou menos prompto a attribuir o successo, que coroou os esforços do corpo aliado em 13 do corrente, ao comportamento verdadeiramente valoroso das tropas Portuguezas acima mencionadas. No meu officio a Sir Rowland Hill, sobre o comportamento daquellas tropas, que me fez a honra de por debaixo das minhas ordens naquella occasião, conheço que não expuz sufficientemente o merecimento de muitos corpos, e officiaes que se distinguiram; o zelo, a constancia, e a determinação para vencer foi tão decida da parte de todos os que combateram, que eu perecebi quasi ser injusto, se tivesse marcado mui precisamente merecimento algum particular. Sir Rowland Hill presenciou occularmente, e pôde juntamente com a minha participação official servir de amplo testemunho sobre a grande obrigação em que está constituida a nossa causa, para com a extremamente aperfeiçoada disposição das tropas Portuguezas, e particularmente para com a conducta dellas no dia 13 do corrente. Naquella participação mencionei o merecimento de cada corpo em termos quasi iguaes. A Brigada do Brigadeiro General Ashworth, em todas as acções desta campanha, tem excitado invariavelmente a minha admiração. Nem nos differentes exercitos da Europa, em que tenho servido durante esta guerra, ou a passada, eu me achei com tropas, em cujo nobre espirito eu podesse confiar tanto, sendo bem dirigido. Unidos aos Batalhoes Britanicos da 2ª. Divisão, e muitas vezes ligados com elles os corpos Portuguezes, repelliram o inimigo á baioneta no dia 13 do corrente de um modo, que poderei sempre apontar como exemplo a todos os que combaterem na causa commum juntos com estes nossos valorosos Aliados. Offereci a immediata attenção de Sir Rowland Hill o brilhante ataque, que em um

periodo critico da acção foi executado pelo regimento 14, commandado pelo Major Jacinto Travassos, que foi gravemente ferido; e he da minha obrigação para com este valoroso official que eu chame a attenção de Vossa Excelencia para com o merecimento delle, e infinitamente me alegrarei, se vós o premiardes com promoçãõ, ou lhe co-confeirdes outras distincções. Se um similhante signal de respeito se pôde mostrar á familia e memoria do valoroso Major José (cremos será Mathias José de Sousa) que morreo em um ataque do regimento 18, elle seria tributado com razaõ. O Capitaõ Borges, que succedeo no commando deste esforçado corpo, vos será favoravelmente mencionado pelo Brigadeiro General Ashworth, e serei feliz se souber, que elle mereceo, e recebeu a vossa especial Protecção.

Em quanto ao Brigadeiro General Ashworth; o tenente-coronel Tulloh, da Artilheria; o tenente-coronel Trant, do regimento 6; o tenente-coronel Fearou, do 8 de caçadores; e igualmente o Capitaõ Lumley, do regimento 18, eu naõ posso explicar-me demasiadamente em seu louvor, e chamar com instancia a vossa attenção sobre o seu merecimento. Eu assim me expressei na parte que dei a Sir Rowland Hill, mas conheço que satisfaço agora por um modo agradavel, tanto á obrigaçãõ, como á amizade, communicando comvosco directamente sobre este assumpto. Ha outros alguns officiaes, cujos nomes eu naõ conheço, mas cujo valor observei durante a acção com particularidade. Se vós desejardeis que vos transmitta um memorandum mais circumstanciado a respeito dos mesmos officiaes, ser-me-ha muito agradavel procurar as informações necessarias. Pelos vossos esforços, e pela distincção do merecimento, ganhou o exercito Portuguez a grande reputação que com justiça conserva, e em quanto eu tiver a boa fortuna de servir com alguma parte delle, será uma tarefa agradavel para mim dirigir o meu auxilio para o mesmo

objecto, submittendo ao vosso conhecimento a benemerita conducta daquelles, que forem pôstos debaixo do meu commando. Tenho a honra de ser, com attençãõ, etc.

W. STEWART, Tenente General.

P. S. O Marechal de Campo Lecor, com quem tenho tido a felicidade de cooperar em arduo serviço anterior na Peninsula, terá a honra de vos participar o valoroso comportamento do regimento 2, debaixo do commando do Brigadeiro general Costa, quando foi destacado por minha ordem em um periodo critico de acçãõ, para recuperar o centro, e esquerda da minha posiçãõ. W. S.

PORTUGAL.

Edictal da Juncta do Commercio.

A Real Juncta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçãõ, baxou o seguinte Aviso. “ Illustrissimo e Fxcellentissimo Senhor,—Tendo Mr. W. Account, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciarto de S. M. Britannica, junto das Potencias Barbarescas, e munido de plenos poderes do Governo destes reinos, em nome de S. Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, concluido, e assignado aos 16 de Outubro deste anno, um tractado de prorogaçãõ de tregoa entre este Reino e o Bey de Tunes, por espaço de tres annos, contada da data da ratificaçãõ, durante os quaes os subditos, e vassallos de Portugal poderão livremente navegar sem serem molestados pelos navios de guerra, ou corsarios da dita potencia de Tunes, podendo commerciar nos seus portos livremente, e pagando unica e geralmente os direitos de quatro e meio por cento de todas as mercadorias, que alli importarem, do mesino modo que se pratica com os subditos Tunezinos; e havendo o Governo destes Reinos ratificado na data de hontem em Nome S. Alteza Real o referido tractado, o manda assim communicar á Real junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegaçãõ destes reinos, e seus dominios para sua

intelligencia, e para que assim o faça constar ao publico por edictaes, fazendo-os ao mesmo tempo inserir na Gazeta de Lisboa.—Deus guarde a V. Ex^a.

Palacio do Governo, em 21 de Dezembro, de 1813.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Sr. Cypriano Ribeiro Freire.” E para assim constar se mandáraõ affixar editaes. Lisboa, de 23 de Dezembro, de 1813.—Jozé Accurcio das Neves.

FRANÇA.

REPARTIÇÃO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.—EXERCITO DE ARAGÃO, E CATALUNHA.

Copia de uma Carta do Marechal Duque de Albufera, Commandante do Exercito de Aragoão e Catalunha, a S. E o Ministro da Guerra.

Depois do dia 9, tivemos dous combates de postos avançados, com o inimigo, que foi tambem recebido que não atirou mais um tiro depois de entaõ. As tropas estam empregadas em obras uteis á praça; sem as quaes certamente se poderia passar, porem que he prudente fazer quando ha tempo.

No dia 16 a guarnição de Tortosa fez uma saida sobre o lado de Amposta, e fez muito damno ao inimigo. No dia 17, varios carros de feridos passaram La Rapitta. O quartel-general, que estava em Uldecona, está agora em Vinaroy. BARDOUT.

Carta de S. A. I. o Principe Vice-Rey de Italia, ao Duque de Feltre, Ministro da Guerra.

SENHOR,—Pela minha ultima fiz-vos saber que o inimigo parecia estar disposto a collocar partidas fortes sobre o Baixo Adige. De facto, uma das columnas, desembarcada em Volano, alcançou passar o Po, protegida pelas barcas canhoneiras Inglezas, que tinham subido o rio, e tinham rapidamente avançado contra os nossos pequenos postos de observaõ, em Bades, e la Bovara. Estes postos recuaram, segundo as instrucçoens que tinham, sobre Castognaro. Logo que eu fui informado dos movimentos do inimigo sobre Ferrara, destaquei do exercito 2 columnas disponiveis; uma commandada pelo Major Merdier, a qual eu puz debaixo das ordens do General

Conde Pino, devia retroceder sobre Ferrara, pela margem direita; e esta retomou aquella cidade no dia 2 de Novembro depois de lá ter batido o inimigo. A outra columna, commandada pelo General de Brigada Conchis, e composta de tres batalhoens da divisaõ Marcognet, duas peças de canhaõ, e de 200 homens do 3.º regimento dos Caçadores Italianos, foi mandada manobrar entre o Baixo Po, e o Baixo Adige, para impedir o inimigo de se fixar na Polesina. Este general, desde o dia 27, até o dia 30, apenas encontrou algumas partidas inimigas, as quaes foram tomadas, ou repellidas; e tinha-se por um momento approximado do Po, para communicar com Ferrara, quando soube que uma forte columna inimiga ia marchando para Bovara. As primeiras noticias faziam-na consistir de 3000 infantes, e 400 de cavallo. Por este movimento o intento do inimigo parecia ser o querer reforçar as tropas desembarcadas pelo General Nugent, para ver se se podia fixar em Polesina, para cortar as nossas communicações com Veneza, e ver se podia fazer-me largar a posiçaõ que eu occupava, inquietando a minha direita. O General Conchis, naõ obstante a inferioridade da sua força, naõ hezitou em marchar contra o inimigo. Os seus primeiros postos foram encontrados hontem, dia 3, entre Fratte, e Roveso. O General Conchis formou immediatamente diversas columnas, as quaes marcharam sobre o inimigo, e todos os corpos que elle apprezentou, foram flanqueados, ou derrotados. Por fim estas tropas dispersaram-se; e parte retirou-se para Crespino, aonde estava a columna do General Nugent, e aonde estava o Archiduque Maximilliano, e outras recuavam sobre La Bovara aonde repassaram o Adige em tal dezerdem que um grande numero foi afogado. O resultado deste dia faz grande honra ás tropas empregadas. O inimigo perdeu 400 homens entre mortos, e feridos, e 800 prisioneiros. Entre estes ha um major, cinco capitaens, e seis outros officiaes.

A nossa perda he comparativamente uma bagatella, sendo tam somente 3 mortos, e 40 feridos; dos quaes 4 saõ officiaes. Isto procedeo das boas disposiçoens feitas pelo General Conchis, e tambem do ardor e resoluçaõ que os soldados mostra-

ram no ataque. Um dos officiaes feridos he Mr. Flocard, Tenente-coronel do regimento 101, que se portou extremamente bem. O General Conchis dá grande louvor ao Coronel Rambourg, commandante do 3º regimento de caçadores Italianos; ao chefe de esquadraõ Bontarel, e ao Capitãõ Scaragatte do mesmo regimento, e ao Tenente Marchant, dos granadeiros do regimento 20 de linha.—Verona, na tarde de 4 de Dezembro, de 1813.

EUGENIO NAPOLEAÕ.

Relatorio do Ministro dos Negocios Estrangeiros a S. M. o Imperador e Rey.

SENHOR,—Tenho a honra de trazer perante V. M. os despachos da vossa Legação em Berne, considerando que o territorio, e a neutralidade da Suissia tem sido violados pelos Alliados. Trago junctamente a carta que trouxeram Messrs. Ruttiman, e Wieland, Enviados Extraordinarios da Dieta Suissa, e a resposta de V. M. confirmando o reconhecimento, ja feito pelos vossos Ministros, da neutralidade da Suissa.

Ao tempo em que aquelles Enviados appresentaram a V. M. a carta que traziam, outros Enviados partiam para os Soberanos Alliados, em Frankfort, os quaes prometeram reconhecer a neutralidade da Suissa; e o Commandante-em-Chefe dos seus exercitos, deo ordens para que esta se annunciasse por toda a parte.

Os Suissos confiados nestas promessas, e ordens, tinham limitado as suas precauçoens á collocação de um mero cordaõ.

V. M. não tinha tropas sobre aquella fronteira, desejando remover toda a idea da neutralidade da Suissa estar em perigo daquelle lado.

Porem os Alliados não violaram somente a neutralidade da Suissa; tambem enviaram a Berne Mr. de Senft, a requerer quo este paiz houvesse de renunciar ao acto de mediação, cujas consequencias tem ha 10 annos tornado aquelle paiz tam feliz. Mr. de Senft accompanhou este peditorio com a declaração de que o Exercito Alliado hia a entrar na Suissa. Ao mesmo tempo Mr. Bubna intimou ás tropas da Confederação para que evacuassem as suas posiçoens, a ponte de Bale foi forçada e o Exercito Alliado entrou por differentes pontos.

Os Alliados, violando desta maneira o territorio de um povo

pacífico, e a sua neutralidade, a qual a Europa há respeitado por tres seculos, tem dado elles mesmos o estandarte da confiança que as suas promeças merecem, e mostrado o que he de facto o respeito que elles professam para com os direitos das naçoens.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros,

(Assignado) CAULINCOURT, Duque de Vicenza.

30 DE DEZEMBRO.—Hoje, Quinta Feira, 30 de Dezembro, ás duas horas, S. M. o Imperador, e Rey, estando sentado sobre o throno, rodeado pelos Principes, e Grandes Dignitários, o Ministro, &c. recebeu o Senado em Corpo, quando S. Ex.^a o Conde Lacepede, Presidente, appresentou a S. M. a seguinte falla :—

SENHOR,—O Senado vem offerecer a V. M. Imperial, e Real, o tributo do seu affecto, e gratidaõ pela ultima communicaçãõ que elle recebeu pelo mcio da sua commissaõ. V. M. acceita as propostas dos seus mesmos inimigos, as quaes foram transmittidas por um dos vossos Ministros na Alemanha.

Que penhores mais fortes podia V. M. dar do seu sincero dezejo pela paz ?

V. M. certamente cré que o poder he reforçado por ser limitado, e que a arte de favorecer a felicidade do povo, he a principal policia dos Reys. O Senado vos dá por isso os agradecimentos em nome do povo Francez. He tambem em nome deste mesmo povo, que nos vos damos os agradecimentos por todos os legitimos meios de defeza que a vossa sabedoria tomar para assegurar a paz.

O inimigo tem invadido o nosso territorio: elle intenta penetrar até o centro das nossas provincias. Os Francezes unidos em sentimento, e interesse, debaixo de um Chefe como vos não soffreraõ que a sua energia seja deprimida.

Os Imperios, bem como os individuos, tem seus dias de lucto, e de prosperidade: he em grandes crises que as grandes naçoens se mostram.

Naõ, o inimigo não há de retalhar esta bela, e nobre França, a qual ha quarteze centos de annos que se tem sustentado com gloria ao travez de taes diversidades de fortuna: e que para o interesse das mesmas naçoens vizinhas, pode sempre fazer um pezo consideravel na balança da Europa. Nos temos por

penhor a vossa firmeza heroica, e a honra nacional. Nos combateremos pela nossa amada patria entre os tumulos dos nossos pays, e os berços dos nossos filhos.

Senhor, obtende paz por um ultimo esforço, digno de vos mesmo, e dos Francezes, e deixe a vossa mão, tantas vezes victoriosa, cair as armas depois de ter assignado o repouso do mundo.

Isto, Senhor, he o desejo da França—o desejo do Senado—isto he o desejo, e a necessidade da raça humana.

S. M. replicou:—

Eu sou sensivel aos sentimentos que vos exprimis para comigo. Vos tendes visto pelos documentos que eu mandei expor-vos, o que eu faço por amor da paz. Farei sem pezar os sacrificios que se inferem pela baze preliminar, que o inimigo propôz, e que eu tenho acceitado; a minha vida não tem senão um objecto, a felicidade dos Francezes.

Entretanto, Bearne, Alsacia, Franche Comté, estam invadidos. Os gritos desta parte da minha familia despedaçam o meu coração. Eu invoco os Francezes em soccorro dos Francezes. Invoco os Francezes de Paris, de Bretagne, de Normandia, de Champagne, e de outros departamentos, para socorrerem os seus irmaons. Abandonallos hemos nos na sua afflicção? Paz, e a libertação do nosso territorio devia ser a nossa voz de reuniaõ—ao aspecto de toda esta nação em armas, o inimigo fugirá, ou assignará a paz sobre a baze que elle mesmo propoz.

A questaõ agora ja não he de recobrar as conquistas que temos feito.

HAMBURGO, 18 DE DEZEMBRO.—O Marechal Principe de Eckmuhl, considerando que ja tem por varias vezes avizado os habitantes de Hamburgo, para que metam dentro provisoens sufficientes para lhes durarem até o 1.º de Julho, que o ultimo prazo está fixado até o 1.º de Dezembro, e que tambem lhes tem sido manifestado que tã cedo o inimigo se approxime, todos os que não tiverem preenchido os deveres que lhe foram impostos pela ditta notificação, seraõ obrigados a sair da cidade; e considerando que a approximação do inimigo não permite que os habitantes hajam de demorar-se mais, pelas suas proclamaçoens serem intentadas para excitar commoçoens, apontando-nos o partido que devemos tomar para frustrar os seus planos; e evitar aquelles exemplos de severidade que podem cair sobre o innocente, Tem resolvido publicar as seguintes ordens, que as

circunstancias fazem necessarias, e que são prescriptas pelas leis da guerra:—

ART. 1. Desde á manhaã, 19 de Dezembro, todas as portas da cidade de Hamburgo, e todos os portos seraõ fechados, e todas as communicaçoes com o inimigo prohibidas.

2. Far-se-há saber aos habitantes, por Proclamaçoens, e Noticias, que todos aquelles que não tiverem ajuntado provisoens para seis mezes, seraõ obrigados a deixar a cidade dentro de 18 horas depois da publicaçãõ destas resoluçoens. Por este respeito, as portas esta-raõ abertas no dia 20, e 21 de Dezembro, desde as 10 horas da manhaã até ás duas da tarde.

3. Os habitantes que são obrigados a sair da cidade podem confiar a sua propriedade aos habitantes que estam providos, e que ficam na cidade. Esta propriedade fica debaixo da protecçãõ das Administraçoens Civis, e Militares.

4. Os seguintes haõ de sair da cidade dentro de 24 horas, as do dia 20, entre o meiodia, e as duas da tarde, a saber. 1. Todos os estrangeiros, de ambos os sexos, que não tem a sua costumada residencia na cidade, e que não tem pago taxas directas desde o 1.º de Janeiro de 1813. 2.º. Todos os estudantes nascidos fora de Hamburgo. 3.º. Todos os creados do commercio, homens de jornal, manufactores, e aprendizes, naseidos fora de Hamburgo, e não nomeados na lista do Artigo quinto; e 4. Todos o mendigos, e vagabundos.

5. São exceptuados desta ordem todos os obreiros empregados nas fortificaçoens, e nas outras obras publicas, pelos engenheiros, ou na artilheria sobre as pontes, e estradas, e com as Auctoridades Civis, e Militares, na conformidade da lista dada pelo General Jauffroy, Coronel Ponthon, o engenheiro principal Jaussilen, o Ordenador Thomas, e o Prefeito. A cada um daquelles individuos seraõ dadas atestaçoens por uma Juncta abaixo nomeada.

6. Tambem seraõ dadas atestaçoens pela mesma Juncta, a todos os habitantes abastecidos que permanecerem na cidade.

7. Nomea-se uma Juncta para por em execuçãõ estes regulamentos. Consistirá esta de M. Chalot, Coronel da Gendarmaria, Presidente. M. Schendler, Tenente-coronel, e Ajudante do Governador. M. Penal. Capitaõ da Gendarmaria. M. Beavers, Assessor da Corte Prevotal. M. Ministier, Procurador Imperial do Tribunal das Alfandegas de Luneburgo.

8. Fica advertido a todos aquelles que em consequencia destas regulaçoens, forem obrigados a deixar a cidade, que se voltarem, seraõ tratados como espias.

9. Tambem fica declarado a todos aquelles que em consequencia destas regulaçoens forem obrigados a sair da cidade, que tem a liber-

dade de poderem levar com sigo os seus bens, e para este effeito se-
rao dadas ordens aos commandantes militares.

10. O General de Divisaõ, Conde Hogendorp, Governador da ci-
dade de Hamburgo, está encarregado de dar instrucçoens á Junta, e
de superintender a execuçaõ das presentes ordens.

(Assignados) O Marechal Duque de AUERSTADT.
Principe de ECKMUEHL.

(Copia fiel) O General de Divisaõ, Ajndante do Imperador,
Conde VON HOGENDORP.

Paris, 4 de Janeiro.

Muito se tem fallado atéqui sobre a declaraçaõ das Potencias Al-
liadas, datada de 1 de Dezembro, e inserida na Gazeta de Frankfort,
do dia 6. Os inimigos lançaram algumas copias della sobre as nossas
fronteiras, e pelas nossas costas; e até a tem mandado pelo correio
a um grande numero de Pessoas em Bale. Ja o Orador do Senado
citou algumas passagens della, as quaes refutou com igual força e
solidez de argumentos; porem nos pensamos que he do nosso dever
fazer algumas reflexoens sobre este estranho papel, calculado para
causar todo o receio.

Se os Alliados depois de terem feito a S. M. o Imperador dos Fran-
cezes proposiçoens justas, generosas, e liberaes, estas lhes fossem
regeitadas, ou se lhes tivesse dado uma resposta evasiva, naõ se
pode negar que esta declaraçaõ seria propria para fazer alguma im-
pressãõ sobre o povo, pouco visto nos indirectos procedimentos da
diplomacia: porem, se pelo contrario, as proposiçoens dos Alliados,
tem sido formalmente acceitas por S. M. o Imperador (como a rela-
çaõ da Commissãõ o prova); se os Soberanos Alliados naõ publica-
ram esta declaraçaõ senãõ quando ja tinham recebido a acceitaçaõ
de S. M., deve-se confessar, que os seus sentimentos naõ saõ tam
nobres, nem as suas vistas taõ desinteressadas como elles affectam
proclamar; que o seu Manifesto naõ tem outro objecto senãõ o de
paralizar a energia da naçaõ Franceza, tentando persuadilla de que o
seu Governo tem rejeitado *proposiçoens justas, generosas, e liberaes*.
Que esta declaraçaõ, apparentemente taõ moderada, pode ser capa
para uma ambiçaõ que naõ ouza mostrar-se as claras; em uma pala-
vra, que he incoherente em si mesma, pois tomando o traje de paz,
introduzio em França uma declaraçaõ, que naõ hesenaõ uma astucia
capciosa.

O que temos dicto naõ he uma falsa representaçaõ. Foi em 5 de
Dezembro, pela tarde, que os Alliados receberam a acceitaçaõ dos
Francezes; foi no dia 7 que elles publicaram na Gazeta de Frank-
fort, cuja cidade era entãõ o seu quartel-general, a famoza declara-

ção que tinham publicado no dia 1. Isto he um facto certo, a simplez relação do qual he sufficiente para esbandalhar toda esta ostentaçãõ de generosidade, e amor de paz. Na verdade, á vista disto, podiamos dispensar-nos de responder a um acto que estamos a perder em apreciação; havemos, contudo, examinallo por miudo, refutallo, como se elle tivesse sido feito com boa fé; e quando elle estiver despojado de todas as suas apparencias enganosas, que occultam o seu verdadeiro character, sera facil perceber que não pode enganar ninguem, e que todos os Francezes devem responder-lhe somente com a sua unanimidade, coragem, e com os mais generosos esforços.

Os Alliados não fazem a guerra contra a França, dizem elles, mas contra a *preponderancia* que o Imperador Napoleão tem exercitado alem dos limites do seu Imperio. Não repetiremos aqui as reflexões cheias de sabedoria, que Mr. de Fontanes, oppoz áquellas formulas, tam novas nas ordens social e politica da Europa; porem perguntaremos aos Alliados, se não he aos seus imprudentes ataques, a quem a França deve a sua *preponderancia*? Depois do famoso tractado de Pilnitz, não tem ellas alternativamente obrigado a França a combater, e a vencellos? Em 1796, a França, senhora do Rheno, e dos Alpes, mandando em Hollanda, e em Milão, estava ja uma potencia preponderante sobre o Continente; e esta *preponderancia*, resultado da primeira coalizaõ, foi reconhecida, e sancionada pelos tractados de Basile e de Campo Formio. O Imperador dos Francezes tem-a, sem duvida, levado mais longe, e cada nova guerra a corroborou mais. Porem, quem provocou aquellas guerras?

Aquelles que em 1804, 1806, e 1808, violaram os seus tractados, e atacaram a França, que estava occupada em combater a *preponderancia* de Inglaterra.

Sejam as Potencias Alliadas sinceras; sempre agressoras, sempre conquistadas, tem sempre formalmente concorrido para aquellas medidas geraes que agora buscam representar, como o infeliz resultado da *preponderancia* Franceza. He a Alemanha o ponto em questãõ? Em Ratisbona, em Luneville, na fixaçãõ das indemnizações, ou para fallar mais claro, na repartiçãõ do Imperio Alemão, não vimos nos a Austria, e a Prussia cooperar da maneira mais activa? Não conduzio a Russia as negociações de concerto com a França? Não affiançou ella o resultado, e não proclamou entãõ o Embaixador Russiano, que a *distribuição das indemnizações era feita para a paz, e felicidade do Continente*?

He o systema Continental a questãõ? Não foi a mesma Russia a primeira a dar, durante a guerra da America, o signal para as medidas que foram tomadas pelas potencias maritimas do Norte, para pararem a *preponderancia* maritima da Inglaterra, a qual agora se

tem feito, se he licita a expressãõ, a verdadeira omnipotencia sobre todos os mares do globo ?

Qual era o objecto da França na occasiaõ das victorias, senãõ renovar, e fixar sobre uma base solida o systema maritimo, que a Russia tinha concebido ? Qual foi a estipulaçaõ mais importante do tractado de Tilsit ? o empenho em que a Russia entrou, para completar, em conjunçaõ com nosco, o que ella mesma tinha commecado, e que ella ha muito tempo considerava como o mais bello titulo para a gloria ?

Pode a Europa ter esquecido as solemnes proclamaçoens do Imperador Alexandre, em que declarava, que para a felicidade do seu povo, e para a felicidade do mundo, tinha concordado com o Imperador Napoleaõ, sobre os meios de manter o systema continental, e de obrigar os Inglezes a reconhecer os direitos das potencias neutras ? Naõ se empenhou elle solemnemente para vingar os crimes commettidos em Copenhagen ? Naõ declarou elle guerra contra a Inglaterra ? E quando ao depois a Russia fêz em pedaços os tractados que tinha jurado, a Prussia, a Austria, a Baviera, e toda a Alemanha, naõ combateram debaixo das nossas bandeiras, para manterem o systema continental, o qual ellas tinham tantas vezes proclamado ?

Os seus Alliados successivamente a abandonam, junctam os seus exercitos aos dos seus inimigos, e marcham contra França, que se tem retirado para dentro dos seus limites naturaes !

Naõ tem essa preponderancia mudado de maõs ! e se ella he neste momento exercitada por alguma potencia, naõ será por aquella que arrastra consigo todas as naçoens da Europa, e as leva contra um povo que naõ tem agora outro dezejo senãõ o de defender o seu territorio. Assim a Russia, que dentro de um seculo tem por vezes esmagado a Suecia, dividido a Polonia, devorado a Crimea, ameaçado o Caucazo, e cobiçado o throno de Constantino,—a Russia, que a este momento governa a Saxonia, domina sobre a Prussia, e talvez sobre toda a Alemanha,—a Russia que despeja dentro da França as suas legioens Asiaticas,—declara que faz a guerra contra a preponderancia do Imperador Napoleaõ na Europa. Proclama, naõ obstante, que as vistas das Potencias Alliadas tem por objecto a *independencia de todos os estados*—que estas vistas saõ justas, generosas, e liberaes, *animantes para todos, e honrosas para cada um*. Porque se naõ exprimem entãõ estas Potencias de uma maneira exacta ? Porque neste novo systema de fallar á naçaõ, naõ dizem ellas claramente o que propeem ? Porque naõ apontam ellas, sem evasaõ, a base da pacificaçaõ ?

Ellas dezejam que a França seja forte, e poderosa,—que as artes floresçam nella, confirmam-lhe uma extençaõ de terreno maior do que

ella nunca conheço debaixo dos seus Reys.—Pois bem! Porque não fixam ellas formalmente essa exteção? Com este modo vago de se exprimirem, podem ellas offerecer-nos Porentruy, que nós não possuíamos no tempo dos nossos Reys. Frazes ambigvas não indicam intenções sinceras; sinceridade he o primeiro signal da boa fé. termos mysteriosos, se elles tivessem publicado as verdadeiras proposições que fizeram á França, o Imperador respondia, eu tenho-as accettato: assim a guerra estaria acabada, e a paz feita. Porem, pena temos de o dizer, tudo dá razaõ para crer, que tal não era o desejo das Potencias, ou ao menos de algumas dellas.

Permita-se-nos perguntar aos authores da proclamação, se he alguma prova de um sincero desejo pela independencia do Imperio Francez, invadir os seus naturaes limites? Se nos podemos plenamente confiar na boa fé dos Alliados, quando elles passam o Rheno, depois de terem declarado publicamente o anno passado, que pegam em armas, somente para repellirem os Francezes para além daquelle rio; quando occupam o territorio Suisso, depois de terem annuciado á Europa, que os seus exercitos não o haviam de atravessar!

Os Alliados dezejam que as artes floresçam em França; porem os seus movimentos em toda a parte, ferem-nos os olhos; e os nossos, museos, a nossa capital, as nossas cidades, as nossas praças publicas não apprezentam incessantes maravilhas que tem, se se pode dizer cançado a admiração? E entãõ, qual das Potencias Alliadas, he a que dezeja tornar a fazer florecer as artes em França? Sera a Russia quem haja de acarear os nossos artifices, seduzir os nossos manufactores, e collier os nossos artistas? Ora na verdade, he coiza curiosa ver o norte invadir o sul, em ordem a fazer lá florecer as artes, e a civilização. As Potencias fallam de uma justa balança: porem asseguram ellas á Europa que uma dellas não ha de bem de pressa exercer a fatal preponderancia, e que achando o Imperio Francez demaziadamente poderoso não ha de logo ter dezejos de o por em um estado que não possa mais recear obstaculo ao seu engrandecimento? Fallam de uma justa repartição de poder, de limites naturaes; e isto quando a Suecia dezeja passar os Alpes que a separam da Noruega, quando a Inglaterra pertende reter alguns dos principaes portos do Continente.

Não tenhamos receio de o dizer; o que os Alliados professam he contrario ao que elles intentam; as suas promessas são tam pouco seguras, como as suas exprobrações injustas. Elles incessantemente proclamam a sua moderação; porem as suas acções fallam mais claro que as suas palavras. Em quanto a sua declaração respira so paz, e felicidade, a sua invasão tras devastação e morte. A França tem tido seus dias de fortuna. Lembremos-nos da sua attitude no meio dos seus triumphos, contrastemos' o que ella tem

muitas vezes concedido, com o que agora se requer della, e vejamos entãõ qual das partes mostra boa fé, moderaçãõ, eousemos dizer moderaçãõ na victoria. Commeceemos com a Austria.

Dentro destes vinte annos, tem a França concluido quatro tractados de paz com esta potencia, em Campo Formio, em Luneville, em Presburg, e em Vienna.

Em Campo Formio, o Tyrol foi conquistado; o Imperador a testa daquelle exercito invencivel, diante do qual a Italia tinha succumbido, estava a trinta legoas da capital. O exercito Francez do Rheno ia penetrando até o coraçãõ da monarchia. A Hungria em fermentaçãõ, ameaçava separar-se da capital. Os vencedores offereceram paz. Quaes foram as condiçoens? A Austria cedeo a Belgia, e a Lombardia, que estavam conquistadas, porem recebeu em troca a Istria, a Dalmacia, as Ilhas Venezianas no Archipelago, Cattaro, Veneza, e as provincias daquelle republica na esquerda do Adige. A Austria posto que vencida, a Austria invadida por todos os lados, achou-se depois das suas desgraças com um territorio mais consideravel em extençãõ, e mais vantajozamente situado para ella. Entretanto em 1800 tornou a dar o signal para a batalha; nos marchámos, outravez nos conduzio a victoria até as portas de Vienna.

Que condiçoens lhe impoz o Imperador Napoleaõ? A paz de Luneville. O tractado de Campo Formio está quazi confirmado; e a França, sempre atacada, sempre triunfante, nunca está caçada de ser magnanima.

Quem se não lembra, nesta memoravel campanha, que o Imperador Napoleaõ, depois da victoria de Marengo, honrando o valor, e a desgraça, concedeo a Mr. de Melas, uma capitulaçãõ em virtude da qual, 30.000 Austriacos, com as suas armas, e bagagens, passaram pelo meio do exercito Francez? Seguramente, o Imperador não ignorava que estas tropas iam reforçar o exercito Austriaco sobre o Adige; e entretanto retiraram-se ao travez da Italia sem obstaculo algum. Comparemos esta capitulaçãõ de Alexandria, com a de Dresden—a fortuna de Mr. de Melas, com a do Marechal St. Cyr, e veremos qual partido tem mostrado moderaçãõ na victoria, e fidelidade nos seus tractados.

Continuamos.—Depois do tractado de Luneville o Continente parecia que ia gozar de uma longa paz. A França occupada nas suas preparaçoens maritimas, não tinha forças sobre as margens do Rheno; todas as nossas tropas estavam sobre os montes de Boulogne; os vazos para se embarcarem estavam junctos; a expedicãõ estava prompta; o signal para a partida ia a soar, quando a Austria de improvizo deo o signal para a batalha. Os seus exercitos ameaçavam as nossas fronteiras; nos marchámos com a velocidade de

raio; a tempestade arreventou em Ulm; Vienna cae, e Austerlitz entrega todo o Imperio nas nossas maons. Se os nossos inimigos estivessem no nosso lugar, que fariam elles? Naõ sabemos; porem o tractado de Presburgo mostra o que o Imperador fêz.

A casa de Austria, que se pode dizer existia somente em algumas das provincias do Este, recobra todos os seus dominios, excepto o Tyrol, a parte dos Estados Venezianos cedida pelo tractado de Campo Formio, e Luneville, e alguns outros pedaços de territorio destacados, mas que foram compensados pela cessão de Salzburg, e Berchtholdsgaben. Ultimamente, em 1809, em quanto o Imperador estava batendo, em Astorga, o exercito Inglez do General Moore, uma aggressão ainda mais injusta, que a de 1809, uma aggressão, cujo manifesto proposito era invadir a França, provocou as legioens Francezas.

Todas as provincias ao Oeste, e ao Sul da Austria são conquistadas; a capital está pela segunda vez nas maons do vencedor. A Hungria vé as aguias Francezas sobre os muros das suas cidades; uma sempre memoravel batalha poem toda a Monarchia á disposiçãõ do conquistador. Os exercitos Russianos, entãõ nossos Alliados, ammenaçavam o Este da Gallicia; a casa de Hapsurgo podia ter deixado de existir.

O tractado de Vienna restaurou a casa d'Austria a gradauçãõ de uma potencia da primeira ordem. Tal tem sido a nobre, e generosa conducta do Imperador dos Francezes para com as Potencias Belligerantes. A Austria depois de quatro successivas guerras, desastrosas para ella, em que por vezes vio a sua existencia em perigo, perde apenas unas poucas provincias; ah! se ella tivesse obtido sobre nos todas as vantagens que nos ganhãmos sobre ella, se em tres annos ella tivesse duas vezes occupado Paris; estaríamos nos tam poderosos como ella agora he? Teríamos nos a influencia que ella agora exerce na Europa? Parece que se nos deve permitir duvidallo.

Em 1806, a Prussia, sem provocaçãõ, fêz avnçar os seus exercitos para o Rheno; as legioens Francezas foram sair-lhes ao encontro; e a batalha de Jena poz termo a esta louca contenda, poz o conquistador, no cabo de um mês, senhor da Monarchia Prussiana; ainda um grande, e poderoso Alliado a defende; porem este mesmo sendo vencido nas planices de Friedland, deixa o Imperador Napoleaõ senhor do destino da Prussia.

O tractado de Tilsit, colloca outra vez o Rey de Prussia entre os Soberanos da Europa. O Imperador Napoleaõ restaura-lhe quasi dious terços do seu reyno, o todo do qual a victoria tinha posto em seu poder; e graças a generosidade de Imperador, a Prussia ainda retem acima de cinco milhoens e meio de habitantes. Fallaremos

nos da Russia, que, depois desta mesma guerra de 1806, e da perda de varias outras batalhas, longe de experimentar o effeito de suas derrotas, adquirio da Prussia o districto de Bialistock, o qual ella tinha prometido defender?

Isto não são allegaçoes vaãs, nem frases sem sentido, são factos que os nossos contemporaneos tem visto, e que a historia ja tem colhido.

Próvem os Alliados a sua moderação, como nos acabamos de demonstrar a nossa; appareçam, falleim, e o mundo julgará se elles tem direito para nos accuzar.

Nos fomos nobres, grandes, e generosos no meio das nossas victorias; desenvolvamos agora firmeza, coragem, e amor da paz—sejamos mais unidos que nunca, appinhemos-nos em roda do throno, de que tão brilhantes tropheos estão pendentés—desconfiemos de um inimigo que tenta dividir-nos, e que, esperando enfraquecer-nos por meio da desunião, e deprimir-nos pelo terror, manda a diante de si proclamaçoes fallaces, e entra com o facho na mão. Sejamos surdos as suas promessas, tanto como as suas ameaças, e aprenda, que nos somos tam pouco para ser seduzidos, como para ser amedrentados; entãõ elle será forçado a dezejar sinceramente a paz de que falla, talvez sem a dezejar; a humanidade respirará, e a Europa será consolada.

Lea-se pois esta pomposa declaração com a bem fundada desconfiança que ella deve excitar; e se houver um unico Francez a quem ella poder persuadir, abra os annaes da Polonia—lea o Manifesto de Catherina, quando os seus exercitos invadiam aquelle reyno. Ella vinha somente para restaurar a sua felicidade, para manter a sua antiga constituição, para assegurar a liberdade de consciencia. Aude mais tres paginas para diante, o saque de Praga, e a matança de 30.000 cidadãos lhe firiráõ os olhos; lea mais, e vera escripto com caracteres de sangue *Polonia ja não existe.*

8 DE JANEIRO.—O Marechal Duque de Reggio chegou hontem a Paris. S. Ex.^a vai, segundo se diz, tomar o commando de um corpo de exercito. O Marechal Duque de Treviso, manobrou um momento; e foi para Langris.

EXTRACTOS DO MONITEUR.

Paris, 20 de Janeiro.

O Duque de Vicenza, Ministro dos Negocios Estrangeiros, e Plenipotenciario de S. M. no Congresso, foi para Chatillou-sur-Seine, aonde havia de receber aos 19 os seus passaportes para ir ter ao quartel-general das Potencias Alliadas, que estava em Basilea, aos 14.

Langres, 17 de Janeiro.

Estão abertas todas as communicações entre esta cidade e Bar-sur-Aube. Não tememos o inimigo, e temos forças sufficientes para o repulsar. Aos 14 houve uma seria acção, a duas leguas de distancia desta cidade; as nossas valorosas tropas repulsáram o inimigo. O quartel-general do exercito de Nancy está em Chalons-sur-Marne. O Intendente-geral dos exercitos, o *Ordeneur*, os commissarios de guerra, e dous Inspectores-geraes estão em Chalons.

Fronteiras de Hespanha.

Lord Wellington annunciou por toda a parte, que fargaria as passagens do Nive, e do Adour, cercaria as fortalezas de Bayonna, e marcharia para Bordeaux; elle falhou completamente no seu designtio; os combates que houvêram desde 9 até 13 de Dezembro tem sido em sua desvantagem: tem perdido mais de 15.000 homens, incapacitados de combater: a nossa perça não tem sido uma quarta parte daquella. O exercito Inglez está em grande consternação. Lord Wellington limita as suas pretenções, e manda entrincheirar todas as partes de suas linhas.

Aos 20 de Dezembro occupava Bayonna uma grande guarnição: tres divisoens do exercito, debaixo das ordens do general Reille, occupávam campos entrincheirados, e estavam concluindo as obras. O General Clausel ia avançando rapidamente com outras tres divisoens para a margem esquerda do Bidousse, por Peyrhorade: um corpo numeroso cubria as margens do Adour e Bidousse. O Duque de Dalmatia mudou o seu Quartel-general para Peyrhorade, a fim de ficar mais proximo, e poder dirigir os movimentos contra a ala direita do inimigo.

Pelos fins de Dezembro, as posições dos Inglezes se fizéram cada dia mais e mais criticas; sentio-se a falta de mantimentos: os seus comboys, dispersos pelas tempestades,

fôram lançados ás costas de Landis ; os nossos destacamentos recolhêram cargas de bois, e de carne salgada ; e até mandaram para Bayonna algum feno em pacotes, que tinha vindo de Inglaterra em caixoes :

A posição do General Clausel incommoda Lord Wellington elle temeo-se pela pouca segurança de seus portos em St. Jean de Luz, aonde tinha o seu quartel-general. Mandou atacar St. Jean Pied de Port, mas foi repulsado : o General Harispe tinha tomado o commando do extremo da nossa esquerda, organizado a leva em Basques, e diariamente dispersa os forrageadores do inimigo.

No 1º. do corrente, um destacamento Inglez, com artilheria, se apresentou na margem esquerda do Adour, diante da ilha de Broe ; foi immediatamente repulsado, e obrigado a abandonar a margem com perda.

O Duque de Dalmacia, seguro do bom estado de defeza de Bayonna, e do Adour postou o General Clausel por detraz do Joyeuse. Aos 3 de Janeiro um regimento Inglez foi expulso de Bastide de Clerence. O General Paus marchou em frente de Boula, aonde o inimigo tinha um forte destacamento, os dias 4 e 5 passaram toleravelmente quietos, em manobras ; a nossa cavallaria ligeira, cheia de ardor, tomou alguns prisioneiros, e inquietou muito o inimigo. Lord Wellington marchou de St. Jean de Luz, deixou de frente de Bayonne, e juncto ao Adour alguns destacamentos : a sua linha estava formada sobre Hasparens. Aos 6, elle desdobrou 20.000 homens ; e ás 3 horas da tarde mandou atacar um batalhaõ da 6ª. divisãõ, postado em frente de Bastide de Clerence, como guarda avançada. Este batalhaõ retrocedeo em boa ordem ; e os dous exercitos ficáram na presença um do outro até as 10 horas da manhaã do dia 7 : pareceo inevitavel uma batalha ; porém o exercito Inglez retirou-se em differentes direcçoens e desapareceo em um instante. Lord Wellington percebeo apenas que aquella parte do exercito

Francez, que ficou nos entrincheiramentos de Bayonna estava desembocando na sua retaguarda, e a ponto de lhe cortar a communicaco com St. Jean de Luz. Bayonna he agora um dos mais fortes baluartes do Imperio. A ma intelligencia, entre as tropas Hespanholas e Inglezas, augmenta todos os dias.

Exercito do Duque de Tarentum.

O Duque de Tarentum, que fora encarregado da defenza do Rheno at Nimeguen, repulsou todos os ataques do inimigo. O General Sebastiani, que estava em Colonia, tomou de 500 e 600 prisioneiros em varias acoes. O Duque de Tarentum mandou pr em estado de defenza as praas de Grave, Vanloo, Juliers, e Maestricht.

Desde o principio de Janeiro, tem o inimigo obrado na defensiva para a parte de Breda, debaixo das ordens do General Bulow: o Duque de Tarentum concentra as suas foras: aos 14 tinha o seu quartel-general em Maestricht, occupando Liege, e Charlemont, e observando o flanco direito do General Blucher. Aos 13, tinha o seu quartel-general em Namur.

Passagem do Rheno pelo exercito Alliado, chamado o exercito de Silezia, composto de Prussianos e Russianos.

No 1. de Janeiro o exercito Silezia passou o Rheno em differentes pontos. Os corpos marcharam da maneira seguinte: a diviso Russiana do General Langeron diante de Mentz, tendo a sua guarda avanada para a parte de Treves, e as divisoes de Sachen e York juncto ao Saare; e a diviso de Kleist em reserva. Estas quatro divisoes, incluindo a cavallaria, se podem avaliar em 50.000 homens.

O Duque de Ragusa retirou-se  vista destes corpos sem soffrer perca alguma. Elle tomou uma posio juncto ao Saare; e mandou metter mantimentos em Saare-Louis e Niche; mudou-se para Mayence, e esteve alguns dias

diante daquella cidade, para fazer que sahisses della todas as pessoas inuteis á sua defeza, e completar o seu provimento para um anno. Occupou St. Michel e estava alem de Verdum aos 19 deste mez, sem ter tido acção alguma de consequencia. Verdum estava provida, armada, e em bom estado de defenza.

A divisaõ de Sachen estava em Pont-a-Mourson; a de York em frente de Metz; a de Kleist diante de Thionville, a de Langeron juncto a Metz.

A infantaria deste exercito está toda empregada no bloqueio da fortaleza. O rigor da estação, o mau tempo, e os multiplicados bivouacs tem augmentado a dessolação das molestias entre as tropas, cuja saude estava ja arruinada pelas fadigas da campanha. Os hospitaes na retaguarda do exercito estão cheios, e as estradas cubertas de corpos, e cavallos mortos.

O Prefeito e Mayor de Metz, o Sub-Prefeito de Thionville e em geral, toda a população do Messin tem merecido os louvores no Imperador.

Entrada na Suissa do exercito do Principe de Schwartzemberg, composto de Austriacos, Russianos, Bavaros, Wurtemberguezes, e Badezes.

Aos 20 de Dezembro, o Duque de Belluno tinha o seu quartel-general em Strasburg. O 5. corpo de cavallaria, com uma divisaõ de infantaria, occupa Colmar. Landau, Strasburgo, Schelestadt, Novo-Brisack, e Huninguen estavam armadas, e providas. O conde Roederer, o Commissario Extraordinario, e Baraõ Belleville e o *Maitre-de-Requêtes* resolvêram ficar em Strasburgo para animar as guardas nacionaes.

O exercito de Schwartzemberg, que se avalia em 100.000 homens, incluindo 15.000 Bavaros, 8.000 homens de Wurtemberg, 4.000 de Baden, e o corpo Russiano de Wittgenstein, entraram na Suissa aos 21 de Dezembro. O General Bubna, commandante da guarda avançada, mar-

chou para Berne, e dali para Genebra, aonde chegou aos 28. Esta praça, que he cercada com muralha e bastioens, abrio as suas portas em consequencia do máo comportamento do Prefeito, e más disposiçoens dos habitantes, vertigem do momento. Os Altos Senhores do pequeno Conselho, pensáram que este era o momento favoravel para restabelecer a sua aristocracia; e appareceu uma proclamação assignada por todos elles. Porém o partido democratico ficou enfurecido com esta usurpação: o General Austriaco declarou, que não se intrometteria nestas disputas; e que éra ésta uma cidade Franceza, que elle occupava nos acontecimentos da guerra. Os Altos Senhores descêram des seus assentos como soberanos; e no fim de 24 horas tornou a municipalidade Franceza a reasumir as suas funcçoens, e se continua a exercitar a justiça em nome do Imperador.

Aos 16 de Janeiro havia somente uma guarnição de 800 Austriacos em Genebra. Os postos avançados Francezes estavam a tiro de canhão da cidade. O Barão Finot, Prefeito de Mont Blanc, organizou rapidamente um corpo livre, e a leva em massa; cujo commando tomou o general de Divisão Conde Desaix. O territorio de Mont-Blanc parece estar seguro contra todo o ataque. O forte Bareaux está provido de mantimentos; o corpo de tropas de linha, as guardas nacionaes, e os voluntarios, que se formam em Chamberry, se augmentam todos os dias; chegam ja a 8.000 homens.

O departamento de Isere se distinguio outra vez pelo patriotismo, de que tem dado provas em todo o tempo. Levantou-se em massa, á voz do Commissario Extraordinario, o Conde St. Vallier. O General Marchand comanda as guardas nacionaes, e a leva em massa. Aos 16, havia em Grenoble 15.000 homens em armas; estava-se organizando ali rapidamente um parque de 60 peças de artilheria. As fortalezas de Besançon, Fenestrelles, e Mont Dauphine, estão providas.

O Departamento de Drone, que ao principio não tinha mostrado tanto ardor como o do Isere, se estava pondo em movimento. As tropas de linha de Toulon e Marseilles, e as guardas nacionaes de Provence vaõ em marcha para reforçar o exercito de Dauphine. Havendo algumas tropas da guarda avançada do general Bubna entrado no departamento do Ain, occupáram Bourg, depois de experimentar alguma resistencia da parte dos habitantes.

Aos 19, os postos avançados do inimigo estavam a tres leguas de distancia de Lyons.

O Marechal Duque de Castiglione foi para o Dauphine, para ajunctar todas as tropas, e marchar em força para Lyons e Genebra. O General Musnier occupou Lyons, e era destinado a obter na margem direita do Saone.

O Commissario Extraordinario, Conde Chaptal, e o Conde du Bondy, Prefeito do Rheno, tem feito tudo quanto se podia esperar delles. Os habitantes de Lyons tem mostrado muito ardor e patriotismo. Sendo a cidade ameaçada, muitas familias se retiráram, e o valor dos bens que se tem mandado para as montanhas, se julga ser de 100 milhoens de livras.

De Bourg, o Conde Bubna mandou tropas ligeiras em todas as direcçoens. Quinze hussares apparecêram em frente de Maçon. Havia ali tropas, e guardas nacionaes, para defenza da cidade: porem o Mayor de Maçon, e o Mayor de St. Laurent, atraçoando a confiança publica, soffrêram que a ponte do Saone fosse occupada por 50 homens do inimigo.

Aos 16, a força do inimigo em Maçon era de 300 cavallos. Este comportamento he uma nodoa indelevel para os habitantes daquella cidade, e um contraste com a heroica devoção de Chalons.

Uma partida do inimigo appareceu diante desta ultima cidade: os Chalonezes corrêram ás armas: as guardas nacionaes de Autun marcharam em seu auxilio: os habitantes de Charolois descêram das montanhas; quatro peças de ferro viéram de Creuzit; barricáram-se as pontes,

construíram-se redutos ; e o povo se poz em estado de defesa.

Aos 18, o inimigo tinha sido repulsado em todos os seus ataques. Outra divisaõ do exercito do Principe Schwartzenberg tinha avançado para Besançon. O Conde Marulaz tinha tomado o commando da cidade ; apoiado pelo Barão de Bry, Prefeito de Doubs ; elle em poucos dias municiou Besançon, que se armou e poz em estado de defesa. O General Marulaz mandou sahir varios destacamentos, que tem sorprendido, e cortado varias partidas do inimigo. Elles avaliam em 15 ou 16 mil homens de tropas Austriacas, que se acham em frente de Besançon, e que mandam destacamentos em todas as direcçoens.

Um destes destacamentos appareceo em frente de Dole : 150 homens de cavallaria fôram sufficientes para occupar aquelle lugar ; tendo recebido reforços de infantaria, avançaram para Auxone, porém a guarniçaõ fez uma sortida, derrotou-os, e expulsou-os para além de Dole.

Os habitantes do pequeno lugar de St. Jean de Lorne defendéram a sua ponte, e tomáram 14 prisioneiros. Um capitaõ de cavallaria do inimigo foi morto por uma cutilada, que lhe deo um official reformado, o qual se tinha posto á frente das guardas nacionaes.

Outro corpo do Principe Schwartzenberg marchou para Huninguen, e depois de ter bombardeado a praça por 4 dias mudou o assedio em bloqueio. Aos 17, as noticias de Huninguen, Schlestadt, e todas as praças do Rheno eram perfeitamente satisfactorias.

Algumas tropas do mesmo exercito apparecêram em frente de Befort, depois de ter perdido 1500 homens em um assalto, mudáram igualmente o assedio em bloqueio. Aos 16, as noticias desta praça éram satisfactorias.

Outro corpo do exercito do Principe Schwartzenberg tinha marchado para Epinal, e dali para Nancy. Aos 19 os seus postos avançados estavam defronte de Toul. O Duque de Belluno estava por detraz do Meuse, e Void occupando Commercy, e communicando com o Duque de Ragusa.

Aos 12 o Duque de Treviso estava em Langres. Tinha defronte de si o corpo do General Giulay, que tambem he parte do exercito do Principe de Schwartzenberg. Aos 13 e 14, o Duque de Treviso mandou tropas contra a avançada do inimigo, que contava de 1.800 homens; 300 caçadores, de infantaria das guardas novas, conduzidas por alguma gente do paiz, marcháram á uma hora da manhã para a retaguarda do inimigo, que tinha acabado de pegar em armas, atacou-o com a bayoneta, matou 500 ou 600 homens e tomou-lhes 150 prisioneiros.

Aos 19, em consequencia dos arranjamientos geraes, o Duque de Treviso tomou uma posiçãõ em Chaumont, aonde se lhe tinham unido duas outras divisoes, e um parque de 70 peças d'artilheria.

Dous batalhoens de Wurtemberguezes, vindos do Epinal se adiantáram demasiado, o Duque de Treviso, depois de lhe dar uma canhonada por 10 minutos, atacou-os á bayoneta com 60 granadeiros das guardas, que lhe offerecêram os seus serviços. Estes dous batalhoens foram repulsados por 60 homens e lançados ao rio; 80 foram tomados prisioneiros.

Estão-se formando campos de reserva em Meaux, em Soissons, Chalons, Troyes, e Arcy-sur-Aube.

Cem esquadroens de reserva de cavallaria se entãõ formando em Meaux, e Melun, sob os generaes de divisaõ Bordesoult, e Pajol.

As guardas nacionaes de Normandia, Poitou, e Bre-tanha vaõ em marcha para reforçar os campos de Meaux, Soisson, e Troyes.

Esta-se ajunctando em Chalons um parque de 600 peças de artilheria, debaixo do commando do General Ruty.

He chegado o momento, em que de todas as partes deste vasto Imperio, os Francezes, que deséjam livrar brevemente o seu territorio dos inimigos, e conservar a honra nacional que temos recebido de nossos antepassados, devem pegar em armas, e marchar para os campos,

que são o lugar de ajuntamento dos valorosos, e verdadeiros Francezes. O inimigo annuncia, que invade a França com 200.000 homens. Ha 20.000 no Brabante, 50.000 do exercito de Silezia diante de Mentz, Sarre-Louis, Luxemburg Thionville e Metz; e 100.000 no exercito do Principe Schwartzenberg, que está em Bourg, ante Besançon, Huninguen, Schlestadt, e Befort, e da parte de Langres,

Exercito da Italia.

Aos 12, o Vice-Rey tinha o seu quartel-general em Verona. Elle tinha communicação com Veneza, aonde ha uma numerosa guarnição. Palma Nuova e Osopo, estão providos para dez mezes. O exercito do Vice-Rey tinha 60.000 homens effectivos em armas; exclusivamente das guarnições.

O exercito de reserva em Alexandria he de 24.000 homens. Esta praça, e a cidadella de Turin estão completamente armadas e providas. Os exercitos de Italia vâm pôr se em movimento.

A conscripção de 1813, se está levantando no Piemonte, para reforçar o exercito de reserva de Alexandria. Os habitantes dos departamentos d'Alem dos Alpes, manifestam o melhor espirito.

Exercito do Norte.

A desersão de 8 batalhoens do 3º. e 4º. regimentos estrangeiros, e de dous batalhoens compostos de Hollandezes, que formáram a maior parte da divisaõ do General Molitor; tendo deixado a Hollanda sem defeza, e estando em estado de insurrecção as cidades de Amsterdam e Haya; o General Molitor metteo immediatamente uma guarnição em Naarden, e o General Rampon se fechou em Gorcum. Mandáram-se tambem tropas para Bois-le-Duc. Bergen-op-zoom recebeu uma guarnição de 5.000 homens. Succedendo-se os acontecimentos com rapidez, se diffundio um terror panico entre as pessoas que dirigiam os negocios militares em Antwerpia, e se ordenou a evacuação da importante praça de Williamstadt, e Breda.

O inimigo se aproveitou do erro, tomou immediatamente posse dellas; e Williamstadt veio a ser o seu ponto de apoio para os desembarques. O General Graham tirou partido disto, e desembarcou uma columna de milicias Inglezas de 4 a 5 mil homens. Na evacuaçãõ de Williamstadt foi taõ grande a confusaõ, que se deixou ficar a polvora, a artilheria, e uma flotilha, cuja equipagem somente quasi éra sufficiente para defender a praça. O ministro da guerra ordenou immediatamente ao General Roguet que marchasse para Breda, e trabalhasse por tornar a tomar aquella praça, antes que o inimigo pudesse lançarlhe mantimentos dentro, e estabelecer-se ali firmemente.

Aos 22 de Dezembro o General Roguet marchou contra a cidade de Breda, derrotou os corpos avançados, cercou-a, e lançou-lhe algumas bombas. Elle esperava fazer-se Senhor da praça quando soube, que um corpo de Inglezes tinha desembarcado em Tholen, e estava marchando para se postar entre elle e Antwerpia. Elle portanto julgou conveniente aproximar-se mais desta praça, e tomou uma posiçãõ em Hoogstraten.

O General Maison foi nomeado para o commando do 1.º corpo do exercito d' Antwerpia. Elle se apressou a completar o aprovisionamento de Bergen-op-zoom por nove mezes. Os fortes de Batz, Lillo, e Liefkensock, estavam armados, e provisionados; Flessinguen e Terveer receberam mantimentos para um anno; em fim as praças na margem esquerda do Scheldt, taes como Ysendick, Hultz, e os fortes da ilha de Cadsand, estão completamente armados, e provisionados. O General Maison se empregou tambem em augmentar o seu corpo com todos os batalhoens que se tinham completado nas praças fortes de Flandres.

Aos 11 de Janeiro, o General Bulow desembocou de Breda um corpo de 10 a 12.000 homens; e marchou para Hoogstraten. O General Roguet tinha a sua esquerda em Wesel occidental; o seu centro em Hoogstraten. A brigada Aimard, que formava a sua direita occupou Turn-

hout; e recebeu ordens de se inclinar para Lierre; o que impedio que tomassem parte nesta acção. Uma columna do inimigo desembocou por Meer, em quanto outra columna de 12 batalhoens marchou contra Wortel. O General Roguet postou um batalhaõ do 12º. de atiradores, no adro da igreja de Minderhout: este batalhaõ repulsou todos os ataques do inimigo, e se cubrio de gloria. A estrada de Meer foi defendida com igual successo. O inimigo redobrou os seus ataques em todos os pontos da linha, e foi repulsado em toda a parte, com perda enorme, e sem poder desdobrar em frente de Hoogstraten. O General Roguet, tendo sabido pela noite, que uma columna de 4.000 Inglezes, sob o commando de Sir Thomaz Graham, que tinha sahido de Rosendael estava marchando para Antwerpia, e ignorando as forças dos differentes corpos do inimigo que podiam atacar, julgou necessario aproximar-se mais de Antwerpia, para apreciar melhor o desenvolvimento delles, e concentrar a sua propria defeza. Elle se inclinou para Wizingeem, aonde sustentou a sua direita: a sua esquerda estava connexa com o corpo de Antwerpia, que occupou Merxen e Deurne. Passou-se o dia 12 em fazer movimentos e disposições para dar ao inimigo bom acolhimento; o qual, depois das consideraveis perdas que soffreo aos 11, avançou com grande precaução.

Aos 13 pelas 8 horas da manhã, o corpo de Bulow, desembocou pelas estradas de Braaschet, e Turnhout, em quanto uma columna de infantaria ligeira, que chegou pela via de Schoten tentou separar o General Roguet da aldea da Deurne que foi defendida por uma brigada das guardas novas. Ao mesmo tempo o corpo de Graham atacou Merzen, que estava occupado por 4 batalhoens dos trabalhadores de marinha. A canhonada começou ao longo de toda a linha, e o inimigo avançou em força contra Winingeem, a nossa artilheria o derrotou: elles fizeram os maiores esforços, e ate sacrificáram alguns soldados para forçar a aldea. O General Roguet avançou com cinco batalhoens, e o inimigo foi completamente repulsa-

do. A morte do general de brigada Avy occasionou alguma pequena desordem na nossa esquerda ; um batalhão do 4.º regimento de infantaria ligeira se distinguio por sua firmeza e restabeleceo a ordem. A aldea de Merxen foi occupada pelo inimigo, por um momento. As nossas tropas se tornáram a formar juncto a Bame, e pouco depois foi o inimigo repulsado. O corpo de Bulow se retirou precipitadamente para Turnhout, e o de Graham pela estrada de Bergen-op-zoom.

Aos 12 o General Maison, enganado por noticias falsas pensando que o inimigo avançava contra Diest e Louvain pela Campina, levou consigo a brigada Aimard, do corpo do general Roguet ; unio com ella a divisaõ Barrois, que estava em reserva em Diers, o com a cavallaria tinha avançado na direcçaõ, que elle presumio que o inimigo tomaria. Quando descubrio que as noticias que tinha recebido eram falsas, ficou certo de que a victoria estava decidida, e que o inimigo ãa em plena retirada. Mas se não fosse esta circumstancia que nos privou por um momento de parte das nossas forças, seria mui possível, perseguindo o inimigo vivamente, o repulsálo para alem do Waal ; e fazer levantar o cerco de Gorcum.

As tropas do Norte estão em parte empregadas nos bloqueios de Wesel, Naarden, Gorcum, Deventer, e do Helder.

Quando o valoroso almirante Varhuel foi informado da entrada do inimigo em Hollanda, elle se retirou para o Helder ; e occupou os fortes de Lazalle e Morland, o outros pontos fortificados, que cobrem o Helder e Moerdike. Tem-se empregado todos os meios de persuasaõ, para o fazer atraioar os seus deveres. “ Eu tenho mantimentos para dez mezes,” foi a sua resposta “ prestei juramento de fidelidade ao Imperador dos Francezes.”

O admiravel systema de defenza, que tem assegurado o Helder, contra todo o ataque, he devido ao Coronel de Engenheiros M. Paris. Se se tem despendido muitos milhoens, temos ganho a inestimavel vantagem, de possuir

a chave do Zuyderzee. Por falta de ter tomado esta precaução he que a Republica de Hollanda perdeu duas esquadras desde 1793. A guarnição do Helder tem feito varias sortidas, e expulsado o inimigo até Alkmar. A guarnição de Gorcum, tem igualmente feito varias sortidas, com o que occasionou consideraveis perdas ao inimigo.

—◆—

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

BRAZIL.

Julgamos ser do nosso dever lembrar, em um dos Nos passados do nosso Jornal, a necessidade que tinha a Côrte do Brazil, de nomear Ministros Diplomaticos de conhecida habilidade, que assistissem ao Congresso das Potencias, no caso de uma pacificação geral. A partida do Ministro dos Negocios Estrangeiros Inglez para o Continente; e o annuncio das gazetas Francezas, de que uma personagem de igual character publico se destina a encontrar-se com aquelle, são motivos bastantes para suppor, que dentro em mui breve tempo, se abrirá um Congresso geral; e nos da occasião a repetir a nossa observação, sobre a falta de um Plenipotenciario Portuguez nesta occasião.

Importa pouco para a nossa questão o averiguar, se deste ajuntamento de Plenipotenciarios resultará ou não a pacificação geral; basta que se tracte disso para que seja necessario a Corte do Brazil o ter ali o seu Representante, que poderia muito bem ser o Ministro que residisse juncto á Corte de Austria, ou de Russia; com tanto, que estivesse munido de poderes e instrucções a este respeito.

Ha quem tenha espalhado em Londres, que o motivo porque o Conde de Funchal aqui se tem demorado, he porque tem intrucções particulares, para tractar dessas negociações na paz geral; e que por isso não tem entregado o lugar ao seu successor.

Nós duvidamos muito do facto; e Deus não permita que tal calamidade venha aos Portuguezes; mas se isso assim he ? porque existe elle em Londres, quando as negociações se vão começar em Basilea?

He mui possível, que o Conde de Palmella tenha boas razões para se ter demorado em Londres um anno, sem que se saiba por que espera; mas de certo não pôde haver boas razões para que, de uma parte d'onde meos deviamos esperar taes gracejos, se diga; que o seu predecessor o empalha mandando lhe pedir por além via, que publique no Investigador a sua traducção Franceza do Camoens. Espalhar taes rumores he ajunetar o insulto á injustiça; porque não se pôde ver a sangue frio um diplomatico, aliás acreditado na Diplomacia, vencendo os seus ordenados, para não lhe permittirem o fazer mais do que mandar versos ao Investigador. Quanto á nossa opinião decididamente he, comparando os dous condes, que seria de infinita mais vantagem deixar o Ex^{mo}. Funchal fazer quantas analizes quizesse aos versos Hexametros; e mandar o outro a cuidar de

suas funcçoens Diplomaticas, para o que seu Soberano, não sem bastante justiça, o nomeou.

Porém sem entrar na pessoa ou pessoas, que devem representar a Corte do Rio-de-Janeiro nesta importantissima occasiaõ ; quando se consideram os interesses, que se vão a discutir no futuro Congresso, a magnitude do objecto ; a parte que Portugal deve naturalmente ter nisso, não pôde deixar de reparar-se em que tres ou mais Plenipotenciarios não estivessem já nos quartéis generaes dos Alliados, ou não partissem para lá ao mesmo tempo que Lord Castlereagh, com os poderes e instrucçoens necessarios em tão critico momento.

Em tempos, como o presente, em que se não tracta somente a questãõ da paz ou da guerra ; mas da firmeza dos estados antigos, da creaçãõ de novos, de estabelecer as regras geraes do commercio do mundo ; e talvez de prescrever o direito publico, porque as naçoens do globo se haõ de governar em seus deveres, umas para com outras ; porque fatalidade não ha de Portugal ter um sufficiente numero de homens intelligentes, revestidos com o character diplomatico, que advoguem os seus interesses na grande assemblea das naçoens ?

Por varias vezes temos examinado a opiniaõ de alguns, que disculpam esta falta de vigilancia nos Ministros de Portugal, ja com a pequenez da monarchia Portugueza ; ja com o muito que devemos descançar na amizade da naçaõ Ingleza. Uma vez que continua o mal de se crer em similhantes erros ; he preciso continuar o remedio de os combater.

Portugal, nem he uma naçaõ tão pequena, que não possa figurar entre as Potencias do Mundo ; nem deve deixar á Inglaterra o cuidado de negociar sobre os interesses meramente Portuguezes.

Quanto á primeira parte, argumentamos ja em outro lugar com o exemplo da Suecia, comparando os pequenos recursos daquella naçaõ com os muitos que possui Portugal ; e vemos que por haver a Suecia entrado na liga contra a França obteve a sancçaõ dos Alliados, para forçar a Dinamarca a que lhe cedece a Norwega. Ora, Portugal tem soffrido nesta guerra um pezo muito maior do que a Suecia, tem contribuido com mais gente, e mais dinheiro, e portanto deve esperar mais lucros que a Suecia ; esta adquirio a Norwega ; Quaes são os que espera Portugal ?

A Corte de Hespanha, instigada pelos Francezes, fez guerra a Portugal, e tomou-lhe Olivença ; porque Portugal se considerou *pequeno* cedeo ésta injusta conquista aos Hespanhoes ; que tendo altamente declarado injustos, e oppressivos todos os actos dos Francezes na Peninsula, não podem deixar de reconhecer a injustiça daquella guerra, em que Olivença foi tomada para agradar aos Francezes. Os Portuguezes, pequenos, ou não pequenos, tomaram Olivença aos Francezes, que estavam de posse della, e continuáram a ajudar os Hespanhoes a retomar dos Francezes as outras terras de Hespanha ; Logo que tem a pequenez de Portugal para que não torne a possuir a praça d'Olivença ; que era sua ; que lhe foi injustamente tomada pelas intrigas dos Francezes ; e que foi retomada não aos Hespanhoes, mas aos Francezes ?

Sõ a pequenez de Portugal não pôde ser obstaculo para recobrar

Olivença ; tambem não pode servir de objecção para tornar a haver as possessões que tinha na margem esquerda do Rio-da-Prata.

Lembremo-nos outra vez do exemplo da Suecia. Esta nação, antes de entrar na liga contra a França, estipulou, como se vê de seus tractados as vantagens, que havia de tirar da guerra, se ella fosse bem succedida ; e por tanto offereceo de sua parte as tropas que tinha ; e exigio da parte dos Alliados um subsidio para as pagar ; e que lhe havfiam de garantir a pösse da Norwega, e a Inglaterra deo-lhe de mais a mais uma ilha no golpho Mexico.

Não he pois porque Portugal sêja pequenino, que não se estipulou alguma cousa em seu beneficio, em troco das tropas e despezas, com que concorreo para a guerra ; he sim porque o bem-aventurado Embaixador que aqui tem o Príncipe Regente em Londres, deixou ir um exercito Inglez a Portugal, sem fazer ajustes ou estipulações ; e seu irmaõ no Rio-de-Janeiro louvou este systema, para supportar o *pacto familias* ; e por fim á força de erros diplomaticos foram os exercitos Portuguezes fazer a guerra á França atravessando toda a Hespanha ; sem saber como, nem para que, e feitos um rebauho de carneiros ; tomárem dos Francezes até o que era seu de Portugal para o dar aos Hespanhoes.

Não se precisa mais do que comparar a prudencia com que o Governo Sueco fez as suas estipulações e contractos, antes de se envolver na guerra, com o descuido e desmazêllo com que o Embaixador Portuguez em Londres deixou passar todas as occasiões de propor negociações vantajosas, para saber que o mal não provem de ser Portugal pequenino.

A Hespanha achava-se em muito peor situação do que Portugal, quando a Inglaterra lhe offereceo os seus serviços ; mas ainda assim não os aceitou sem fazer tractados, e entrar em estipulações.

A Hespanha estava sem Governo ; Portugal tinha o seu Governo ; simplesmente havia a differença de se haver mudado a corte para o Brazil. A Hespanha chegou a estar na completa occupação militar dos Francezes, excepto Cadiz, e outros pontos, que não desfazem a proposição geral. Portugal, desde que se revoltou, nunca os Francezes o occuparam senão parcialmente. A Hespanha tinha as suas colonias revoltadas ; Portugal possuia pacificamente todas as suas.

No meio pois de todas estas differenças a favor de Portugal, este reyno sujeitou-se a fazer guerra aos Francezes mesmo alem de seus paizes ; entrando em combinaçãõ com os Alliados ; sem que estipulasse para si vantagem alguma das que Hespanha segurou ; porque até mesmo o subsidio que a Inglaterra dá a Portugal foi estabelecido de maneira, que alguns dos mesmos Inglezes lhe tem chamado uma esmola ; e he ésta esmola a unica vantagem que Portugal tem de esperar de seus esforços na guerra.

Mas porque não se chama esmola, o subsidio pago á Hespanha, ou á Suecia ? Por uma razão bem simples ; porque os subsidios áquellas nações são dados em virtude de tractados solemnes, publicados ao mundo para hora de ambas as nações ; e para mostrar, que são um equivalente no contracto igual, e reciproce de duas nações independentes, *do ut des*, ou *do ut facias*. Portugal trabalha, sem que lho agradeçam, e o que

recebe vem com o nome de esmola ; porque se não fizêram os ajustes de que nenhuma nação se esquece.

Quanto ao outro refugio des nossos politicoens de descançar confiadamente na Alliança da Inglaterra ; temos ja combatido este absurdo ; mas diremos mais uma palavra.

Primeiramente he ignominioso que nação alguma independente se entregue de todo a outra para tractar os seus negocios. A Inglaterra he o melhor alliado de Portugal ; e para conservar esta alliança se devem fazer, com razaõ, milhares de sacrificios ; mas ser alliado não he ser colonia ; ser amigo não he ser pupilo.

Supponhamos agora, que Lord Castlereagh se achava no Congresso de Basilea, tractando a paz ; e que, por não haver ali Ministro Portuguez, se encarregava de ajustar o que pertencesse a este alliado da Gram Bretanha ; Que idea taõ despresivel não faria dos ministros Portuguezes, este mesmo Lord Castlereagh ?

Deixemos de parte a ignomia : pensemos aos interesses. Não he de suppor que Lord Castlereagh, ou outro algum negociante Inglez, entenda dos interesses de Portugal ; por melhor que sêjam os seus desejos de o servir. Alem de que pode haver interesses de Portugal, que se intromettam com os da Inglaterra ; e nesse caso por força Lord Castlereagh ha de preferir os seus aos alheios.

Por exemplo : supponhamos que na pacificaçãõ geral, os Americanos dos Estados Unidos faziam proposiçoens á Corte do Rio-de-Janeiro, sobre o poderem negociar no Brazil, pescar n'aquellas costas ; e metter nos portos os seus navios, tanto mercãntes como de guerra ; concedendo por estas vantagens, equivalentes que as compensassem. Neste caso ; poderia o Ministro Inglez ser o canal proprio para tractar tal negociaçãõ ? Em similhante caso, não nos admiraria entãõ ver, que os ignorantes gritassem aqui d'El Rey contra os Inglezes, e que os vilhacos se aproveitassem deste grito para intrigar ; sem que queiram reflectir, que o Ministro Inglez faria o seu dever ; e que a culpa éra inteiramente dos Portuguezes. Ouviriamos outra vez os mesmos argumentos, que se fazem a respeito do tractado de commercio, isto he, que os Portuguezes se devem deitar a dormir ; não empregar pessoa alguma, que entenda que dous e dous saõ quatro ; e dahi chamar aos Inglezes uns malvados, que não estudaram os interesses de Portugal, para os estabelecer no tractado, ainda que fosse em preferencia dos seus propios Inglezes.

ESTADOS UNIDOS.

Recebemos em Londres a falla do Presidente dos Estados Unidos ao Congresso, aos 12 de Dezembro passado. He um papel demasiado extenso para o inserir-mos neste N.º. mas assaz interessante para o deixar-mos registrado no seguinte. Começa fazendo uma recapitulaçãõ das vantagens que tem obtido as armas Americanas : expõem a razaõ por que se malogrou a embaixada que mandara á Russia ; repete os argumentos contra o comportamento da Inglaterra, nos varios pontos que saõ o motivo da guer-

ra; e anima os seus concidadãos a prosseguir com vigor a defeza dos seus direitos

Uma das gazetas Inglezas observou que Lord Grenville declarara ha alguns annos no Parlamento, que em toda a sua carreira diplomatica em que tinha tractado com pessoas de varios humores, e differente habilidade, nunca negociára diplomaticamente com homem de mais simples sabedoria, nem de espirito mais honrado do que M^r. Madison. O character de Lord Grenville faz com que não supponhamos, que elle exaggerou as suas asserçoens; porque não he acostumado a isso; d'onde concluimos que M^r. Madison se acha essencialmente mudado. Os factos de suas conquistas, não são mais do que exaggeraçoens grosseiras; e muito pelo contrario a admiração he como um punhado de Inglezes no Canada tem podido derrotar tantas vezes as forças dos Estados Unidos, e tomar-lhe prisioneiros tres generaes. Os argumentos, de M^r. Madison, são não somente fracos, mas até sophisticos; principalmente no que respeita as naturalizaçoens; e sobre o emprego dos Indios nesta guerra. Por fim os successos da Europa, actualmente, são de tal maguitude, e tocam-nos tão de perto; que nem temos lugar de demorar-nos com esta pequena guerra da America, nem achamos, que será assas interessante para attrahir a attenção de nossos leytores, caso pudessemos achar lugar e tempo para nos entretermos com esta materia.

FRANÇA.

Este paiz acha-se actualmente invadido por numerosos exercitos no sul e norte; e nesta parte se acham os Alliados já em Nancy, e outros lugares na distancia de pouco mais de 200 milhas de Paris. A p. 128 achará o Leytor a conta que dão as mesmas gazetas Francezas da passagem do Rheno pelos Alliados; e admiraria ver até que ponto se atreveo o Governo Francez a descubrir a verdade, se não se considerasse, que lhe he impossivel occultar os factos aos mesmos Francezes, visto que elles não podem duvidar dos seus cinco sentidos, quando os cossacos lhes estão impondo contribuiçoens.

A moderação que Bonaparte mostra, e os desejos de paz que inculca, são mui naturaes, vista a derrota de suas tropas; e podemos estar seguros, que quanto mais batido for, mais moderado se mostrará. A p. 8, transcrevemos os decretos, porque se nomeáram Commissarios Extraordinarios com plenos poderes, para exercitar nas provincias as mesmas funcçoens, que o despota supremo exercita em Paris: he esta uma medida completamente revolucionaria; que mostra os esforços expirantes do poder de Bonaparte.

Mas estes e outros actos de despotismo absoluto, longe de firmarem o poder vacilante de Bonaparte deram a mais tremenda concussão ao credito publico. Todos os credores do Banco de Paris, concorrêram a pedir pagamento; com o que seria a exaurir a especie do Banco: neste aperto se ajunctaram, aos 18 do corrente, os 15 Directores do Banco, tres censores, e o Governador (que he tambem conselheiro d'Estado) e deliberando sobre o estado do commercio de Paris, decidiram fazer uma bancarrota par-

cial; declarando que tinham fundos sufficientes para pagar a todos os credores; mas que para evitar que sahisse a moeda toda do banco, visto o alto preço porque se paga o ouro; resolvêram não pagar cada dia mais de 500.000 francos; e isto ainda assim mesmo, sendo preciso que o credor que fosse buscar o pagamento obtivesse primeiro um bilhete dado pelo Juiz do bairro. Esta medida servirá para reter no banco o ouro, de que lançará maõ ou Bonaparte, ou os conquistadores se chegarem a Paris; porém bem longe de remediar o credito publico, não pôde deixar de acelerar a sua ruina.

A este aperto acresce a partida dos Principes de Bourbon para os exercitos Alliados: uns para o sul, outros para o norte da França, ao que devemos tambem ajuntar o rumor da negociaçaõ que se diz ter existido entre Lord Wellington, e Soult e Souchet, sendo este intimo amigo do Principe da Coroa da Succia, e o Principe da Coroa inteiramente do partido de readmittir os Bourbons em França. Monsieur partio de Harwich para os exercitos do Norte, aos 25 de Janeiro. O Duque d'Angouleme embarcou em Falmouth, para o exercito de Lord Wellington aos 21; o Duque de Berry partio para Jersey, provavelmente destinando-se ás costas de França. He portanto chegado o momento de decidir pela experiencia, se a familia dos Bourbons he ou não preferida pelos Francezes, ao despotismo de Bonaparte.

HESPAÑHA.

Temos de notar o importante facto de se haver concluido um tractado entre Fernando VII. e Napoleaõ Bonaparte, para o fim de restituir a Hespanha a seu legitimo soberano. Esta noticia não he authentica, mas refere-se com tantas particularidades, que não podemos deixar de dar-lhe credito. Dizem que Bonaparte desesperando de possuir a Hespanha, e julgando que poderia adquirir em Fernando VII. um novo Alliado, lhe propoz um tractado de paz, cuja baze éra o restabelecimento de Fernando a Hespanha; mas prevendo a difficuldade que haveria na execuçaõ deste tractado, se não se obtivesse approvaçaõ das côrtes, mandou um emissario a Madrid para obter esta approvaçaõ. O commissario foi o Duque de S. Carlos; que chegou a Madrid aos 6 de Janeiro; a Commissão permante das Cortes resolveo negar a sua approvaçaõ a este tractado, fundando-se no decreto de 1 de Janeiro de 1811; pelo qual se declaráram nullos e irritos todos os Actos e convençoens, que El Rey fizesse durante o seu captivo, ou em quanto estivesse fóra do territorio de Hespanha. A isto accresce, que o Governo de Hespanha tem requerido, que a Senhora Princeza do Brazil, como immediata successora do throno de Hespanha, venha tomar posse da Regencia. Nos conhecemos bem que este plano não deixa de ter difficuldades; porém elle serve, pelo menos, a demonstrar, que os Hespanhoes estão determiaados não submitter-se ao governo de ninguem, que possa ser influido pela França.

A p. 90 copiamos uma carta de Lord Wellington, em que justifica a demora das tropas Inglezas em Cadiz e Carthagená, contra as insinuaçoens

que tinham feito sobre isto algumas gazetas Hespanholas. He um papel mui bem escripto cheio de dignidade, moderação, e argumento.

INGLATERRA.

Entre os notaveis acontecimentos desta guerra, he o mais notavel a Ordem em Conselho: que publicamos a p. 41 em que se permite commerciar com certos portos da França; motivou esta resolução a seguinte ordem do dia de Lord Wellington.

Quartel-general, Dezembro 19, 1813.

Tendo tomado em consideração a necessidade de fixar as bazes sobre que se regule o trafico e commercio nos portos da Navarra Franceza, que existem ao sul do Adour, o Commandante em chefe dos Exercitos Alliados faz saber:—

1º. Que estes portos seraõ considerados livres e abertos, para os individuos de todas as naçoens (à excepção daquellas que estiverem em guerra, com alguma das potencias Alliadas) e para todos os generos quaesquer.

2º. Cobrar-se-ha em todas as fazendas importadas, por mar para estes portos, um direito de 5 por cento ad valorem; exceptuando destes direitos os seguintes artigos. Trigo, milho, farinha, cevada, centeio, farellos, biscoito, paõ, feijão, ervilha, e sal.

3º. As fazendas e mantimentos importadas por mar para os exercitos Alliados, seraõ izentas de pagar o direito determinado no artigo 2º.

4º. As municipalidades ficam encarregadas da organizaõ dos estabelecimentos necessarios para a cobrança dos direitos, e ellas submitteraõ ao Commandante em Chefe, os regulamentos para a execuçaõ do serviço de que saõ encarregadas.

5º. As municipalidades faraõ um relatorio todas as segundas feiras ao Commandante em Chefe, das importaçoens da semana precedente, especificando a somma dos direitos cobrados, e elle lhes dara ordem para a sua applicação.

WELLINGTON.

A comparaçaõ destas ordens, pelas quaes os Inglezes, permitem o commercio, em portos de França e cobram ali os direitos, com os Decretos de Berlin, e Milaõ, pelos quaes se declaram as ilhas Britannicas em estado de bloqueio, naõ póde deixar de produzir, em todas as pessoas que reflectem, a intima convicçaõ de quam inconsiderados tem sido todos os planos de Bonaparte. Querendo abarcar o Governo da Europa, disputar a liberdade do Baltico, deixou aberta a porta, para que seus inimigos fossem dar a ley a sua mesma casa; tentando anihilhar o commercio dos Inglezes nas partes mais remotas do Mundo; até o ponto de querer emprehender mandar um exercito por terra, que expulsasse os Inglezes da India; e mantendo emissarios na Corte de Persia para este effeito, se deixou invadir em seu territorio, e tem a mortificação de ver a estes mesmos Inglezes dando leys, e impondo regulamentos sobre o commercio dos portos da França. He este improvidente Bonaparte, a quem os cegos admiradores de suas vantagens ephemeras accumulavam de epithetos os mais lisongeiros, e até quasi deificaram; como se merecesse algum credito por seus talentos o salteador, que á frente de uma quadrilha rouba os passageiros ou saquea algumas aldeas.

Ao mesmo tempo que o credito publico em Paris se acha inteiramente destruido pela improvidente ambição de seu Governante, os fundos publicos da Inglaterra se acham no mais prospero estado ; o que se chama *Omnium*, se vende com o premio de 20 por cento ; e todos os mais á proporção.

PORTUGAL.

Começamos este N.º. com as ordens, e cartas officiaes, em que, pela authoridade do Principe Regente da Inglaterra, se põem fora de toda a duvida o valor das tropas Portuguezas. Depois a p. 87 e p. 96 damos os testemunhos do Marechal Beresford, e varios Officiaes-generaes Inglezes, sobre o comportamento dos Portuguezes como soldados. Tambem transcrevemos por extenso, da gazeta official de Lisboa, as listas dos mortos e feridos, nos combates que houveram em França, para que, registrando assim estes factos, contribuamos com o que está de nossa parte, para deixar aos vindouros estes padroens da gloria nacional: e tambem para responder, com tão authorizadas opinioens, ás calunnias, dos detractores da Nação Portugueza.

A ignorancia em que na Europa se estava dos negocios de Portugal, éra procedida de não haver naquelle reyno gazetas, e periodicos, que publicassem ao mundo o que nos Portuguezes merecia louvor ; e dessa ignorancia procedia o acreditarem-se quantas calumnias viajantes perversos ou mal informados espalhavam a respeito de Portugal. Agora porém abunda Portugal de periodicos, aonde, pelo menos, se acham registrados os feitos em armas do Exercito Portuguez ; e portanto ja a calumnia não poderá desculpar-se com a ignorancia.

Naõ pretendemos paliar os erros passados do Governo Portuguez ; nem nos cegamos ao ponto de não conhecer, que fallam em Portugal innumeraveis instituicoens publicas, que podiam existir ali, assim como existem em outras partes da Europa, contribuindo ja para a felicidade publica, ja para favorecer o espirito nacional. He contra esses erros do Governo, e para os ver remedios, que conduzimos o nosso Jornal no systema que inventamos, para abrir na lingua Portugueza nova carreira de ideas por meio da imprensa, de que até entãõ não havia exemplo ; e nem nos desanimáram as difficuldades, nem nos aterrou o temor dos inimigos, que contamos attrahir contra nos ; nem se frustráram as nossas esperanças de alcançar reforma em alguns pontos ; principalmente na instituicaõ de novos, e multiplicados periodicos em Portugal, que cada dia se aproximam mais e mais ao ponto de perfeicaõ, que taes obras necessitam para serem uteis á nação.

Mas destes mesmos defeitos do Governo, e systema da administraçaõ, temos argumentado, e argumentamos a favor do character dos Portuguezes ; porque, se a pezur de tantas desvantagens, a nação pôde elevar-se ao indisputavel grão de gloria militar em que se acha ; porque não seria igualmente grande em todos os mais ramos, se os Portuguezes tivessem a felicidade de gozar de muitas instituicoens publicas, que saõ a baze, e fundamento da elevaçãõ de outras Naçoens?

Occupamos- nos em outro tempo, com responder ás calumnias, que se publicáram em alguns periodicos Inglezes contra os Portuguezes. Hoje em dia não nos cançaremos com isso ; porque só algum obscuro, e ignorantissimo edictor se atreve, contra á evidencia de documentos e provas irrefragaveis, a fallar em menos cabo dos Portuguezes ; mas convem lembrar, que no “*Courrier*” de 5 deste mez, ainda appareceo alguma insinuação a este respeito ; a cuja estupidez não julgamos que devemos dar outra resposta, senão, recommendar-lhe que leia os documentos que publicamos neste N.º ; seria por-nos a par de sua ignorancia entrar em disputas com elle mas he confor-me com o nosso dever apontar-lhe as fontes aonde deve aprender as materias sobre que escreve.

Poderá haver um official Portuguez, que se comportasse mal ? dar-lhe hemos nomes de officiaes Inglezes, que mal tem obrado, se tal retorsão he argumento : regimentos Portuguezes terão merecido censura ? poderiamos citar factos desta natureza em regimento de cavallaria Ingleza. Mas quem julgou nunca o character de uma nação pelo comportamento de um individuo, ou de um regimento ? Dumourier mandou desarmar dous regimentos Francezes, por-lhes rocas ás cintas, e neste estado os enviou a Paris ; por se terem portado cobardemente. ¿ Quem argumentará daqui, que as tropas Francezas são todas compostas de poltroens ? O caso he tão claro, que até nos parece que as poucas palavras que dissemos são ja demasiadas.

A p. 112 damos um documento, pelo qual se annuncia a conclusão de um tractado entre Portugal e a Regencia de Tunis, negociado pela intervenção do Governo Britannico. He assim, que vemos cada dia novos motivos para louvar a intima uniaõ e Alliança das duas Naçoens ; e desejar ao mesmo tempo que a Portugueza tire os fructos desta amizade, que um Governo sabio pode colher, ao mesmo tempo que mostre a sua inclinação para mutuos serviços.

EXERCITOS ALLIADOS NO NORTE DA FRANÇA.

Pelos officios que publicamos neste N.º, a p. 67 se vê que os Alliados passaram o Rheno em varios pontos ; o que se confessa plenamente nas gazetas Francezas, de que damos extractos a p. 113.

A passagem do Rheno se fez nos seguintes pontos. O Conde de Bubna, que se apossou de Genebra, destacou corpos para Gex, e S. Claude, e se assegurou das passagens da Suissa para a França. O Principe Schwartzberg tinha o seu Quartel-general em Altkirk, aos 3 de Janeiro. Outro corpo de tropas investia Hunninguen. O Conde Wittgenstein cruzou o Rheno em Fort Louis, 24 milhas a baixo de Strasbourg, na sua esquerda communica com o General Wrede, o qual passou o Rheno juncto a Brizac o Novo. A vanguarda do General Blucher passou o Rheno juncto a Coblentz, na noite do 1.º de Janeiro.

O Conde Wittgenstein chegou a Saverne aos 9 do corrente. Os Alliados acham-se ja em Dijou, Langres, Nancy, e Vesoul, e mui proximos a Lyons.

No meio disto Bonaparte sahio de Paris aos 27 de Janeiro, para tomar o commando do exercito : mas não se diz aonde pertende estabelecer o seu quartel-general, nem as tropas que tem junctas: suppoem-se porem que são numerosas, mas faltas de cavallaria, as tropas alliadas que estaõ ja em França, e algumas dellas a 300 milhas de distancia de Paris, sobem u mais de 200.000 homens. Tal he a situaçã das cousas, que Bonaparte, na sua falla de despedida que fez aos seus officiaes, recommendando lhes a Imperatriz Maria Thereza, e o filho, admite a probabilidade de que os Cosacos possam ir insultar as barreiras de Paris, e conjura os Parisianos a que nesse caso se defendam a si e à Imperatriz.

He logo evidentissimo, que ou os Francezes sejam ou não sejam a favor de continuar a familia de Bonaparte no throno da França, se elle perder a batalha que se deve dar nos campos de França, e mui proximo a Paris, (talvez juncto a Chalons,) tal batalha será a ultima em que Bonaparte represente o papel de Imperador; porque, nesse caso Paris, ne tomada; ali apparecerá um Principe dos Bourbons; e todo o resto das armaçoens Imperiaes dos Bonapartes cahiraõ por terra ipso facto. Esse sera o momento em que Lord Wellington irá a Paris dar e receber parabens ao Principe da Coroa. Pode sem temeridade anticipar,se o prazer de ver o soldado Portuguez vindo de uma extremidade da Europa, juncto ao Tejo, dar as mãos ao soldado Sueco, que da outra extremidade da Europa ali veio ter para o mesmo fim.—A exterminaçã da tyrannia.

A Gazeta de Rotterdam, intitulada o Rotterdam Courant, de 13 de Janeiro refere a seguinte anecdota.

“Quando o Feld-Marechal Principe Schwartzenberg observor a derrota dos Francezes depois de se haver pelejado por tres dias, juncto a Leipsic, desejou levar elle mesmo a noticia a seu soberano, que estava com o Imperador de Russia, e Rey de Prussia sobre um Outeiro, cousa de duas milhas distante do campo de batalha. O Feld Marechal partio a todo o galope, e fazendo uma continencia de espada ao Imperador disse; “Saiba Vossa Magestade, que a batalha está acabada; o inimigo, derrotado em todos os pontos, foge—a victoria he nossa.” O Imperador levantado os olhos ao Ceo, não deo outra resposta senão derramar duas lagrimas; e peando-se logo do cavallo pôs em terra a espada e o chapeo, ajoelhou, e de o Graças a Deus em vós alta. Este exemplo foi seguido pelos outros dous Monarchas, os quaes tendo tambem ajoelhado, repetíram “Deus está com nosco.” Os officiaes presentes ajoeláram todos, e por alguns minutos houve um profundo silencio. Depois do que mais de cem vezes gritáram junctamente “Deus he com nosco.”

SUECIA.

A paz entre a Dinamarca e a Suécia foi oficialmente annunciada em Londres no seguinte bulletin :

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 25 de Janeiro, 1814.

“ Mr. Thornton assignou com o Plenipotenciario Dinamarquez um tratado Definitivo de paz e alliança, entre S. M. e Dinamarca.

“ Todas as conquistas lhe seraõ restituídas, excepto Heligoland. Libertar se-haõ todos os prisioneiros de guerra de ambas as partes. A Dinamarca se unirá aos alliados com 10.000 homens, se a Inglaterra lhe der um subsidio de 400.000 libras, no anno de 1814. A Suecia cederá a Pomerania á Dinamarca, em troco pela Norwega. Stralsund continuará a ser o deposito dos productos Inglezes. A Dinamarca fará tudo que estiver em seu poder para abolir o commercio da escravatura. A Inglaterra será mediadora entre a Dinamarca, e os Alliados. ”

CORRESPONDENCIA.

Mil perdoens, Senhor Redactor, mil perdoens tenho de lhe pedir pela antiga culpa de minha incredulidade sobre alguns artigos, que Vm^{ce}. escrevia: graças á triste experiencia! já estou deenganado de que tudo eram verdades, como as de geometria; e posto que os Godoyanos (palavra, cuja invenção faz muita honra ao engenho de Vm^{ce}.) ladrassem, e ladrem, querendo denegrilo com a alcunha de revolucionario atroz, calumniador, &c. &c. sempre lhe digo, que o mau que agora lhe acho (perdoe me, Senhor) hé uma excessiva moderação. Ah! se eu entendesse tanto de politica, como entendo de partidas dobradas, eu fizera bem a cama a esses Godoyanos, e a esses outros, que Vm^{ce}. em outra parte de seu papel, tambem engenhosamente, appellida, Suissos literarios.

Mas não percamos o fio da nossa historia: he o cazo: quando Vm^{ce}. nos dizia, no fim de cada mez, que a familia dos Souza estava, sem o merecer, de posse dos mais importantes postos do estado, cuja ruina sem duvida iam accelerar; quando Vm^{ce}. nos comparava o foguetreiro Secretario, o sacrista governador, e o satiro diplomatico aos tres Gerioens da fabula, na verdade lhe digo que sempre pensei alguma indisposição menos justa, e excesso da parte do Redactor; porem a verdade hé, Senhor, que em Vm^{ce}. tal excesso não havia, e só em mim se dava parte da *superabundante boa fé*, que em o seu cavalleiro descobriu o Doutor Cardozo.

Sim, Senhor Redactor, eu dizia comunigo: *quem sabe? isto não pode ser tudo verdade: o diabo não hé tão feio como o pintam*: ai! era assim, éra assim, Vm^{ce}. mostrava documentos do que dizia; mas eu cego não queria ver a luz. Parecia obstinação a minha cegueira; e agora que tenho clara a minha razão, admiro me, como havendo eu tomado tão poucos copos de neve em South Audley street, fosse tão accerrimo defensor do dono da caza: quando este perseguio dois Portuguezes (o Correa e o Consul de Liverpool) e os obrigou a despejar um paiz livre; quando elle foi o mo-vel, e agente principal de soffrerem tanta avaria e prejuizos as propriedades Portuguezas aqui detidas; quando por sua prepotencia, contra os deveres de seu cargo encurralou aqui os Portuguezes, e os reduziu á homenagem de 13 milhas, concertando-se com o *Alien Office* que ainda assim a não tivessem sem uma carta de S. Ex^a.; quando tantos desserviços foram feitos á nação; por que magico prestigio, ou por que fatalidadé fechei eu os olhos á luz, que tão claro me amostrava as malfetorias do genio das trevas?

Porem, Senhor, o que de todo me abriu os olhos foi um documento, que veio no jornal de S. Ex^a. do mez passado, e pelo qual nos consta, que S. Ex^a. encommendára a letrados o negocio das reclamações das prezas portuguezas feitas pelos cruzadores inglezes na costa d' Africa. Boa a fez S. Ex^a. em entregar o cazo a letrados! hé o mesmo que meter o Investigador em maons de medicos! Ha de tirar lhe bom fructo. Ora quando todos

pensavam que aquelle negocio éra só tractado de corte a corte, sahe-se-nos S. Ex^a. ou (o que hé o mesmo) os seus Consultos, dizendo, *que os proprietarios fariam muito melhor para os seus interesses de proseguirem as appellaçoens, no caso que lhes seja dada licença.* Isto quer dizer, vaõ desde ja fazendo estomago para o ultimo golpe, quando se lhes declarar, que naõ teve bom effeito o negocio tractado de corte a corte.

Senhor Redactor, veja mais abaixo o que diz S. Ex^a. ou os tais Doctores.

“As representaçoens do Embaixador directamente ao governo seraõ mais fortemente sustentadas, no caso que eventualmente fiquem mallogradas as diligencias para obter justiça pelo cannal legitimo do tribunal supremo, do que apertando agora com o governo, antes de ter havido recurso aquelle tribunal.”

Aqui del Rey, Senhor Funchal, e Senhores Letrados! Apertem-me esta cabeça! Pois *as representaçoens do Embaixador ao governo seraõ mais fortemente sustentadas, quando pelo Cannal legitimo do tribunal supremo forem julgadas injustas as appellaçoens, e por isso naõ providas?* O contrario nos parece que deve naturalmente acontecer, pois em tal caso o Governo inglez diria com razaõ ao Embaixador Portuguez. Meu amigo, nada te podemos já fazer, nada podes alcançar de nós, quanto ás reclamaçoens; se este negocio naõ houvesse sido decidido, e julgado injusto, e indevido, como o foi, *pelo cannal legitimo do tribunal supremo*, ainda poderiamos com uma medida geral, que se confundisse com a justiça e com a generosidade, determinar a restituicão das prezas; mas agora que estas tem sido julgadas boas *pelo cannal legitimo do tribunal supremo* (e por conseguinte injustas as appellaçoens) como queres tu, Funchal, que o governo faça uma injustiça? Naõ; em Inglaterra naõ há despotismos contra sentenças, que passarã em julgado taõ pouco deves pertender, nobre Embaixador, que o governo liberal indemnisse os teus do thezouro publico; esta pura liberdade cabe mal em um negocio, que por injusto o naõ merece.

Esta, me parece, seria em tal cazo a language justa do governo Inglez; mas, naõ será assim; eu cá naõ sou letrado, nem diplomatico; naõ hé com tudo pouco notavel o artificio do Conde de Funchal em todo este enjooativo aranzel, e longo arrazoado; porquanto por entre as sombras do cruel dezengano, espalha, e deixa luzir algumas esperanças de que ainda se poderá conseguir alguma couza pelas negociaçoens de corte a corte, que S. Ex^a. atesta estarem ainda pendentes. Ah! pichotes! naõ sejas credulos: esta manobra tem por fim apartar por ora vossa inteira indignaçãõ contra o negociador, e ao mesmo tempo facilitar a este os meios de ficar por aqui per secula seculorum, impondo ao publico que o negocio das reclamaçoens, e outros appendiculos entram no rabo, que ainda está por esfolar ao infelicissimo tractado. O Conde de Linhares teve a bazofia de o dar por eterno, e naõ se enganou; que eternas saõ as negociaçoens de seu irmaõ. Se as couzas vaõ por este andar, tem este de comprar nova zaza em Ording.

Porem deixando agora á parte couzas de commercio (que todavia me tocam bem de perto) vamos a outros pontos e que lhe parece a Vmce. a incivilidade, que o nosso Embaixador obrou no jantar do Club, em os annos da nossa Raynha. Veio tarde, e a más horas, quando devia ser mais prompto em dia taõ solemne (mas isso passe: pois estaria a consultar os Letrados em o negocio das reclamaçoens) o que naõ pode passar hé, que bebendo-se á sua saude depois de o Prezidente ter proposto esse, *toaste*, elle, como se fõra villaõ ruim, bebeo com os outros á sua mesma saude; ficou muito enchuto, e couza de agradecer nada de novo. Ora saiba, Senhor diplomatico (que bem razoens tinha para ser mais delicado) saiba, que até la em as nossas terras, quando o dono da caza bebe á saude de um gapateiro, este logo lhe retruca—*Viva meu compadre, obrigado: lá vai á saude da comadre.* Saiba, que em o mesmo jantar, quando se bebeo á saude do seu successor, e do conselheiro de embaixada, estes agradeceram o favor da companhia. Saiba, que se o Principe de Galles fosse a tal jantar, e ali o brindassem, elle infallivelmente, agradeceria, porque ali naõ hé reputado superior, mas sò convidado; mas de certo naõ hé para mim um problema que o Funchal mui accinte, e de reixa velha commetteo aquella grosseria no club portuguez; pois este comportamento concorda em tudo com o orgulho, e soberba d'elle fidalgo, e com o comportamento aviltante, que há tido com o club portuguez, des de a sua instituiçaõ, e o qual tem querido governar, naõ como composto de respeitaveis Negociantes; mas como se o fosse de caixeiros da regia administraçaõ.

Agora, para coar as virtudes do senhor Conde, sempre lhe quero contar um cazo, que hé mais verdadeiro do que tudo o que imprime o evangelho politico de capa amarella, e que naõ tem trez dias de acontecido. Hé o cazo: acha-se aqui um Clerigo d'alem Doiro, de appellido—o Azevedo; este, talvez por influxos do clima, teve cossegas de imprimir uma memoria livre, que havia feito contra os monopolios da companhia dos Vinhos do Douro; com effeito o bom homem imprimio-a (contudo naõ sem a cautella de a ler 1.º em manuscripto a S. Exª que a aprovou) mas que hade acontecer? o demo tentou o author para lhe fazer, como fez, alguns acrescentamentos, em que se commettia o *sacrilegio* de se chamar periodico util ao Correio Braziliense &c. &c. S. Exª. aventou isto; e mais com penna de perum, do que de secretaria, escreveo muitas garatujas em uma carta, que mandou ao tal Azevedo, e as quais garatujas, bem decifradas diziaam assim.—

“Vmce. naõ espalhará exemplar algum da sua memoria, sem que esta seja presente a S. A. R. e se algum tiver espalhado, cuide em o haver outra vez á maõ: do contrario, Vmce. naõ tornará a apparecer em caza aonde eu esteja, e conte com eu informar a seu respeito para a Corte do Rio de Janeiro, e para os governadores do Reyno, por maneira, que Vmce. nunca mais torne a dominios de Portugal.

FUNCHAL.

Veja Senhor Redactor, que atrocidade em o nosso Ministro, meter-se a censor das obras portuguezas, escriptas em um paz livre! Que Godoyano! Fiem-se lá em suas palavras, e systemas liberaes, e filosoficos! Aonde Vmce. o vé, hé mais fanatico do que o Marquez de Ponte de Lima; elle vale todas as inqüzicoens d' Hespanha; e se por desgraça dos Portuguezes elle chegar ao ministerio (oqual por óra lhe naõ parece taõ pingue, como a embaixada de Londres) os Portuguezes veraõ por elle sò exercitada na maior extensaõ possivel a tyrania, e despotismo parcial de Jozé Anastassio Lopes, Almada, Manique e C^o.

Pego lhe, Senhor Redactor, que faça pela imprensa conhecido este *firman* que acima copiei, de nosso Vizir, ou Baxa de trez caudas; seja Vmce. o açoite d'elle, e será o seu eterno aßeigoado.

UM HOMEM LIVRE.

Carta ao Redactor sobre a justificação do Conde de Funchal na supposta accusação de desencaminhar as cartas alheias que lhe raõ ter á maõ.

Lisboa, 15 de Dezembro, 1813.

SENHOR REDACTOR!—Um dos meus correspondentes nessa cidade me transmittio uma das circulares impressas, que o Consul Portuguez em Londres remetteo aos Portuguezes, (e a muitos negociantes estrangeiros) residentes em Inglaterra, e que contem a defenza do Conde de Funchal, em uma accusação, que elle suppoz que se lhe fizera; e esperando eu que V. M. fizesse menção disto; pois he natural suppor que tambem recebesse a circular, ou a visse na maõ de outrem; já se passaram dous N^os. seus depois disso, sem que V. M. sobre a materia dissesse uma so palavra. Este o motivo; porque o importuno com estas poucas linhas; Antes porém de passar a diante permita-me, que lhe transcreva a circular; e que lhe rogue a publicação della, junctamente com as minhas duvidas a este respeito; a ver se alguem se encarrega de as satisfazer.

(Circular.)

Londres, 28 de Setembro, 1813.

SENHOR,—Por ordem do Embaixador remetto a V. M. a declaração incluzida, para sua intelligencia. De V. M. seu criado muito obediente — Joachim Andrade. C. G.

D. Domingos Antonio de souza continho, Conde de Funchal, do conselho de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, nosso Senhor, seu Embaixador Extraordinario, e Plenipotenciario juncto a S. M. Britannica, &c. &c. &c.

A todos os fieis vassallos de S. A. R. residentes na Gram Bretanha — Faz saber

Que havendo casualmente visto em um folheto impresso em Londres, no presente anno, e com o titulo; *O Author da Explicação imparcial*: o seu nome citado, e as suas açoens representadas com uma falsidade escanda-

iosa,* e persuadido que o Real serviço se acha vivamente interessado na reputaçã das pessoas em quem o soberano deposita a sua confiança.— resolveo-se mandar imprimir para satisfacçã de todos os feis vassallos do Principe Regente Nosso Senhor os dous documentos seguintes.

Primeiro—A attestaçã que passou o Official do Correio Geral, quando entregou nesta secretaria mal aberto um masso dirigido—Ao Illustrissimo Jozé Diogo Mascarenhas Neto : viz.

I hereby certify, that I delivered at No. 74, South Audley Street, a large letter directed to Ao Illustrissimo Senhor Jozé Diogo Mascarenhas Neto: marked, ship letter; sealed with red wax; marked V. J. F. C., but with the joining of the paper broken.

(Signed)

Philips, Postman.

Witness, James Vinson.

Traduçãõ.

Attesto, que entreguei em No. 74, South Audley Street, um masso dirigido no Illustrissimo Senhor Jozé Diogo Marcarenhas Neto: marcado, ship letter; e selado com lacre encarnado, e notado com as letras, V. J. F. C. mas com a capa rasgada.

(Assignado)

Philips, Postman.

Testemunha, James Vinson.

Segundo—O Officio com que elle (Embaixador) remetteo ao Conde de Linhares (que Deus haja em Gloria) o sobredicto masso, assim como outro que lhe foi dirigido por Jacome Ratton.

No. 257.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.—Havendo-me Jacome Ratton feito apresentar os dous massos inclusos, pedindo-me os quizesse remetter a V. Ex^a. para serem entregues ás illustres pessoas a quem vaõ dirigidos, julguei naõ dever recussar de o fazer, tractando-se dos Ex^{mos}. Senhores Conde de Aguiar e Galveas. Por tanto tenho a honra de os mandar a V. Ex^a. ainda que eu ignoro o seu contheudo.

Aproveito ésta occasiaõ para remetter a V. Ex^a. o masso No. 3, que aqui veio ter sem se saber como, dirigido a Jozé Diogo Marcarenhas, cujo contheudo igualmente ignoro; e oiço que o sobredicto J. D. Mascarenhas partira de Inglaterra para Succia. Deus guarde a V. Ex^a. muitos annos. Londres 21 de Agosto 1811—Ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sñr. Conde de Linhares.

(Assignado)

D. DOMINGOS ANTONIO DE SOUZA CONTINHO.

CONDE DE FUNCHAL.

Londres, 28 de Septembro 1813.,

* No dicto folheto a p. 81, accusa-se o Embaixador de ter aberto um masso, para Jozé Diogo Marcarenhas Neto, e de o ter interceptado.

Naõ entrarei, Senhor Redactor, no exame miudo das informalidades deste papel. Nós conhecemos muito bem mesmo aqui em Lisboa, os procedimentos do Conde de Funchal em Inglaterra: sabemos, que o que elle chama um Official do correio Geral, e se assigna Philips, naõ he se naõ um humilissimo creado do correio, que serve, como muitos outros em Londres de entregar as cartas pelas casas, officio que aqui fazem os gallegos; tambem nos informaõ de que o tal testemunha Vinson naõ he outro senaõ um dos creados do mesmo conde: mas nada disto faz ao caso; porque a mera palavra do conde valia mais que similhante miseria de atestaçoens.

Porem; tcomo succede neset caso, que o Conde de Funchal, cuja doctrina he que naõ deve dar satisfacçoens a ninguem pelo que faz, ou manda fazer; se humilha-se a dar uma satisfacçaõ publica official, para se justificar da accusaçãõ?

¿ Que direito tem o Conde de Funchal, de fazer pagar a minha casa em Londres, o porte da carta, para me dar a saber a mim e aos meus socios, (que nos naõ importa que o conde abra ou naõ abra as cartas alheias que lhe vaõ ter á maõ, com tanto que naõ sêjam as nossas), as disputas que elle tem com o Ill^{mo}. Jozé Diogo?

Masja que o Sñr. conde se dignou fazer o publico juiz desta controversia, deverá ouvir a minha opiniaõ, pois sou um desse publico, para quem elle appella; e posso assegurar-lhe que ha muita gente boa, que pensa como eu.

O conde diz na carta a seu irmaõ, que naõ sabe como a carta de Jozé Diogo foi ali ter. Esta asserçaõ quanto a mim se convence de falsa, pela mesma attestaçãõ que elle produz nesta circular; porque escrevendo a seu irmaõ, que naõ sabe como a carta ali foi ter; publica a attestaçãõ do criado do correio, que lha entregou. Logo soube muito bem como ali foi ter. Os mensageiros, ou entregadores de cartas do correio em Londres, quando naõ sabem aonde moram as pessoas, aquem as cartas saõ dirigidas, vaõ indagar, de suas connexoens, e no caso dos estrangeiros, aos consules e ministros; e o costume he, que ninguem recebe do correio e paga o porte de uma carta, que lhe naõ pertence, senaõ para a entregar a seu dono. O conde, pela sua mesma confissaõ, recebeo esta carta de Jozé Diogo, naõ para a entregar a seu dono; mas para a mandar ao conde de Linhares: ¿ que nome tem istó senaõ interceptar cartas alheias?

Que remettesse ao Conde de Linhares as cartas que lhe entregou Jacome Ratton, entendo eu; mas ¿ quem o encarregou de remetter ao Conde de Linhares, uma carta que estava no correio, dirigida a Jozé Diogo Mascarenhas Neto? ¿ Que tem o Conde de Linhares com as cartas de Neto?

Aqui se disse em Lisboa que o Conde se determinou a publicar esta circular, contra a opiniaõ de seus amigos; porque assim lhe aconselhou um rapaz chamado Arrioz, ou Arrias, que escreve na sua Secretaria; mas fosse quem fosse o que lhe aconselhou tal medida, a responsabilidade das consequencias he do Conde.

¿ Quem authorizou o Ministro para interceptar em Londres as Cartas dos Portuguezes, que lhe vaõ ter á maõ ? Naõ seguramente seu Amo ; pois nunca me capacitarei que S. A. R. se abatesse ao ponto de dar ordens a seu Ministro em Londres, para que saque do Correio as cartas de individuos Portuguezes, e as remetta para a Secretaria de Estado do Rio-de-Janeiro. Se tal ordem existisse perder-se-hia a confidencia publica na entrega das cartas do Correio, e os Portuguezas residentes em Inglaterra, para receberem as suas cartas seguras, se veriam na necessidade de fazer com que os seus correspondentes lhes escrevessem debaixo de capa a algum Inglez ; sugeitando-se antes ao augmento de despeza, que este plano lhes causaira, do que correr o risco de que as cartas fossem a entregar a casa do Embaixador, e elle pagasse o porte, para as apanhar, e remetter a seu irmão no Rio-de-Janeiro. Persuadido pois que S. A. R. nunca podia tal mandar, sou de opiniaõ, que este acto he mera obra das de poticas ideas do Conde de Funchal.

O miseravel conselheiro, qme foi causa desta circular, talvez fosse instigado por alguém que tivesse em vista o ridicularizar o Conde ; se assim he : quem quer que mecheo os arames por de traz da cortina obteve o seu fim maravilhosamente ; porque nem eu, nem muita gente em Portugal sabia de tal passagem do folheto de que o Conde se queixa, e que (infelizmente para elle) está nesta circular. Esta circular portanto deo a conhecer o facto, confessado pelo Conde ; isto he que pagou o porte ao Correio da Carta de Jozé Diogo, naõ para a fazer remetter a seu dono, mas para a interceptar, e mandar para o Rio-de-Janeiro. ; Eisaqui os grandes serviços que o Conde ésta fazendo, em Londres, aos Portuguezes.

O motivo de appellar para o publico, diz o Conde, que he por que o Real Serviço se acha vivamente interessado na sua reputaçãõ. Com o devido respeito engana-se o Senhor Conde. A sua vaidade o fará crer que he uma personagem de grande importancia; aqui julga-se de outro modo. V. M. mesmo Senhor Redactor tem demonstrado que elle naõ tem nenhuma jurisdicçãõ sobre os Portuguezes residentes em Inglaterra ; e quanto aos que temos a felicidade de viver na nossa Patria, debaixo da protecçãõ de nosso Soberano, rimo-nos á nossa vontade da vaidosa arrogancia com que esse homem lá faz proclamaçoens, e expede decretos, qual outro Sancho em sua ilha.

A sem cerimonia com que o Conde de Funchal fez metter a maõ n'algi-beira a muita gente para pagar o porte desta circular ; sem que ninguem lhe importe saber desta disputa entre o Conde e Jozé Diogo, ou quem quer que foi que escreveu a accusaçãõ de que elle se queixa ; me faz lembrar aqui, a igual sem cerimonia com que se gasta o dinheiro do Erario do Rio-de-Janeiro, em imprimir cartas circulares, que a ninguem importam se naõ a elle conde, fazendo do dinheiro da Coroa roupa de Francezes. Se as listas das despezas da Secretaria se examinassem no Erario do Rio-de-Janeiro com a cautella, que a materia exige, seguramente as parcellas desta natu-

reza, que se servem á vaidade de um individuo, se não levariam em conta, com os demais gastos, que na realidade são para utilidade publica, principalmente em tempos calamitosos, em que he necessaria a mais estricta economia.

Eu não me desejo inculcar por superintendente das Finanças do Principe Regente Nosso Senhor; mas como tambem contribuo com a minha parte dos tributos para as despezas publicas, por força me ha de doer, quando vejo o dinheiro do Erario exposto a estes e outros desperdicios, para satisfazer a nenhum individuo seja elle quem for.

Finalmente observarei sobre as palavras que o Conde diz, “estar persuadido, de que o Real Serviço se acha vivamente interessado na reputação das pessoas em quem o Soberano deposita a sua confiança;” que no numero destas pessoas não contamos nós aqui pessoas que obram como o Conde de Funchal, que occupa o lugar de Embaixador em Londres; por que S. A. R. ja o apeou daquelle lugar, ha mais de um anno; e o seu successor se acha em Londres há muito tempo, sem que o Conde lhe queira entregar o lugar; logo, longe de que o Soberano deposite nelle alguma confiança, o mandou retirar do lugar, aonde o Conde de Funchal se deixou ficar contra as ordens que recebo; deve portanto o lugar que occupa não á confiança do Soberano; mas sim ao consummado desprezo com que elle costuma tractar as ordens desse mesmo Soberano; o qual, se a prudencia o faz dissimular actos de desobediencia de suas supremas ordens, saberá, quando for tempo oportuno, satisfazer sua justiça com o devido castigo dos culpados. He em casos semelhantes, em que a opinião publica, e os votos da nação se acham sempre da parte do Soberano.

Sou com todo o respeito,

Senhor Redactor,

De V. M^{te}. Muito Venerador,

E do meu SOBERANO,

UM VASSALLO FIEL.